

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (MESTRADO E DOUTORADO)

JANETE DO NASCIMENTO BOENO

**A ABORDAGEM SOCIORRETÓRICA: UM ROTEIRO PARA A ESCRITA DO
GÊNERO “ARTIGO DE OPINIÃO” NO CONTEXTO DE VESTIBULAR**

MARINGÁ

2021

JANETE DO NASCIMENTO BOENO

A ABORDAGEM SOCIORRETÓRICA: UM ROTEIRO PARA A ESCRITA DO
GÊNERO “ARTIGO DE OPINIÃO” NO CONTEXTO DE VESTIBULAR

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração Estudos Linguísticos.

Orientador: Prof^o Dr Wiliam César Ramos

MARINGÁ

2021

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

B671a

Boeno, Janete do Nascimento

A abordagem sociorretórica : um roteiro para a escrita do gênero "artigo de opinião" no contexto de vestibular / Janete do Nascimento Boeno. -- Maringá, PR, 2021.
128 f.: il., figs.

Orientador: Prof. Dr. William César Ramos.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Letras Modernas, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2021.

1. Ensino aprendizagem - Escrita. 2. Sociorretórica. 3. Gênero textual. 4. Artigo de opinião. I. Ramos, William César, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Letras Modernas. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDD 23.ed. 411

JANETE DO NASCIMENTO BOENO

**A ABORDAGEM SOCIORRETÓRICA: UM ROTEIRO PARA A ESCRITA DO GÊNERO
ARTIGO DE OPINIÃO NO CONTEXTO DE VESTIBULAR.**

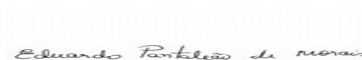
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: **Estudos Linguísticos.**

Aprovada em 24 de setembro 2021.

BANCA EXAMINADORA



Profª Drª Roselene de Fátima Coito
Membro do Corpo Docente (UEM/PLE)



Prof. Dr. Eduardo Pantaleão de Moraes
Membro Convidado UNEAL – São Miguel dos Campos-AL



Prof. Dr. William César Ramos
Presidente - Orientador (UEM/PLE)

Eu acredito que se reconhecemos os estudantes como agentes, aprendendo a usar criativamente a escrita dentro das formas interacionais tipificadas, mas dinamicamente cambiantes que chamamos de gêneros, eles virão a entender o poder da escrita e serão motivados a fazer o trabalho árduo de aprender a escrever efetivamente. (BAZERMAN,2006)

Ao meu neto Miguel: ser avó é ser mãe
com açúcar!

AGRADECIMENTOS

À Jeová, Deus de amor e benignidade.

Aos meus filhos Eldevan Junior, Jean Michel e Lucas. Cada um com sua singularidade: Obrigada pela espera e abraço reconfortante. Vocês me fizeram mãe e uma pessoa melhor. Amor infinito.

Ao meu esposo Josley, meu amor todo e para sempre: gratidão pelos olhares de afeto e cada chá preparado para que eu suportasse a jornada exaustiva de trabalho e pesquisa. Você sempre será o meu melhor amigo. Amo você!

Ao Professor Doutor Wiliam César Ramos, que me aceitou como orientanda, pacientemente, me tomou pelas mãos, ajudando a definir o norte desta pesquisa, orientando-me com plena competência e compreensão, sempre entendendo as minhas limitações e diversas vezes sendo, com sua escuta ativa e sobretudo afetiva, ouvinte de minhas angústias e medos, e a cada etapa concluída, o mestre que vibra com seu aprendiz. Palavras não podem expressar a minha gratidão a esse ser iluminado que és!

Aos Professores Doutores: Pedro Navarro, Flávio Brandão, Neil Armstrong, Edson Romualdo e Dulce Elena, que ministraram as disciplinas que foram de valor imensurável para a construção da professora pesquisadora: cheguei uma e saio outra.

Ao amigo e “chefe”, Geraldo Teixeira que, de forma humana e ética, sempre esteve me apoiando quando precisei, com adequações nos meus horários e dias de trabalho. Você é incrível.

Ao amigo Wesley Mateus: obrigada pelos cafés sorvidos sempre apressadamente, cada almoço e cada palavra de apoio compartilhada. Você fez a diferença em dias conturbados, trazendo acalento e esperança.

À amiga Talita: diz o poeta que no meio do caminho tinha uma pedra. No meu caminho tinha você. Essa pedra preciosa, brilhante, valiosa, que tornou o caminho suave, na medida do possível. A jornada ficou mais leve por ter você comigo, essa vitória é sua também. Gratidão sem fim.

Aos colegas Maurício Bernardo, Oscar Felipe, Jennifer Marinho, Anna Clara, Joyce, e Flávia pelo companheirismo e amizade inesquecíveis. Cada um de vocês foram especiais e marcaram essa etapa positivamente. Imensa gratidão pelas conversas,

compartilhamento de leituras e também pelos momentos de riso e descontração, afinal, nem só de seriedade eram feitas as nossas conversas.

Aos membros da banca de qualificação e defesa Professor Doutor Eduardo Pantaleão de Moraes da Universidade Estadual de Alagoas e Roselene de Fatima Coito, Professora Doutora da Universidade Estadual de Maringá. Obrigada pelo aceite e disponibilidade em realizar uma leitura atenta, e, arrisco dizer, afetiva, de minha pesquisa. Os apontamentos feitos, de forma clara e concisa, foram de suma importância para a melhoria deste trabalho. Minha gratidão imensa.

Por fim, o meu profundo agradecimento a todos que passaram pela minha história até aqui, e que, direta ou indiretamente, acreditaram no meu projeto e torceram por mim. Meu sincero muito obrigada!

RESUMO

O cerne desta pesquisa é a produção do gênero textual artigo de opinião em uma perspectiva sociorretórica e no contexto de vestibular. Essa temática está vinculada à necessidade dos alunos em identificar as características do referido gênero. A partir disso, delimitamos como objetivo geral elaborar um roteiro de escrita do gênero artigo de opinião baseado na proposta de Swales(1990) e Swales e Feak (2012) e como objetivos específicos: a) montar um *corpus* de 30 artigos de opinião do vestibular de inverno da UEM /2019; b) analisar a organização retórica das redações do corpus de modo a obter um modelo de organização retórica; c) selecionar as tarefas propostas por Swales (1990) e Swales e Feak (2012) que servirão de base para a elaboração das tarefas do roteiro de escrita; d) adaptar as tarefas selecionadas para a produção do artigo de opinião no contexto do vestibular. Para a análise de nosso corpus de pesquisa tomamos como arcabouço teórico a abordagem sociorretórica e o modelo CARS de análise de gênero de Swales (1990) e utilizamos a adaptação desse modelo proposto por Ramos, Bicudo e Raimo (2019) direcionado ao contexto do vestibular da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Para o exame do processo argumentativo nesse gênero, tomamos como base a proposta de Perelman e Olbrechts-Tyteca(1999). Com a leitura atenta de pesquisas atinentes ao tema e a análise do corpus chegamos ao resultado de que a organização retórica do gênero artigo de opinião produzido no contexto do vestibular tende a seguir a ordem das funções retóricas típicas desse gênero (Função Retórica 1 – Apresentação do tema, Função Retórica 2 – Apresentação de uma tomada de posição, Função Retórica 3 – Conclusão), apesar da ciclicidade das funções e subfunções retóricas. Observamos também que o contexto de produção pode influenciar tanto na organização retórica quanto nas escolhas dos expedientes linguísticos utilizados pelo articulista do texto. E assim esse resultado subsidiou-nos para elaborar um roteiro que tem a perspectiva de colaborar com o processo de ensino aprendizagem do artigo de opinião no contexto do vestibular, haja vista o fato de que esse é um gênero recorrente nas provas de concursos vestibulares. Essa pesquisa é relevante uma vez que constatamos a ausência de uma pesquisa que, baseada na perspectiva da sociorretórica, oferece um roteiro de escrita do gênero artigo de opinião no contexto de vestibular. Esse roteiro poderá ser adaptado para ser utilizado na produção de outros gêneros textuais.

Palavras-chave: Artigo de opinião. Vestibular. Sociorretórica. Ensino e aprendizagem. Gêneros textuais.

ABSTRACT

The focus of this research is the production of the textual genre opinion article in a socio-rhetorical perspective and in the context of the college entrance examination. This theme is linked to the students' need to identify the structural characteristics and the communicative purpose of that genre. Based on that, we defined as a general objective to elaborate a writing guide of the genre opinion article based on the proposal of Swales (1990) and Swales and Feak (2012) and as specific objectives: a) assembling a corpus of 30 opinion articles from the UEM/2019 winter college entrance exam; b) analyzing the rhetorical organization of the articles of the corpus in order to obtain a rhetorical organization model; c) selecting the tasks proposed by Swales (1990) and Swales and Feak (2012) that will serve as the basis for the development of the writing tasks; d) adapting the tasks selected for the production of the opinion article in the context of college entrance examination. For the analysis of our research corpus, we took as theoretical framework the socio-rhetorical approach and the CARS model of genre analysis by Swales (1990) and used the adaptation of this model proposed by Ramos, Bicudo and Raimo (2019) directed to the context of college entrance examination. For the examination of the argumentative process in this genre, we take as a basis the proposal by Perelman and Olbrechts-Tyteca (1999). By carefully reading the research on the subject and analyzing the corpus, we concluded that the rhetorical organization of the opinion article genre produced in the context of college entrance examination tends to follow the order of the typical rhetorical functions of this genre (Rhetorical Function 1 - Presentation of the theme, Rhetorical Function 2 - Presentation of a position, Rhetorical Function 3 - Conclusion), despite the cyclicity of rhetorical functions and sub-functions. We also observed that the context of production can influence both the rhetorical organization and the choice of linguistic devices used by the author of the article. And so this result allowed us to develop a writing guide that aims to foster the teaching-learning process of the opinion article in the context of the university entrance exam, given the fact that this is a recurrent genre in college entrance examinations. This research is relevant since we verified the absence of research that, based on the socio-rhetorical perspective, offers a writing guide to the opinion article genre in the context of university entrance exams. This writing guide can be adapted to be used in the production of other genres.

Key words: Opinion article. College entrance examination. Socio-rhetorical. Teaching and learning. Textual genres.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Proposta para o desenvolvimento de cursos de inglês (SWALES, 1990).....	36
Figura 2 – Modelo de organização retórica de Oliveira (2004).....	45
Figura 3 – Contexto de produção no Vestibular.....	49

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Modelo cars (create a research space) (1990).....	31
Quadro 2 – Organização retórica do gênero artigo de opinião da esfera jornalística.....	31
Quadro 3 – Organização retórica dos artigos de opinião produzidos no vestibular.....	32
Quadro 4 – Contexto de Produção.	51
Quadro 5 – Comando de Produção.....	51
Quadro 6 – Organização Retórica dos artigos de opinião do corpus de pesquisa.	55
Quadro 7 – Tese explícita no título.....	58
Quadro 8 – Considerações em Redação Acadêmica.....	65
Quadro 9 – Organização retórica dos artigos de opinião do nosso corpus de pesquisa....	90

LISTA DE SIGLAS

AO – Artigo de Opinião

CARS – Create a reseach Space

CD – Comunidade Discursiva

EM – Ensino Médio

ENEM- Exame Nacional do Ensino Médio

ESP – Inglês para fins específicos

FR – Função Retórica

HKSC – Hong Kong Study Circle

LP – Língua Portuguesa

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

SB – Subfunção

UEM – Universidade Estadual de Maringá

UENP –Universidade Estadual do Norte do Paraná

UFCG – Universidade Federal de Campina Grande

WAC – Writing Across the Curriculum

SUMÁRIO

SEÇÃO 1 – INTRODUÇÃO.....	15
1.1 Contextualização da pesquisa.....	15
1.2 Justificativa: Por que pesquisar esse tema?.....	16
1.3 Hipótese e pergunta de pesquisa.....	16
1.4 Objetivos.....	11
1.5 Metodologia e organização retórica da pesquisa.....	17
1.6 O estado da arte.....	18
SEÇÃO 2 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	23
2 –ARCABOUÇOTEÓRICO.....	23
2.1A abordagem sociorretórica de Swales para o ensino-aprendizagem de gêneros textuais acadêmicos.....	23
2.2 O conceito de Comunidade Discursiva (CD).....	25
2.3 O conceito de gênero textual.....	26
2.3.1 A perspectiva bakhtiniana.....	27
2.3.2 O conceito de gênero textual em Swales.....	28
2.4 O modelo de análise CARS.....	30
2.5 O conceito de tarefa em Swales e outros teóricos.....	33
2.6 Retórica: sua gênese e contemporaneidade.....	36
2.7 Sobre Argumentar e persuadir.....	38
SEÇÃO 3 – O GÊNERO TEXTUAL ARTIGO DE OPINIÃO.....	41
3.1 Gênero artigo de opinião na esfera jornalística.....	41
3.2 O artigo de opinião na esfera escolar /acadêmica.....	45
SEÇÃO 4 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS, EXPOSIÇÃO E DISCUSSÃO DA ANÁLISE.....	50
4.1 Natureza da Pesquisa.....	50
4.2 Universo de Análise (<i>corpus</i>).....	50
4.3 Procedimento de Análise do <i>corpus</i>	51
4.4 Contexto de produção do <i>Corpus</i>	51
4.5 Análise da Organização Retórica.....	54

SEÇÃO 5 – AS TAREFAS PROPOSTAS POR SWALES (1990) E SWALES E FEAK (2012).....	64
SEÇÃO 6 – ROTEIRO DE ESCRITA DO ARTIGO DE OPINIÃO.....	76
SEÇÃO 7 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	101
REFERÊNCIAS.....	104
ANEXOS.....	108

SEÇÃO 1 – INTRODUÇÃO

1.1 Contextualização da temática

Os gêneros textuais têm sido o foco de muitos estudos que tomam a linguagem como um fenômeno social e histórico, além de estar intrinsecamente ligado à ideologia, conforme assegura Koch(2002). Para Bakhtin (2003), cada indivíduo produz um conjunto de formas discursivas marcadas a partir de contextos sociais e históricos.

Além da visão bakhtiniana da linguagem em constante transformação e adaptação ganha destaque também os estudos da linguagem (escrita ou oral) numa perspectiva sociorretórica que leva em conta os contextos em que se inserem e as características concernentes a cada um.

Ademais, observa-se uma gama de gêneros textuais cobrados no vestibular desde o ano de 2008, quando a UEM, em consonância com os estudos linguísticos direcionados ao ensino de língua materna, contemplou a produção de textos embasados na teoria dos gêneros textuais. Dentre estes gêneros, selecionamos o artigo de opinião para esta pesquisa, uma vez que os gêneros de natureza argumentativa são os mais solicitados nos concursos de vestibulares.

À vista disso e tomando como premissa a orientação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (BRASIL, 1998) de que as práticas pedagógicas se organizem a partir de gêneros textuais, essa pesquisa está baseada no ensino de gêneros haja vista o fato de que os gêneros permeiam a nossa vida cotidiana.

Em suma, nossa temática é a produção do gênero textual artigo de opinião em contexto de vestibular, articulada à análise da organização retórica desse gênero nesse contexto e à proposição de um roteiro de escrita.

1.2 Justificativa: Por que pesquisar esse tema?

O meu interesse pelo tema da pesquisa tornou-se embrião no ano de 2003. Explico: no referido ano comecei a lecionar para o Ensino Médio (EM). Enquanto professora de Língua Portuguesa (LP) do EM sempre tive inquietações e angústias. Ansiava por uma receita ou fórmula (como se isso fosse possível) de ensinar aos alunos como escrever um texto com maestria. Fiz vários cursos e li vários autores que prometiam métodos de como fazer o aluno produzir um bom texto. Entretanto, com o passar dos anos fui entendendo que esse processo não tem um funcionamento tão simples assim. Tive, desde então, um interesse em compreender temas relacionados à produção escrita e principalmente à

produção escrita do aluno em fase preparatória para o vestibular e, dessa forma, entender também a produção no contexto do vestibular.

O meu trajeto enquanto docente, as minhas inquietações e interesse em compreender o processo de produção da redação no contexto de vestibular levou-me à pesquisa de como se dá esse processo. Compreendendo o contexto e através da análise das funções retóricas de 30 redações do vestibular de inverno de 2019, pude compreender alguns dados e elaborar um roteiro de escrita de um artigo de opinião. Há de se ressaltar que algumas adversidades se presentificam no contexto do vestibular, como: o tempo, o interlocutor, a própria inquietação do autor \candidato, entre outros.

A pesquisa se justifica ainda, porque, apesar de haver elevado número de pesquisas sobre redações elaboradas por participantes de concursos de vestibulares, ao realizar levantamento sobre estudos que abordam a produção textual em redações no período de 2008 a 2019, percebeu-se que embora haja estudos que contemplem a 1) A análise do contexto específico de produção; 2) relação do contexto e práticas de ensino; 3) as funções retóricas nas redações do vestibular, percebeu-se a ausência de estudos que proponham a elaboração de um roteiro de escrita de um artigo de opinião vinculado à abordagem sociorretórica.

Destaca-se que esta necessidade de investigação será contemplada em nosso estudo. A pesquisa em questão é relevante, pois aponta aspectos retóricos importantes do gênero artigo de opinião e sobretudo apresentará um roteiro de escrita que poderá servir de subsídio para o ensino da produção desse gênero na escola, no que diz respeito ao domínio da capacidade de linguagem da ordem do argumentar.

Tratando especificamente do artigo de opinião, em seus aspectos linguísticos tendo em vista uma proposta de sua organização retórica, faz-se necessária uma análise da distribuição das informações em um número de exemplares desse gênero. A partir dessa análise de *corpus*, foi possível comprovar um padrão revelado pelos dados para a descrição da organização retórica de artigos de opinião, facilitando assim o processo de escrita desse gênero no contexto de vestibular e aplicar uma intervenção pedagógica com a finalidade de que essa sequência prototípica se efetive nos textos dos alunos.

1.3 Hipótese e pergunta de pesquisa

A hipótese da pesquisa é de que o contexto de produção de determinado gênero tem influência direta na organização retórica construída pelo autor/candidato e que, com a esquematização das funções

retóricas, podemos elaborar um roteiro de escrita de um artigo de opinião que poderá ser aplicado posteriormente com a finalidade de que esse roteiro de escrita contribua para a melhoria da escrita do referido gênero textual.

Para tanto, a nossa pergunta de pesquisa é: De que forma a abordagem sociorretórica pode contribuir para o processo de produção e de compreensão do gênero artigo de opinião no contexto de vestibular?

Para responder a essa pergunta recorreremos a pressupostos teóricos da sociorretórica de Swales (1990), Bazerman (2006, 2013) e Miller (2012) e suas proposições concernentes ao gênero enquanto ação social. Nos baseamos também no conceito de tarefa de Swales (1990) e nas tarefas propostas por Swales e Feak (2012) para elaborar o roteiro de escrita. Visitamos o dialogismo e gêneros do discurso de Bakhtin (2003) os estudos sobre os princípios da argumentação de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1999), e à noção de argumentação e linguagem de Koch (2000).

1.4 Objetivos

A essência desta pesquisa é o processo de produção do gênero textual artigo de opinião em uma perspectiva sociorretórica e no contexto de vestibular. Essa temática está vinculada à necessidade dos alunos em identificar as características tanto linguísticas quanto estruturais desse gênero.

A partir disso, delimitamos como:

i) objetivo geral: elaborar um roteiro de escrita do gênero artigo de opinião baseado na proposta de Swales (1990) e Swales e Feak (2012);

ii) objetivos específicos:

a) montar um corpus de 30 artigos de opinião do vestibular de inverno da UEM /2019;

b) analisar a organização retórica das redações do corpus de modo a obter um modelo de organização retórica;

c) selecionar as tarefas propostas por Swales (1990) e Swales e Feak (2012) que servirão de base para a elaboração das tarefas do roteiro de escrita;

d) adaptar as tarefas selecionadas para a produção do roteiro de escrita do artigo de opinião no contexto de vestibular.

1.5 Metodologia e organização retórica da pesquisa

Em termos metodológicos, esse estudo caracteriza-se como de natureza qualitativa, em sua maior parte, e tem como procedimento a análise documental, pois, conforme Godoy (1995,p.24) “o exame de materiais de natureza diversa, que ainda não receberam um tratamento analítico, ou que podem ser reexaminados, buscando-se interpretações novas e/ou complementares, constitui o que estamos denominando pesquisa documental”. As redações, portanto, constituem os documentos que poderão ser reexaminados posteriormente, sob outra ótica e tendo outro objetivo. Esta pesquisa também trabalha com dados quantitativos visto que analisará a porcentagem de ocorrência das funções retóricas.

Quanto à organização retórica, este trabalho compreende sete seções. Apresentamos na primeira seção a introdução, com a contextualização, hipótese e pergunta de pesquisa, bem como a justificativa e o estado da arte a fim de estabelecermos o nosso nicho. Seguidamente, na segunda seção lançamos uma discussão teórica a respeito da conceituação de gênero textual na abordagem sociorretórica, em um viés focado no ensino-aprendizagem (SWALES, 1990; BAZERMAN, 2006, 2013). Tratamos ainda nesta seção a respeito da análise de gênero, trazendo os conceitos que subsidiaram a análise de dados tais como o conceito de comunidade discursiva, conceito de tarefa e o modelo CARS (SWALES, 1990; HEMAIS; BIASI-RODRIGUES, 2005).

Na sequência, na seção três, abordamos especificamente o gênero artigo de opinião trazendo um quadro comparativo da organização retórica do artigo de opinião da esfera jornalística e do artigo de opinião no contexto específico do vestibular (RAMOS; BICUDO; RAIMO, 2019).

A seção quatro apresenta os aspectos metodológicos e a identificação, descrição, categorização e análise dos dados de nosso corpus de pesquisa. Na quinta seção apresentamos as tarefas (*tasks*) elaboradas por Swales (1990) e Swales e Feak (2012) que serviram de base para a elaboração do roteiro de escrita. Na seção seis, propomos um roteiro de escrita do artigo de opinião baseado nas tarefas de aprendizagem de Swales (1990) e Swales e Feak (SWALES; FEAK, 2012). Finalizamos com a seção sete onde tecemos uma breve conclusão, e, por fim, fechamos com as referências bibliográficas e anexos composto das redações digitadas de nosso *corpus* de análise.

1.6 O estado da arte

Os gêneros textuais são objeto de estudo e para obter um panorama relativo aos estudos sobre o gênero artigo de opinião realizamos uma pesquisa exploratória em três frentes: gênero artigo de opinião, o gênero artigo de opinião no contexto do vestibular e o gênero artigo de opinião sob o enfoque da Sociorretórica.

Selecionamos para estabelecer um pano de fundo contra o qual esta pesquisa se situa, oito artigos científicos, duas dissertações de mestrado e uma tese de doutorado. As pesquisas encontradas atestam que questões relativas à produção desse gênero textual bem como a compreensão de sua organização retórica e outros aspectos relativos ao contexto e comando de produção suscitam muitas inquietações. Desse modo, para subsidiar e justificar esta pesquisa e também para estabelecer o nosso nicho, descreveremos as pesquisas e apresentaremos, a partir delas, a nossa pesquisa : uma análise da organização retórica de artigos de opinião produzidos no contexto de vestibular e a partir dessa análise, elaborar um roteiro de escrita desse gênero, roteiro esse que pode vir a contribuir de maneira efetiva no processo de produção do gênero no contexto de vestibular.

Os três primeiros estudos tomam o artigo de opinião como objeto de ensino-aprendizagem no Ensino Médio. O primeiro estudo é um artigo intitulado *A abordagem sócio-retórica de gêneros do discurso: o artigo de opinião no ensino médio* de Antonio Ribeiro Silva (2008). O autor traz um breve panorama acerca dos estudos do gênero e sob o enfoque sociorretórico discorre sobre a importância de o professor utilizar o artigo de opinião nas aulas de leitura, compreensão e produção de gêneros jornalísticos significativos ao educando. O autor conclui com essa pesquisa que o trabalho com gêneros textuais é uma atividade cujo desenvolvimento se mostra infundável e que, a julgar pelos resultados apresentados em avaliações recentes, é preciso uma maior atenção à efetivação desse processo.

Em seguida, nesse mesmo viés, o estudo *Artigo de opinião: estudos sobre um gênero discursivo*, de Terezinha De Jesus Bauer Uber (2008), traz a análise de uma pesquisa tendo como objeto o artigo de opinião no ensino médio, especificamente no terceiro ano. Essa pesquisa tomou esse gênero como tendo um aspecto fundamental no aprimoramento das técnicas argumentativas a partir da organização e implementação de uma sequência didática com atividades que focalizavam a análise estrutural, linguística e temática a partir das características do gênero, bem como de sua circulação. A autora reforça em suas conclusões que é importante o trabalho com gêneros discursivos em sala de aula de uma forma que proporcione ao aluno o desenvolvimento da autonomia no processo da leitura e produção de texto e seu envolvimento participativo no contexto social.

A terceira pesquisa segue essa mesma linha e é intitulada *O artigo de opinião: materialização de novas práticas sociais de linguagem*, de Marta Aline Buckta e Marilúcia dos Santos Domingos (2015), onde as pesquisadoras implementaram uma sequência didática de escrita do artigo de opinião em salas de aula de terceiros anos do ensino médio em três colégios públicos de duas cidades da região Norte do Paraná, com o objetivo de investigar a proficiência desses alunos na produção do referido

gênero. A pesquisa constatou que, apesar de um processo de ensino relativamente bem esquematizado do artigo de opinião numa situação semelhante à de vestibular, a maioria dos alunos não obteriam sucesso em uma prova real de vestibular, haja vista o fato de não estarem efetivamente preparados para a prática social da produção desse gênero.

Partindo para o contexto do vestibular, no estudo intitulado *O artigo de opinião como redação de vestibular: um olhar sobre a construção composicional do gênero*, de Marilúcia Santos Domingos Striquer e Eliana Merlin Deganutti de Barros (2019), as autoras analisam duas redações do vestibular 2018 da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP) sob uma perspectiva dialógica tomando como ponto de partida os gêneros textuais dando enfoque na construção composicional. As autoras apontam que os resultados indicam a necessidade do ensino do gênero na escola se pautar na dubiedade contextual da escrita de artigos de opinião como redação de vestibular.

O quinto estudo trata-se do artigo *Redação no vestibular: efeito retroativo da noção de gêneros textuais*, onde as autoras Elizabeth Maria da Silva e Denise Lino de Araújo (2009) analisaram e descreveram a prova do vestibular da UFCG em 2007 e uma gravação em áudio e vídeo com indivíduos que realizaram essa prova. As autoras investigaram se houve, entre esses indivíduos, efeito retroativo relativo à noção de gênero textual e todo o contexto de ensino do mesmo. As autoras constataram que embora exerça certa influência nos vestibulandos, é fraco o efeito retroativo. Entretanto as autoras postulam que os resultados apontam, além do efeito retroativo, para um aumento e solidificação de teorias que contemplem o processo de ensino e aprendizagem de textos baseado em gêneros textuais/discursivos.

No que tange à perspectiva sociorretórica, destacamos o estudo *A organização retórica dos artigos de opinião produzidos no contexto de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro*, de Pérola de Sousa Santos e Bárbara Olímpia Ramos de Melo (2018) que traz a análise da organização retórica de 38 artigos de opinião produzidos por finalistas do ano de 2016 da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro. A pesquisa constata a semelhança da organização retórica dos artigos de opinião produzidos nesse contexto (o da Olimpíada), com quatro movimentos retóricos e nove passos, que são influenciados pelo modelo estruturado pela Olimpíada.

Afunilando nossa pesquisa e buscando especificamente estudos sobre a organização retórica no contexto do vestibular encontramos o artigo *A organização retórica do artigo de opinião no contexto do vestibular*, de Wiliam César Ramos, Cintia Bicudo e Luciana Cristina Ferreira Dias Di Raimo (2019) em que os autores realizaram a análise de vinte artigos de opinião produzidos no vestibular de

inverno de 2016 da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Os autores objetivaram identificar a organização retórica desses artigos e comparar com a do artigo de opinião produzido na esfera jornalística. Dessa forma com base no modelo CARS (Create A Research Space) de Swales (1990), e na sua adaptação proposta por Oliveira (2004) para o gênero artigo de opinião, os autores propuseram um novo modelo de organização retórica. Os resultados mostram que a organização retórica dos artigos de opinião produzidos no vestibular diverge da organização retórica daqueles produzidos no contexto jornalístico/social.

Em se tratando de uma pesquisa mais ampla como se constitui uma dissertação, algumas pesquisas atreladas à abordagem sociorretórica e análise das funções retóricas integram essa seara, porém tendo como objeto o artigo de opinião uma pesquisa em especial se destaca. A dissertação intitulada *A organização retórica de artigos de opinião na imprensa e no jornal escolar*, de Cristina Márcia Maia de Oliveira (2004), que traz à baila o artigo de opinião na esfera social e na esfera escolar (jornal escolar) confrontando-os para comparar a organização retórica de ambos os contextos. A autora examina a organização retórica de vinte artigos de opinião de alunos, contrapondo-a com a de vinte artigos de opinião da imprensa, analisando as estratégias argumentativas recorrentes nesse gênero e a influência que exercem para determinar a sua organização retórica. A autora constatou que apesar do padrão da tipificação e da semelhança da organização retórica, há diferenças na distribuição das unidades e subunidades que pontuarão as diferenças de cada contexto.

Sob outra perspectiva teórica, mas ainda com foco no ensino-aprendizagem do gênero artigo de opinião, elencamos a dissertação *Os gêneros textuais no Currículo Oficial Do Estado de São Paulo: artigo de opinião como foco do ensino e da aprendizagem no ensino médio*, de Janet Carvalho Lopes (2014). A autora estudou o Currículo Oficial da Secretaria de Estado da Educação, área de Linguagem e Códigos tendo o artigo de opinião como foco no contexto do ensino médio. Através da coleta de dados, análise bibliográfica e entrevistas semiestruturadas com professores que atuam com o ensino de Língua portuguesa em escolas da rede estadual de ensino a autora, que também leciona na rede Estadual, promoveu uma reflexão sobre a forma que o processo de ensino e aprendizagem do gênero artigo de opinião está sendo efetivado e identificou elementos que compõem as práticas de ensino dos gêneros textuais na rede estadual de ensino, particularmente do artigo de opinião e também pontos nos quais se pode inferir com vistas a melhorar o desempenho dos alunos na produção de textos desse gênero.

Por fim, com relação ao roteiro de escrita, na tese de doutoramento *Um roteiro de escrita de abstracts de artigos de pesquisa: estrutura retórica e técnicas de argumentação*, de Wiliam César Ramos (2011), o pesquisador analisou a organização retórica de 150 *abstracts* de diversas áreas do conhecimento, levantou os padrões linguísticos mais recorrentes e com a obtenção de padrões retóricos e léxico-gramaticais elaborou um roteiro de escrita de *abstracts*. O autor chegou à conclusão de que os *abstracts* analisados exibem convenções discursivas específicas de cada comunidade discursiva quanto à organização retórica e às técnicas argumentativas e que os *abstracts* refletem essas tendências para que cumpram efetivamente o seu propósito comunicativo.

Ao traçar o panorama de estudos e pesquisas sobre o tema constatamos que não há ainda estudos que contemplem a elaboração de um roteiro de escrita para a produção do artigo de opinião sob o viés da sociorretórica e que isso configura uma lacuna. Nossa pesquisa tem a intenção de preencher essa lacuna ou começar a preenchê-la, haja vista a perspectiva de que novos estudos sob esse enfoque surjam em breve.

Em nosso estudo, inicialmente estabeleceremos a fundamentação teórica acerca do conceito de gênero com enfoque sociorretórico bem como do gênero artigo de opinião na esfera social e em contexto simulado do vestibular e a sua organização retórica. Desse modo, após a análise da organização retórica de trinta artigos de opinião produzidos por candidatos no vestibular de inverno de 2019 dessa instituição, elaboraremos um roteiro de escrita que poderá ser aplicado em turmas do Ensino Médio para que o processo de produção desse gênero se efetive de forma satisfatória e que algumas dificuldades que o aluno ainda possa apresentar sejam sanadas.

A análise da organização retórica das redações do *corpus* deu-nos parâmetros que nos possibilitou obter um modelo de organização retórica e assim elaborar tarefas baseadas nas tarefas propostas por Swales (1990) e Swales e Feak (2012) que servirão de base para a elaboração do roteiro de escrita, proposto em nossa pesquisa.

SEÇÃO 2 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2. ARCABOUÇO TEÓRICO

Nessa seção apresentamos os pressupostos teóricos que fundamentam a análise deste trabalho, através de alguns enfoques: o primeiro recai sobre a abordagem de Swales (1990). Damos, ainda, ênfase no modelo CARS (*Create a Research Space*) e suas adaptações para a análise do gênero artigo de opinião e abordamos o conceito de comunidade discursiva. Traremos também o conceito de gênero textual sob o enfoque bakhtiniano e sob a perspectiva da sociorretórica. Temos como a nossa coluna dorsal os teóricos da sociorretórica, sobretudo Swales (1990), Bazerman (2005, 2015), Miller (2012) e os estudos de Swales (1990) e Swales e Feak (2012) acerca do conceito de tarefa.

2.1 A ABORDAGEM SOCIORRETÓRICA DE SWALES PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM DE GÊNEROS TEXTUAIS ACADÊMICOS

Swales (1990), um dos mais produtivos autores da corrente sociorretórica, concebeu sua proposta de ensino-aprendizagem de gêneros textuais no contexto de ensino de inglês para fins acadêmicos para alunos nativos e não nativos dos programas de pós-graduação com a intenção de promover, além do ensino-aprendizagem, uma proposta de organização e desenvolvimento de cursos de inglês com fins acadêmicos e profissionais, visando oferecer subsídios para que os aprendizes tenham a capacidade de produzir textos eficientes a partir do conhecimento dos gêneros textuais. Uma de suas convicções é que para compreender os gêneros é preciso compreender não só os elementos linguísticos mas também levar em consideração o contexto e a estrutura mais recorrente de cada gênero. O autor compreende que o gênero deve ser encarado através de seu contexto de uso e não a partir dos seus elementos linguísticos apenas (SWALES, 1990). O autor busca contribuições em diferentes campos teóricos para elaborar a sua própria concepção de gênero, obtendo assim uma visão eclética do conceito de gênero.

Nesse sentido, Swales (1990) recebeu influência de diferentes abordagens como ESP (Inglês para Fins Específicos), habilidades e estratégias de estudo, sociolinguística, antropologia e análise do discurso. Tendo este arcabouço teórico-metodológico Swales desenvolveu e estabeleceu critérios relevantes para a definição de gênero.

A abordagem de Inglês para Fins Específicos (*English for Specific Purposes – ESP*), em linhas gerais, é norteadada pelas necessidades do aprendiz e pela necessidade de cada situação em que ele

precisa fazer uso da língua. Faigley and Hansen (1985, p. 149) apud Swales (1990, p. 4-5), explicitam a abordagem *Writing Across the Curriculum (WAC)*:

Se os professores de inglês tiverem que oferecer cursos que realmente preparem os alunos para escrever em outras disciplinas, eles terão que investigar por que essas disciplinas estudam certos assuntos, por que certos métodos de investigação são sancionados, como as convenções de uma disciplina moldam um texto naquela disciplina, como escritores individuais representam-se no texto, como um texto é lido e disseminado, e como um texto influencia textos subsequentes. Em resumo, os professores de inglês terão que adotar uma abordagem retórica para o estudo da escrita nas disciplinas, uma abordagem que examine a negociação de significado entre escritores, leitores e assuntos. (FAIGLEY; HANSEN, 1985, p. 149 *apud* SWALES, 1990, p. 4-5, tradução nossa)

Essas duas abordagens complementam a proposta de Swales (1990) pois na abordagem de Inglês para Fins Específicos, mesmo que a análise quantitativa da frequência de aspectos lexicais e gramaticais característicos de um determinado registro tenha valor para a descrição de uma variedade funcional, para o autor esses aspectos precisam relacionar-se a propósitos comunicativos e aspectos contextuais, como estão presentes na abordagem de produção escrita (*Writing Across the Curriculum (WAC)*) configurando uma ação socialmente situada.

O público-alvo dessas abordagens diferem: sendo alunos não nativos do inglês de universidades de vários países a clientela da primeira abordagem, e alunos nativos do inglês de uma universidade específica o público-alvo da segunda abordagem. A proposta de Swales (1990) busca relacionar a análise textual a uma lógica interna do gênero que justifique as suas características discursivas. Portanto, além de reconhecer a frequência de um expediente linguístico em um determinado gênero, também é mister entender a sua motivação retórica.

A abordagem de Swales (1990) recebe ainda contribuições dos estudos sobre aprendizagem, especialmente aquelas que tratam de noções e funções devido a questões relacionadas ao propósito comunicativo e àquilo que o aprendiz precisa (HEMAIS; BIASI-RODRIGUES, 2005), de estratégias de leitura e estratégias de processamento utilizadas por escritores com experiência em um determinado gênero a fim de entender como elas interferem na evolução do gênero. O trabalho que Bazerman (1985)¹ desenvolveu com pesquisadores da área da física é citado pelo autor em relação a estratégia de leitura seletiva.

¹ Physicists Reading Physics—Schema-Laden Purposes and Purpose - 1985.

Swales (1990) rejeita a ideia da relação monofuncional entre forma e função e postula que um enunciado pode realizar mais de uma função e uma função pode ser realizada por enunciados diferentes permitindo a compreensão de propósitos retóricos de excertos maiores.

Da análise do discurso, o autor buscou os estudos sobre coesão e coerência, tema e rema, e macroestruturas textuais em inglês (problema-solução (HOEY, 1983 apud SWALES, 1990, p. 18)); tópico-restrição-ilustração (CROMBIE, 1985 apud SWALES, 1990, p. 18)), porém as estratégias que direcionam a aprendizagem para aspectos característicos do gênero são mais valorizadas, haja vista o fato que nem sempre a análise que leva à compreensão do discurso promove o desenvolvimento da competência comunicativa de aprendizes de áreas outras que não da linguística (SWALES, 1990).

Por fim, a abordagem swalesiana recebeu influências da sociolinguística quanto à nomenclatura atribuída aos gêneros textuais pelos membros da comunidade que os utilizam, dos estudos retóricos como de Carolyn Miller que conceitua gênero como ação social que além de cumprir propósitos comunicativos, mostra quais propósitos determinados gêneros podem ter, e da antropologia cultural de Clifford Geertz segundo a qual a forma como os pesquisadores de uma determinada área organizam os currículos, produzem pesquisa e formam comunidades profissionais revelam culturas e formas de ser distintas de outras áreas (SWALES, 1990).

A partir dessas influências, a abordagem de Swales (1990) para o ensino-aprendizagem de gêneros textuais acadêmicos ancora-se em três conceitos: comunidade discursiva, gênero textual e tarefa de aprendizagem de língua. Entendemos, portanto, que nesse momento faz-se necessário uma maior explicitação do conceito comunidade discursiva. É o que se apresentará a seguir.

2.2 O CONCEITO DE COMUNIDADE DISCURSIVA (CD)

O conceito de comunidade discursiva foi pautado em discussões de diversos teóricos que adotam uma perspectiva social do processo de escrita:

O uso do termo ‘comunidade discursiva’ atesta a presunção cada vez mais comum de que o discurso opera conforme as convenções definidas por comunidades, sejam disciplinas acadêmicas ou grupos sociais. As pedagogias associadas com o ensino de escrita e com inglês acadêmico utilizam agora o termo ‘comunidade discursiva’ para significar um conjunto de ideias: que o uso da linguagem em um grupo é uma forma de comportamento social, que o discurso é um meio de manter e estender o conhecimento do grupo e iniciar novos membros, e que o discurso é epistêmico ou constitutivo do conhecimento do grupo (HERZBERG, 1986, p. 1 *apud* SWALES, 1990, p. 21, tradução RAMOS 2019).

Esse conceito é contrastado com o conceito de comunidade de fala para esclarecer que não se trata do mesmo conceito. Enquanto o primeiro é marcado por motivações retóricas e exerce força centrífuga reunindo os membros em torno de objetivos e interesses em comum, transpondo fronteiras geográficas, e excluindo membros que não compartilham dos mesmos interesses, o segundo é marcado pela localidade, variedade linguística e princípios de socialização, exercendo uma força centrípeta que absorve membros independentemente de seus objetivos e interesses (SWALES, 1990).

Swales (1990) lança os critérios de definição de uma comunidade discursiva em 1990 e reformula-os em 1992, 1998 e 2016. Com as reformulações de 2016, os critérios estabelecem que uma comunidade discursiva detém uma gama de objetivos acordados, têm mecanismos de intercomunicação por meio dos quais os membros se comunicam, usa mecanismos de participação para prover informações e *feedback* e para promover o recrutamento, a mudança e o crescimento da comunidade dentre outras ações, emprega gêneros textuais para o cumprimento de seus objetivos comunicativos, desenvolveu léxico específico que continua evoluindo, detém uma hierarquia implícita ou explícita que administra a entrada de novos membros e o avanço dentro dela, desenvolve ‘relações silenciais’ sobre o que não precisa ser pormenorizado, e desenvolve horizontes de expectativa, ritmos de trabalho, um senso de sua história e sistemas de valores.

Apesar de esse conceito, que integra a abordagem de Swales (1990), ter surgido no contexto de ensino-aprendizagem de escrita acadêmica para descrever comunidades discursivas científicas, ele pode ser aplicado a grupos não profissionais como a comunidade recreativa filatélica *Hong Kong Study Circle* (HKSC) da qual Swales fez parte.

4 . Conforme podemos perceber nessa citação, um gênero nunca será uma peça estranha para os membros da CD onde ele circula, pois cada texto tem os seus padrões de similaridade que atendem à estrutura, ao estilo, ao conteúdo e à audiência esperada pelos membros da CD.

Dentro da proposta de Swales (1990) para cursos de escrita acadêmica em inglês, o conceito de comunidade discursiva sustenta a pesquisa etnográfica de aprofundar as informações sobre as características, nomenclatura e processos de produção do gênero textual sob estudo, de modo a contrastá-las com as informações disponibilizadas em materiais instrucionais e com a análise de gênero. Apresentaremos, no próximo subitem, o conceito de gênero textual.

2.3 O CONCEITO DE GÊNERO TEXTUAL

Desde muito tempo, diversos pesquisadores têm tomado o gênero textual como objeto de pesquisa. Há de fato, uma preocupação genuína com uma prática em que as situações de interlocução e

a interação verbal sejam privilegiadas. Nesse cenário apresentam-se diferentes enfoques teóricos. Ademais, desde que se evidenciou a ciência da linguagem, há uma gama de perspectivas para definir o que é gênero textual (BORGES, 2012). Com efeito, para nosso propósito, nos ateremos, de forma breve, na perspectiva Bakhtiniana e na abordagem Sociorretórica.

2.3.1 A perspectiva Bakhtiniana

Para Bakhtin “a utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana” (BAKHTIN, 2003, p. 280), ou seja, numa perspectiva bakhtiniana o texto é definido como o produto de trocas e interação social, ligados à materialidade e condições próprias de uma comunidade linguística. Observa-se, sob essa ótica, a relativa estabilidade que os gêneros apresentam, mas que, não obstante a isso, mantém uma relação devido ao fato de haver a ocorrência de alguns aspectos que são típicos de cada situação comunicativa (BORGES, 2012). Entretanto, Bakhtin (2003) pontua a dificuldade em se conceituar os gêneros, pois toda a ação humana está relacionada ao uso da língua, gerando uma diversidade de formas de uso dessa língua e, por consequência, uma multiplicidade de gêneros. Para ele,

A riqueza e diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. (BAKHTIN, 2003, p. 262)

Em consonância com Bakhtin (2003) Marcuschi discorre que

Gênero textual refere os textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. Em contraposição aos tipos, os gêneros são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações diversas constituindo em princípio listagens abertas (MARCUSCHI, 2008, p. 155).

Marcuschi(2008) ressalta que os textos se assumem como configurações diversas e funcionam de modos diferentes em situações sociais rotineiras. Em linhas gerais, na acepção bakhtiniana, a linguagem é um fenômeno social, histórico e ideológico. Sendo assim, Bakhtin (2003) descreve os gêneros como formas de enunciados invariáveis que se organizam segundo as condições de cada situação comunicativa (SALETE, 2004).

2.3.2 O Conceito de Gênero pela Perspectiva Sociorretórica

A abordagem sociorretórica conceitua o gênero textual como ação tipificada recorrente de acordo com Miller (2012) e Bazerman (2006) que discorrem que as situações retóricas são recorrentes e parecidas entre si determinando semelhanças e compatibilidades entre os gêneros utilizados em situações sociais específicas.

Sob esse viés, Miller (2012) assevera a possibilidade de compreender o gênero a partir da interação e uso da linguagem enquanto ação social (SALETE, 2004). Posto que a linguagem é dialógica, interativa e social, a antagonia também é necessária para a condição de possibilidade discursiva, sendo assim, Miller (2012, p. 53) narra que “a retórica em sua essência requer tanto o acordo quanto o desacordo, entendimentos partilhados e novidade, premissas entimemáticas e afirmações contestadas, identificação e divisão [...]”.

Miller (2012) pontua esses aspectos como algo essencial para a construção da realidade, pontuando ainda o ‘outro’ como parte desse processo e forças centrífugas advindas da “multiplicidade das comunidades nas quais e pelas quais qualquer pessoa pode se envolver” (MILLER, 2012, p. 54).

Segundo Bazerman (2006) os textos escritos são mediadores de funções importantes na sociedade uma vez que o desenvolvimento da escrita “tem sido acompanhado por uma proliferação de formas escritas e situações que requerem a escrita – encaixadas dentro de sistemas de atividades cada vez mais complexos”. Para a realização dessas atividades os indivíduos precisam estar capacitados e instrumentalizados, hábeis para produzir essas formas plurais de escrita. De acordo com o autor alguns contextos geram “situações repetitivas regularizadas que pedem enunciados semelhantes, produzindo gêneros familiares, reconhecíveis, que evocam aspectos relevantes de todo um sistema de atividade” (BAZERMAN, 2013, p. 33).

Partindo dessa afirmação entende-se que os textos promovem mudanças e possuem efeitos sobre os participantes do evento social em que esse texto está inserido. Na compreensão de Bazerman (2006):

Gêneros não são apenas formas. Gêneros são formas de vida, modos de ser. São frames para a ação social. São ambientes para a aprendizagem. São os lugares onde o sentido é construído. Os gêneros moldam os pensamentos que formamos e as comunicações através das quais interagimos. Gêneros são os lugares familiares para onde nos dirigimos para criar ações comunicativas inteligíveis uns com os outros e são os modelos que utilizamos para explorar o não-familiar. (BAZERMAN, 2006, p.23)

Conforme Bazerman (2006), através de textos, organizamos e damos significado às nossas ações diárias, interagimos num processo tipificado de um sistema de atividades que liga

significativamente as ações discursivas. Para ele, os gêneros passam a existir a partir de um contexto histórico, cultural e interativo dentro de instituições e atividades pré-existentes. Esse enfoque vai ao encontro da premissa de que um gênero deve ser trabalhado com a compreensão de como se dá o seu funcionamento na sociedade e a sua relação com os indivíduos dentro dessa cultura e instituição.

Swales (1990) baseia-se em estudos e na análise de textos produzidos para fins acadêmicos e profissionais. Em sua obra *Genre analysis: English in academic and research settings* (1990) o autor chama a atenção para o considerável papel que o propósito comunicativo tem em um texto, sendo esse que determina, molda e delinea o gênero, ditando dessa forma sua organização retórica bem como os expedientes linguísticos mais recorrentes (CARVALHO, 2010).

Swales (1990) traz então essa definição:

O gênero compreende uma classe de eventos comunicativos cujos exemplares compartilham de um conjunto de propósitos comunicativos. Esses propósitos são reconhecidos pelos membros experientes da comunidade discursiva e constituem os princípios, a lógica do gênero. Essa lógica molda a estrutura do discurso e influencia e restringe a escolha do conteúdo e do estilo. O propósito comunicativo constitui um critério privilegiado e é responsável por manter o escopo do gênero como concebido aqui, completamente focado na ação retórica. Além do propósito, os exemplares de um gênero exibem padrões variados de semelhança quanto à estrutura, ao estilo, conteúdo e público-alvo. Se todas as expectativas do gênero forem correspondidas, o exemplar será visto como prototípico pelos membros da comunidade discursiva original. Os nomes dos gêneros são herdados e criados por comunidades discursivas e importados por outros. Eles constituem uma comunicação etnográfica preciosa, mas geralmente precisam de outras análises para sua efetiva validação (SWALES, 1990, p.58 *apud* Ramos (2011, p. 33)).

Na abordagem de Swales (1990), o conceito de gênero textual norteia a análise linguística e a lógica interna do gênero, determina a escolha e recorrência de aspectos lexicais e sintáticos bem como a organização retórica do texto geralmente com montagem de um corpus com instâncias do mesmo gênero. O conceito também é ligado à etapa de validação de materiais instrucionais sobre a produção do gênero e aos dados coletados na pesquisa etnográfica junto a membros experientes da comunidade discursiva produtora do gênero que, juntos, contribuirão para a elaboração das tarefas de aprendizagem de língua.

Na perspectiva sociorretórica swalesiana, é importante observar a dimensão dos propósitos comunicativos, pois os gêneros podem oferecer propósitos particulares (intenção dos produtores do gênero) e propósitos socialmente reconhecidos. Swales (1990) reconhece que os propósitos da produção dos gêneros são variados, pois não é possível considerar que um gênero tenha apenas um

propósito comunicativo mas sim diversos, e cada um corresponde à intenção ou intenções dos produtores deste gênero moldando-os às práticas discursivas e sociais da comunidade que o produz.

O ponto é que as diferentes postulações sobre os gêneros, tanto na acepção bakhtiniana quanto na perspectiva da sociorretórica convergem na assertiva de que os gêneros textuais são dialógicos e interativos, compartilham de convenções e propósitos comunicativos específicos e apresentam propriedades oriundas do contexto em que ocorrem.

Na sequência explicitamos o modelo CARS elaborado por Swales (1990) e suas adaptações que servirão de ancoragem para a análise de nosso *corpus*.

2.4 O MODELO DE ANÁLISE CARS E SUAS ADAPTAÇÕES PARA O GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO

Nossa pesquisa tem como parâmetro o modelo de análise CARS proposto por Swales (1990) que foi obtido por meio da análise de um *corpus* de introduções de artigos acadêmicos tendo como objetivo mostrar a organização retórica dessa seção do gênero considerando a distribuição das informações.

No modelo CARS (*Create a Research Space*), o autor apresenta movimentos e passos retóricos que aparecem na introdução de artigos acadêmicos. Salientamos que, posteriormente, a metodologia de análise proporcionada por esse modelo de Swales (1990) foi aplicada na análise de outros gêneros textuais (Motta-Roth, 1995; Biasi-Rodrigues, 1998; Oliveira, 2004; Simoni & Bonini, 2009; Ramos, 2011; Bernardino & Valentim, 2016).

Em um primeiro momento, na versão de 1984, o modelo CARS (*Create a Research Space*) era constituído de quatro movimentos retóricos (Movimento 1: Estabelecer o campo de pesquisa, Movimento 2: Sumarizar pesquisas prévias, Movimento 3: Preparar a presente pesquisa, Movimento 4: Introduzir a presente pesquisa) (SWALES, 1984, p. 80 *apud* HEMAIS; BIASI-RODRIGUES, 2005, p. 120) para evidenciar a organização retórica de introduções de artigos acadêmicos.

Posteriormente, Swales reformula esse modelo em 1990. Essa nova versão tem três movimentos retóricos (*moves*) que se desdobram em onze passos (*steps*). O quadro a seguir apresenta a segunda versão do modelo CARS de Swales (1990).

Quadro 1. Modelo CARS (Create a Research Space) (1990)

MOVIMENTO 1: ESTABELEECER O TERRITÓRIO	
Passo 1 – Estabelecer a importância da pesquisa e/ou	↓ Diminuindo o esforço retórico
Passo 2 – Fazer generalização/ões quanto ao tópico e/ou	
Passo 3 – Revisar a literatura (pesquisas prévias)	
MOVIMENTO 2: ESTABELEECER O NICHU	
Passo 1A – Contra-argumentar ou	↓ Enfraquecendo os possíveis questionamentos
Passo 1B – Indicar lacuna/s no conhecimento ou	
Passo 1C – Provocar questionamento ou	
Passo 1D – Continuar a tradição	
MOVIMENTO 3: OCUPAR O NICHU	
Passo 1A – Delinear os objetivos ou	↓ Explicitando o trabalho
Passo 1B – Apresentar a pesquisa	
Passo 2 – Apresentar os principais resultados	
Passo 3 – Indicar a estrutura do artigo	

Fonte: Swales (1990, p. 141) *apud* Hemais e Biasi-Rodrigues (2005, p. 120-121)

Como mencionado anteriormente, o modelo CARS tem sido adaptado por diversos pesquisadores na descrição da organização retórica de diferentes gêneros textuais, inclusive artigos de opinião da esfera jornalística (OLIVEIRA, 2004) e no contexto do vestibular (RAMOS; BICUDO; RAIMO, 2019). Para nossa análise, nos valeremos do modelo proposto por Ramos, Bicudo e Raimo (2019).

No quadro a seguir, é apresentado o modelo proposto por Oliveira (2004)² em uma pesquisa com artigos de opinião da esfera jornalística, constituído de quatro unidades retóricas (*Unidade retórica 1 – Apresentação do tema, Unidade retórica 2 – Apresentação de uma tomada de posição, Unidade retórica 3 – Avaliação, Unidade retórica 4 – Conclusão*) subdivididas em oito subunidades.

Quadro 2. Organização retórica do gênero artigo de opinião da esfera jornalística.

<i>Unidade retórica 1 – Apresentação do tema</i>
Subunidade 1A - Apresentando o fato jornalístico e\ou
Subunidade 1B- Apresentando o(s) antecedente(s) do tema em questão
<i>Unidade retórica 2 – Apresentação de uma tomada de posição</i>
Subunidade 1 – Formulando uma tese e\ou
Subunidade 2 – Apresentando diferente(s) argumento(s) que justifica(m) a tese
<i>Unidade retórica 3 – Avaliação</i>

² A organização retórica de artigos de opinião na imprensa e no jornal escolar (2004)

Subunidade 1A – Apresentando processo(s) estimativo(s) de juízo(s) de valor(es) e\ou
Subunidade 1B – Apresentando causa(s) e consequência(s)
Unidade retórica 4 – Conclusão
Subunidade 1A – Apresentando conclusão(ões) e\ou
Subunidade 1B – Indicando perspectivas

Fonte: Oliveira (2004, p.73)

No quadro seguinte tem-se o modelo proposto por Ramos, Bicudo e Raimo (2019)³ para o artigo de opinião produzido no contexto do vestibular

Quadro 3. Organização retórica dos artigos de opinião produzidos no vestibular.

Função retórica 1 – Apresentação do tema
Subfunção 1A – Apresentar um fato jornalístico e\ou
Subfunção 1B – Apresentar o(s) antecedente(s) do tema
Função retórica 2 – Apresentação de uma tomada de posição
Subfunção 2A – Formular uma tese e\ou
Subfunção 2B – Apresentar argumentos que justificam a tese e/ou
Subfunção 2C – Provocar reflexões para justificar a tese e/ou
Subfunção 2D – Apresentar possíveis contra-argumentos e /ou
Subfunção 2E – Mencionar a posição social como autoridade no assunto
Função Retórica 3 – Conclusão

Fonte: Ramos, Bicudo e Raimo (2019, p. 102)

Quanto à denominação, é importante explicar que alguns pesquisadores adaptaram o termo *move* (movimento) em consonância com a sua interpretação do termo: Motta-Roth e Hendges (1996) utilizam o termo ‘movimento’ e ‘subfunção’; Biasi-Rodrigues (1998) e Oliveira (2004) ‘unidade retórica’ e subunidade; e, mais recentemente, Ramos, Bicudo e Raimo (2019) utilizam o termo ‘função retórica e subfunção’. Cabe esclarecer que nessa pesquisa, utilizaremos os termos ‘Função retórica’ e ‘subfunção’ utilizados por Ramos, Bicudo e Raimo (2019).

Na sequência, discorreremos acerca do conceito de tarefa de aprendizagem proposto por Swales (1990) e por Swales e Feak (2012).

³ A organização retórica do artigo de opinião no contexto de vestibular (2019)

2.5 O CONCEITO DE TAREFA EM SWALES E OUTROS TEÓRICOS

Segundo o dicionário Aurélio (2005, p.835), tarefa é: “1. trabalho, que se deve concluir em determinado prazo; 2; empreitada”. Em se tratando de tarefas pedagógicas muito se tem discutido sobre isso. Os estudos acerca do ensino baseado em tarefas se destacam a partir da década de 1980. Vários autores se dedicaram a essa pesquisa. Dentre eles destacamos os estudos de Nunan (1991), Willis (1996), Shehan (1998) e Ellis (2003). Esses autores partem da premissa de que as tarefas são o ponto de partida para que a aprendizagem ocorra, sendo elas responsáveis pela potencialização do processo de construção do conhecimento na segunda língua. Sob esse viés, o significado é apontado como fundamental na realização das tarefas para que os alunos internalizem de modo direto e casualmente as convenções da língua a ser aprendida (JANOSWKA, 2014).

De acordo com Swales (1990) a tarefa de aprendizagem de língua e o livro didático devem estar inter-relacionados. Na abordagem proposta por Swales para o ensino-aprendizagem de gêneros textuais, os conceitos de gênero, de comunidade discursiva e de tarefa de aprendizagem de língua estão interligados em uma relação em que um complementa o outro. Nessa relação, os procedimentos investigativos do gênero e da comunidade discursiva convergem para a produção de tarefas de aprendizagem de língua. Dito de outra forma, os resultados das análises de gênero e da pesquisa etnográfica alimentam a produção das tarefas que visam a desenvolver as habilidades linguísticas responsáveis pela produção de gêneros textuais. Apoiado em Hutchinson e Waters, Swales (1990) afirma que o conceito de tarefa é central para a metodologia. A importância do conceito está refletida na abreviação TBL (*Task-based learning*) que remete à aprendizagem baseada em tarefas.

As tarefas de aprendizagem de língua concebidas por Swales (1990) não consistem em meros exercícios de gramática ou de produção textual, mas vão além desses aspectos despertando no aprendiz a consciência da relação entre expedientes linguísticos, comunidade discursiva (público-alvo) e gêneros textuais. Apesar de originalmente serem direcionadas para a produção de gêneros textuais acadêmicos, as tarefas propostas por Swales (1990) podem ser adaptadas para a produção de gêneros de outras esferas discursivas, como é o caso do gênero artigo de opinião no contexto de vestibular tratado neste estudo.

Antes de lançar o seu conceito de tarefa de aprendizagem de língua, Swales (1990) visita as definições de tarefa de Crookes, Breen e Candlin. Na definição de Crookes destacamos a noção de tarefas comunicativas sequenciadas:

Foi mostrado que a categoria ‘tarefa’, como é usada por pesquisadores geralmente é amplamente aplicável e possui uma realidade psicológica. Muitas, senão a maioria, das atividades humanas, seja no emprego ou na sala de aula, podem ser vistas como uma série de tarefas – algumas tendo um aspecto comunicativo, outras não. (Crookes, 1986b, p. 32 apud Swales, 1990, p. 73, tradução nossa).

Na definição de tarefa de Breen (1987) ficam evidentes a especificidade do objetivo e do conteúdo, os resultados a serem obtidos e o grau de complexidade das tarefas desde o mais simples até o mais complexo:

No artigo, a noção de ‘tarefa’ é usada em sentido amplo para fazer referência a qualquer empreendimento estrutural de aprendizagem de língua que tem um objetivo específico, conteúdo apropriado, um procedimento de trabalho específico e uma gama de resultados para quem está cumprindo a tarefa. Assume-se, portanto, que ‘tarefa’ refere-se a uma gama de planos de trabalho que tem o propósito geral de facilitar a aprendizagem de língua – do exercício simples e breve até as atividades mais complexas e extensas, tais como simulações de resolução de problemas e tomadas de decisão em grupo. (Breen, 1987, p. 23 apud Swales, 1990, p. 74, tradução nossa).

Na definição de Candlin destacamos o aspecto sequencial das atividades e o contexto social ao qual estão relacionadas:

Uma atividade de um conjunto de atividades diferenciadas, sequenciáveis, de resolução de problemas, envolvendo aprendizes e professores em uma seleção conjunta a partir de uma gama de procedimentos cognitivos e comunicativos variados aplicados ao conhecimento existente e novo, na exploração e busca coletivas de metas emergentes ou previstas dentro de um meio social. (Candlin, 1987, p. 10 apud Swales, 1990, p. 74, tradução nossa)

Essas concepções de tarefa possuem aspectos que vão ao encontro do conceito de tarefa que Swales (1990) busca, um conceito que dê conta do processo de escrita de gêneros textuais segundo a cultura disciplinar da comunidade discursiva à qual os alunos de pós-graduação virão a pertencer. Por outro lado, Swales (1990) observa que o conceito proposto por Breen (1987) carece das noções de capacitação e suporte, conceitos chaves para a aprendizagem baseada em tarefas ou TBL (*Task-Based Learning*).

Para Swales (1990), as tarefas não podem consistir em exercícios com um fim em si mesmos, mas como degraus ou estágios para alcançar determinados resultados sociorretóricos. Essa postura está refletida na caracterização das tarefas como sequenciadas em um contínuo que possui começo, meio e fim, refletindo, portanto, a sequência do processo de escrita e as habilidades acionadas por ele.

Por esse prisma, alguns autores (Crookes, Breen e Candlin) segundo Swales (1990), afirmam que as tarefas devem ser graduadas da mais simples para as mais complexas e ter o foco ora no indivíduo enquanto usuário da língua e ora enquanto aprendiz da língua. Entretanto, para Swales (1990), nem todas as atividades devem ser de solução de problemas, portanto essa dinâmica não deve ser critério para classificar uma atividade como tarefa. Segundo o autor, há vários tipos de tarefas que não são problemáticas no sentido defendido por esses autores e afirma: “Se os alunos têm que dar uma resposta para uma questão sobre a qual receberam informação suficiente, não vejo que isso seja necessariamente considerado um *problema*” (SWALES, 1990, p. 75, grifo do autor).

Seguindo esse raciocínio, as tarefas desenvolvidas por Swales (1990) e Swales e Feak (2012) são direcionadas por metas e fornece ao aprendiz informações suficientes para que ele possa realizar a tarefa proposta e as tarefas subsequentes, uma servindo de suporte para a outra. Com relação à posição adotada por Candlin de que as tarefas devem ser construídas a partir de um esforço colaborativo entre professor e aprendizes, Swales (1990) assevera que isso é desnecessário para a produção de tarefas de aprendizagem de língua (TBL), pois muitas vezes é necessário um empreendimento unilateral por parte do professor para produzir uma atividade que supra as falhas de outra. Finalmente, Swales (1990, p. 76) apresenta o seu conceito de tarefa:

Uma atividade de um conjunto de atividades diferenciadas, sequenciadas, guiadas por metas, que utilizam procedimentos comunicativos e cognitivos relacionados à aquisição de habilidades de gêneros e pré-gêneros, apropriadas para uma situação sociorretórica emergente ou prevista (SWALES, 1990, p. 76, tradução nossa).

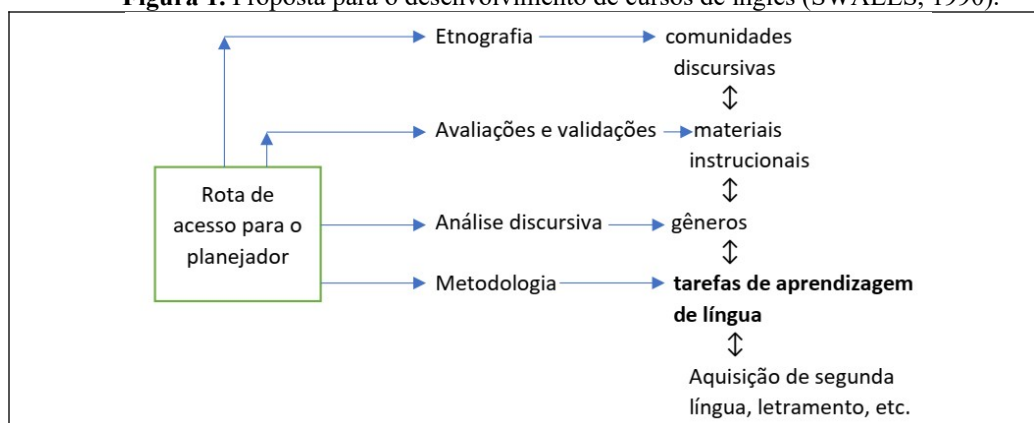
Nessa definição, Swales (1990) exclui características normalmente atribuídas a abordagens baseadas em tarefas tais como ‘negociadas’, ‘coletivas’ e ‘lacunares’ por não considerá-las relevantes para a sua conceituação. O autor observa que emprega a expressão ‘relacionados à aquisição de habilidades de gênero’ por permitir ao criador das tarefas certa liberdade para explorar diferentes tipos de análise e combinações pouco comuns entre textos e tarefas.

Sobre a expressão ‘situação sociorretórica’, Swales (1990) afirma que algumas vezes essa expressão diz respeito a uma comunidade discursiva quando a classe, incluindo o instrutor, atende aos critérios definidores de comunidade discursiva. A situação sociorretórica emergente ou prevista também pode ser a comunidade discursiva à qual o aluno de pós-graduação aspira. Nesse contexto, as tarefas propostas por Swales (1990) e Swales e Feak (2012) emulam situações sociocomunicativas

comuns do contexto acadêmico, tais como a proposição de um contexto de produção onde o candidato assume um papel social e escreve atendendo a um comando pré-estabelecido.

Na figura abaixo, apresentamos a proposta de Swales (1990) para o desenvolvimento de cursos de inglês em que aparecem os conceitos de gênero, de comunidade discursiva e tarefas de aprendizagem de língua, juntamente com a avaliação de materiais instrucionais. O esquema apresenta rotas de acesso para o desenvolvimento de cursos de inglês para fins específicos. De acordo com Swales (1990, p. 68, tradução nossa), trata-se de uma “esquemática de processos que na realidade tendem a ser mais sobrepostos e interconectados do que a figura insinua.” Com base nisso, entendemos que as rotas não seguem uma ordem específica, o que significa que a investigação de comunidades discursivas não precisa preceder a análise de gêneros ou que a análise de gêneros não precisa anteceder o desenvolvimento de tarefas.

Figura 1. Proposta para o desenvolvimento de cursos de inglês (SWALES, 1990).



Fonte: Swales (1990, p. 69) tradução e grifo de Ramos e Boeno (2019, p. 529)

Sendo assim, e entendendo que as tarefas desenvolvidas por Swales (1990) e Swales e Feak (2012) dão suporte aos estudantes, propomos o nosso roteiro de escrita, que, por estar baseado nas tarefas desses autores, também é direcionado por metas e leva o aprendiz a realizar as tarefas passo a passo, sendo que uma tarefa vai subsidiando a tarefa subsequente e, ao final do roteiro o aprendiz terá autonomia para produzir um texto que atenda aos objetivos propostos pelo professor.

2.6 RETÓRICA: SUA GÊNESE E CONTEMPORANEIDADE

A linguagem, desde os primórdios, é usada para a comunicação e sobretudo para agir sobre o outro, ou seja, para persuadir através do convencimento de suas convicções (KOCH, 2000). Em 444 a.C., o primeiro estudo atinente a linguagem a persuasão é atribuído à Empédocles, que mais tarde

ficou conhecido como o fundador da oratória e a partir do qual surgiram diversas teorias retóricas (PETRI, 2004).

A priori, essa retórica tem dois aspectos: de um lado, trata-se de questões referentes ao sentido dos discursos em detrimento dos recursos (figuras) utilizados para obter esse sentido e por outro lado a busca em buscar, organizar e aperfeiçoar técnicas e formas de convencimento e persuasão. Para Petri (2004, p.17): “a retórica aí está, apesar das grandes transformações sofridas, para atestar o uso da linguagem com o objetivo de persuadir”.

A retórica de Aristóteles leva o interlocutor a convencer-se sozinho do erro através da concordância com o emissor de dada mensagem e aceitar ou refutar a ideia implícita no discurso. O início do século XX foi marcado pela não aceitação da retórica e o crescimento das ciências lógicas contrapondo esses dois mundos-o das emoções e o da lógica. Dessa forma, com os estudos da retórica perdendo espaço foi preciso algumas décadas para serem revistos os resultados dessa ciência, a Retórica (PETRI, 2004).

Petri (2004), ao retomar a dialética e a retórica aristotélicas em sua obra, contrapõe-se à premissa de que a evidência fundamenta a lógica, mesmo que essa teoria já venha por séculos sendo basilar na teoria do conhecimento. Alguns autores conceituam a retórica como a técnica ou arte de convencer o interlocutor de que o emissor está correto através da oratória, ou através do discurso escrito ou visual, levando em conta as características físicas, psicológicas, os aspectos de ordem social e político, utilizando-se de uma técnica argumentativa que se impõe a todos os ouvintes, indiferente de sua constituição.

A argumentação, sob essa ótica, se presentifica em nossa vida cotidiana. É como explica Koch (2000, p.19):

Como ser dotado de razão e vontade, o homem, constantemente, avalia, julga, critica, isto é, forma juízos e valor. Por outro lado, por meio do discurso – ação verbal dotada de intencionalidade – tenta influir sobre o comportamento do outro ou fazer com que compartilhe determinadas de suas opiniões (KOCH, 2000, p. 19).

Por esse motivo, pode-se dizer que não há neutralidade nos discursos e sobretudo quando há um discurso argumentativo onde a defesa de uma posição se faz necessária, uma vez que em toda forma de expressão e uso da linguagem presentifica-se uma ideologia (KOCH, 2000).

2.7 SOBRE ARGUMENTAR E PERSUADIR

Numa perspectiva epistemológica temos a gênese do substantivo argumento no latim, *argumentum*, que significa “*prova, evidência, apoio fático*”, vindo do verbo *arguere*, “*provar, acusar, asseverar*” que tem como tema *argu*, cujo sentido é fazer brilhar, idêntico ao que aparece em argúcia, *arguto* (Disponível em:<<https://origemdapalavra.com.br/pergunta/etimologia-da-palavra-argumento>> acesso em 13/jun de 2021).

Em uma perspectiva conceitual, a argumentação, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (1999), consiste na ação que se propõe a modificar um estado de coisas que já existe. A argumentação seria, pois, o ato de persuadir, de provocar uma escolha.

Ao produzir um texto argumentativo visa-se persuadir o ouvinte ou leitor, que é o interlocutor, sobre um determinado assunto, ideia ou opinião, como afirma Koch (2000, p. 19), “a interação social por intermédio da língua caracteriza-se, fundamentalmente, pela argumentatividade”.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (1999) definem como textos argumentativos todos aqueles que objetivam fazer o outro mudar de postura, acreditar no que está sendo dito, ou então, fazer o que está sendo proposto. Isto é, fazer com que o outro mude o seu modo de pensar ou de agir.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (1999) afirmam que a argumentação está ligada diretamente com a retórica trazendo os três elementos essenciais à toda argumentação: um orador⁴, aquele que apresenta o discurso, um auditório, a quem será destinada a argumentação, e um fim, a adesão a uma tese. Assim o ponto de partida, para se desenvolver a argumentação, é o acordo do auditório, a noção do fato na argumentação está ligado à ideia de certo acordo, entre quem argumenta e o auditório que o prestigia, voltado para uma realidade objetiva, pois aquilo que é comum a muitas pessoas, acaba se tornando comum a todos. Assim temos que argumentar é usar argumentos para apresentar e contrapor razões que, através do raciocínio lógico, levem a uma conclusão.

É preciso explicar que auditório não é, então, o conjunto de pessoas que aderiram à ideia apresentada, e sim àqueles que simplesmente tiveram “contato” com o discurso realizado. Perelman e Olbrecht-Tyteca esclarecem:

Quem são aqueles que, no sentido técnico da teoria da argumentação, constituem o auditório de um orador? Serão todos aqueles que entendem [escutam] o seu discurso ou todos aqueles que poderão lê-lo quando ele for publicado? Evidentemente que não. (...) Será aquele que é interpelado no início do discurso? Nem sempre. (...) De fato, o auditório, tecnicamente, é o conjunto de todos aqueles que o orador quer influenciar mediante o seu discurso (PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 1999, p. 237).

⁴ Neste trabalho consideramos o orador como sendo o autor/escritor dos textos, e o auditório como o receptor/leitor do texto.

Nesse sentido, Perelman e Olbrechts-Tyteca (1999) afirmam que as relações que a argumentação possui com a ação é que comprometem os que dela participam. Pelo fato das noções utilizadas na argumentação não serem unívocas e nem o seu sentido fixo decorre que as conclusões de uma argumentação não são restritivas, como concordam Faraco e Tezza (2001). Podemos concatenar então que a argumentação é a defesa de um determinado pensamento sobre uma tese, colocado a um auditório de forma oral ou escrita, com a clara intenção de formar uma opinião coesa de que aquilo que se prega é a verdade dos fatos, utilizando para isso de forma irrestrita uma técnica apurada e um conhecimento exato do fato, sem deixar de respeitar as normas e observar as leis, contudo usando de persuasão, e de raciocínio lógico, como forma de convencimento (MEYER, 1998).

Para Koch (2002) argumentar é quase sinônimo de persuadir pois com a argumentação o locutor quer convencer o outro e provocar sua adesão a determinada ideia e/ou conduta. O enunciador, almejando produzir determinado efeito de sentido, busca usar algumas estratégias e recursos propícios sendo que, dessa forma, o enunciador elabora o discurso já tendo claro o seu objetivo: convencer ou persuadir o seu interlocutor.

Partindo do pressuposto de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1999) de que argumentar é tentar convencer ou persuadir as pessoas, pode-se dizer que também é conduzir o auditório de forma que este aja de acordo com o posicionamento do orador. Para isso a argumentação deve parecer verossímil, plausível, provável. Entendemos então, que, para o convencimento através da argumentação, há que se lançar mão de alguns recursos – as estratégias argumentativas através do argumento de comparação, argumento de autoridade, argumento pragmático, entre outros. Para subsidiar a argumentação, Perelman e Olbrechts-Tyteca (1999) destacam quatro tipos de argumentos: Quase Lógicos, os Baseados na Estrutura do Real, os Argumentos que Fundamentam a Estrutura do Real e os Argumentos que dissociam das noções. Os argumentos Quase Lógicos e os Fundamentados na Estrutura do Real são baseados na utilização de recursos retóricos, linguísticos e conceituais que se correlacionam com os tipos de raciocínios que os argumentos vão suscitar.

Destacamos três argumentos dentre os mais utilizados pelos articulistas⁵: i) o Argumento Pragmático que se destaca por avaliar um fato pelas suas consequências positivas ou negativas; ii) o Argumento de Autoridade “utiliza atos ou juízos de uma pessoa ou de um grupo de pessoas como meio de prova a favor de uma tese” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1999, p.348). Essas autoridades podem ser citadas de forma variada: por categorias, autoridades impessoais e autoridades designadas

⁵Estamos nos referindo aos candidatos que participaram do concurso vestibular de inverno UEM/2019 e produziram os textos (artigos de opinião) analisados em nossa pesquisa.

pelo próprio nome; e iii) Argumento de Comparação “[...] apresentados como constatações de fato, enquanto a relação de igualdade ou desigualdade afirmada só constitui, em geral, uma pretensão do orador” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1999, p. 275), o articulista constrói a argumentação confrontando realidades distintas, estabelecendo uma relação de semelhança ou diferença entre a tese defendida e algum tipo de dado a fim de comprovar o seu próprio ponto de vista.

Na sequência, na seção três, abordaremos especificamente o gênero artigo de opinião e a organização retórica apresentando um quadro comparativo da organização retórica do artigo de opinião da esfera jornalística e do artigo de opinião no contexto específico do vestibular.

SEÇÃO 3 – O GÊNERO TEXTUAL ARTIGO DE OPINIÃO

Uma vez que nosso objeto de estudo centra-se no gênero artigo de opinião e sendo esse a estrela desse cenário, essa seção objetiva primordialmente descrever o gênero artigo de opinião, trazendo à tona suas especificações tais como a temática, estrutura e o produtor de tal gênero. Nos ateremos às duas esferas em que o gênero em pauta está inserido: a jornalística/social e a escolar/acadêmica.

3.1 GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO NA ESFERA JORNALÍSTICA/SOCIAL

Tendo em mente o que postula Swales (1990, p. 58) que “O gênero compreende uma classe de eventos comunicativos cujos exemplares compartilham de um conjunto de propósitos comunicativos” e que o gênero artigo de opinião está presente em muitas esferas comunicativas e que os discursos são construídos de acordo com a situação comunicativa⁶ na qual o indivíduo está inserido, surge a necessidade de compreender e analisar os seus elementos constituintes, haja vista o seu caráter representativo tão presente no âmbito escolar e tão solicitado em concursos vestibulares e ENEM.

Estando na esfera dos textos argumentativos o artigo de opinião é um gênero que visa defender um posicionamento sobre uma determinada temática, o qual relaciona um ponto de vista de um sujeito que pode ou não concordar com o tema abordado (ROJO,2002).

Köche, Boff, Marinello (2009) apud Buckta, Striquer (2015) concatenam que no artigo de opinião o autor, tendo o objetivo de apresentar e defender o seu ponto de vista, fundamenta-se em uma sequência argumentativa que convença o interlocutor da indubitabilidade de seu ponto de vista.

O articulista constrói a sua escrita geralmente na primeira pessoa do discurso no singular, como forma de marcar a sua posição e eventualmente usa a primeira pessoa do plural (nós) para produzir o efeito de inclusão e adesão do interlocutor. Pertencente à esfera jornalística, pode ser encontrado em jornais, revistas e periódicos tanto em versão impressa ou em versão online. E mais, com o advento da globalização e facilidade de acesso à tecnologia, difunde-se com mais facilidade através de *podcast*, blogs e outros tipos de suporte virtual.

Em geral, jornais e revistas possuem seções específicas para a publicação de artigos de seus colunistas e de eventuais colaboradores, tidos como formadores de opinião ou referências em suas áreas de atuação, geralmente. Nesses espaços, os produtores dos textos mobilizam as estratégias

⁶Aqui cabe esclarecer que a situação comunicativa envolve: o lugar, o propósito comunicativo, os participantes e o gênero discursivo. As práticas sociais de linguagem vão estabelecendo modelos textuais para serem usados em determinadas situações, numa esfera específica de atividade humana, como postula Bakhtin “cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2003, p. 262)

argumentativas e a estrutura do gênero de modo a impactar de forma positiva o seu auditório. Nesse sentido, a produção de um artigo de opinião pressupõe uma situação social em que estão envolvidos um meio de comunicação, um produtor que emitirá sua opinião e leitores interessados em conhecer a opinião do articulista sobre o assunto em questão (OLIVEIRA,2004).

Desse modo, a relevância do artigo de opinião advém de abordar questões sociais, políticas e culturais de interesse em determinado contexto, local ou amplo, possibilitando o diálogo de ideias e de temas presentes nesse contexto. O artigo de opinião apresenta alta carga avaliativa em relação aos pontos de vista defendidos ou criticados e em relação às questões debatidas. Além da tese, marcada de forma avaliativa, as vozes inseridas são também alvo de avaliação, aceitação ou refutação, buscando atender à necessidade de defender um ponto de vista(RODRIGUES,2001).

A argumentação é a base do artigo de opinião uma vez que ele é construído em torno de uma questão polêmica e o articulista discute essa questão defendendo seu ponto de vista e o faz através de estratégias argumentativas e não raras vezes usando a sua autoridade como especialista na temática apresentada. Rodrigues (2001) narra que esse gênero apresenta, além de assuntos sociais, uma boa discussão analítica entre o autor do texto e seus interlocutores e essa interação se dá por meio da tomada de posição do articulista e da defesa de sua tese.

Costa (2009, p. 42), diz que o artigo de opinião é construído “a partir de uma questão polêmica e num tom/estilo de convencimento”. O articulista, que assina o texto, tem como objetivo apresentar seu ponto de vista sobre o assunto, usando o poder de convencimento que sua posição lhe atribui. Nesse jogo de convencimento, o articulista deve, ou deveria, segundo a autora, se antecipar a possíveis refutações e apresentar argumentos e dados que se sustentem.

Nesse viés, Para Costa (2009):

A estrutura composicional desse tipo de texto varia bastante (não necessariamente terá uma estrutura canônica tradicionalmente ensinada na escola: Tese inicial na Introdução; Argumentação/Refutação. Desenvolvimento e Conclusão), mas sempre desenvolve, explícita ou implicitamente, uma opinião sobre o assunto, com um fecho conclusivo, a partir da exposição das ideias ou da argumentação/refutação construídas. Em suma, a partir de uma questão polêmica e num tom/estilo de convencimento, o articulista (jornalista ou pessoa entendida no tema) tem como objetivo apresentar seu ponto de vista sobre o assunto, usando o poder da argumentação, defendendo, exemplificando, justificando ou desqualificando posições (COSTA, 2009, p. 36).

A dialogicidade e intertextualidade do artigo de opinião é constatada quando o articulista, embora sendo muitas vezes autoridade no assunto, busca outras vozes para que a sua voz seja fortalecida e seus argumentos sejam validados, dessa forma, através dessas vozes, o articulista assume

uma posição e a defende com uma argumentação objetiva, concisa. Entretanto é preciso que o interlocutor aceite a argumentação apresentada pelo articulista e haja interação e adesão (PEREIRA *et al.*, 2006).

O arcebispo Africano da igreja anglicana Desmond Tutu (1931) diz “Não grite, melhore os seus argumentos”, para melhorar e sustentar os argumentos é preciso, segundo Faraco e Tezza (2001) conhecimento e a habilidade do articulista de prever a refutação e a não aceitação da sua opinião haja vista o fato de que o interlocutor têm suas próprias opiniões e essas devem ser consideradas de forma que uma possível resposta para uma refutação seja arquitetada com argumentos sólidos. A marcação do posicionamento, da análise crítica e da apresentação de uma boa estratégia argumentativa do articulista garante ao artigo de opinião solidez e sendo assim uma boa adesão da tese defendida.

O homem usa a linguagem em variadas formas para a interação em sociedade e, desde os primórdios, essa interação é marcada pela argumentatividade e pela não neutralidade de seus discursos, segundo Koch (2000, p. 19) que salienta o fato de que “a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia”. Nesse sentido todo discurso é pensado, mesmo que implicitamente, de modo a atingir essa interação, e o contexto de produção de um texto tem relevância na efetivação desse objetivo.

Todo texto tem os sujeitos envolvidos e também o contexto de produção. Quanto ao artigo de opinião na esfera jornalística temos a presença de um articulista que escreve sobre uma temática ou assunto que geralmente está em alta na sociedade local ou mesmo em âmbito mundial. Geralmente têm o público-alvo pré-determinado. O articulista, não raras vezes, é um especialista ou estudioso do tema em questão, o que lhe dá certa autoridade e valida os seus argumentos e a sua tese objetivando provocar em seu público-alvo a aceitação de seu posicionamento.

Relativo aos elementos que compõem a condição de produção e a organização do texto observa-se, que: i) o emissor físico do artigo de opinião é um articulista previamente selecionado e que possui relevante autoridade e conhecimento seja na teoria ou na prática do tema em questão, e conhece quem são os receptores de seu texto obtendo então subsídios para que ele escreva de determinada forma; ii) o espaço físico da produção do texto pode variar conforme as determinações e acordo, podendo ser a casa ou escritório do articulista, as dependências da mídia contratante, entre outros; iii) o tempo para produção do artigo é adaptável ao articulista devido ao fato de que alguns deles produzem em períodos de horas, variando entre dias, semanas e meses, pois isso depende muito do tema tratado (BUCKTA; STRIQUER, 2015).

Grosso modo, a produção de um artigo de opinião materializa-se em um contexto onde um articulista se posiciona ante uma questão gerando controvérsia e discussão que são marcadas através de expedientes linguísticos característicos como o uso do verbo em primeira pessoa que evidenciam a opinião pessoal do autor “*penso que, afirmo que*”. O articulista, como um bom estrategista, traz para o seu discurso⁷ outras vozes, e através do argumento de autoridade, justifica o seu ponto de vista marcando a dialogicidade desse tipo de gênero (PEREIRA et al, 2006).

O artigo de opinião na esfera jornalística é, em suma, o comentário de um discurso polêmico (gancho) preexistente, onde o articulista tenta, com auxílio de outras vozes,⁸ validar a sua tese e convencer o seu interlocutor (o qual já é previamente conhecido)

Nesse viés, Cunha (2002) discorre que:

O artigo de opinião é constituído de outros discursos sobre os fatos comentados e de antecipação das objeções do leitor, para fazer aderir ao seu ponto de vista e para criticar outros com os quais mantêm uma relação de conflito. Tudo isso comprova que o texto é o lugar de circulação de discursos mostrados ou não, e o sujeito não é a fonte do sentido, mas o constrói no trabalho incessante com o já dito (CUNHA, 2002, p. 193)

Portanto, pode-se notar a multiplicidade de discursos e a dialogicidade no artigo de opinião haja vista o fato de o articulista colocar-se no lugar do leitor, prevendo e refutando suas posições e fazendo isso dialogando com outras vozes, discursos e textos através de estratégias argumentativas e recursos persuasivos como explicações ou apresentação de dados e evidências.

Todo gênero tem uma estrutura própria. Geralmente, o artigo de opinião segue o padrão dos textos dissertativo-argumentativos: introdução, desenvolvimento e conclusão.

É preciso ressaltar que, a depender do suporte onde esse artigo está sendo veiculado, a estrutura pode sofrer algumas variações. Em alguns casos o nome do articulista aparece já abaixo do texto com breve biografia, provavelmente como estratégia argumentativa, uma vez que geralmente o articulista será um especialista e/ou influente no assunto em pauta reforçando assim o argumento de autoridade.

A seguir apresentamos o modelo de organização retórica proposto por Oliveira (2004) para artigos de opinião da esfera jornalística.

⁷ Ressaltamos que o termo discurso define, na teoria retórica, tanto o texto escrito como o falado.

⁸ O articulista geralmente busca respaldo em outras vozes através de citações diretas ou indiretas e do argumento de autoridade. Como visitamos a teoria de Bakhtin (2003), convém ressaltar que, para ele, cada ato de enunciação é composto por diversas vozes. Assim, cada ato de fala é repleto de assimilações e reestruturações destas diversas vozes, ou seja, cada discurso é composto de vários discursos e daí advém o dialogismo.

Figura 2. Modelo de organização retórica de Oliveira (2004).

<p>Unidade retórica 1 – Apresentação do tema Subunidade 1A – Apresentando o fato jornalístico e/ou Subunidade 1B – Apresentando o(s) antecedente(s) do tema em questão</p> <p>Unidade retórica 2 – Apresentação de uma tomada de posição Subunidade 1 – Formulando uma tese e/ou Subunidade 2 – Apresentando diferente(s) argumento(s) que justificam a tese</p> <p>Unidade retórica 3 – Avaliação Subunidade 1A – Apresentando processo(s) estimativo(s) de juízo(s) de valor(es) e/ ou Subunidade 1B – Apresentando causa(s) e consequência(s)</p> <p>Unidade retórica 4 – Conclusão Subunidade 1A – Apresentando conclusão(ões) e/ou Subunidade 1B – Indicando perspectiva(s)</p>
--

Fonte: Oliveira (2004, p.73)

Oliveira (2004) optou por substituir os termos *moves* (movimentos) e *steps* (passos) por Unidade Retórica e Subunidade. A organização divide-se em quatro Unidades Retóricas e oito Subunidades. Na Unidade Retórica 1 há a apresentação do tema. Na Unidade Retórica 2 o articulista apresenta uma tomada de posição. A avaliação é apresentada na Unidade Retórica 3. Na Unidade Retórica 4 o articulista apresenta a conclusão bem como indica perspectivas. O leitor acompanha o “folhado textual” do articulista através de passos guiados, como mostram as subunidades.

Levando em consideração que as condições de produção⁹ do artigo de opinião no contexto de vestibular são diferentes da condição de produção do artigo de opinião na esfera jornalística/social, seus movimentos retóricos também o serão, conforme assevera Ramos, Bicudo e Raimo (2019).

Isso posto, trazemos à baila o artigo de opinião no contexto escolar/acadêmico e especificamente no contexto do vestibular a fim de discutirmos suas especificidades e, posteriormente, fazermos a análise de nosso *corpus*.

⁹ Sobre as condições de produção, Brait (2000) pontua que cada esfera de produção, circulação e recepção reúne e constitui gêneros próprios e apropriados. Essas condições de produção requerem uma escolha diferente de expedientes linguísticos, que determina o estilo da mensagem e a sua organização retórica.

3.2 O ARTIGO DE OPINIÃO NA ESFERA ESCOLAR/ACADÊMICA

Numa perspectiva Bakhtiniana, para ensinar um gênero, é preciso estar ciente de todas as suas especificidades tais como a organização temática, composicional e estilística. O discurso¹⁰ vai se organizando e constituindo formas padronizadas conforme a esfera de atividade e a situação comunicativa, determinando a sua estrutura retórica e o uso dos recursos linguísticos. Fato a que se atrela o gênero artigo de opinião. Concernente ao dialogismo, Bakhtin pontua:

O enunciado é pleno de tonalidades dialógicas, e sem levá-las em conta é impossível entender até o fim o estilo de um enunciado. Porque a nossa própria ideia – seja filosófica, científica, artística – nasce e se forma no processo de interação e luta com os pensamentos dos outros, e isso não pode deixar de encontrar o seu reflexo também nas formas de expressão verbalizada do nosso pensamento. (BAKHTIN, 2003,p. 258).

Tendo por base as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (BRASIL, 1998) e as novas concepções acerca da linguagem¹¹ que muitos pesquisadores desta área apresentam, o ensino da língua materna está pautado nos gêneros textuais como objeto de ensino. É necessário, portanto, entender como esse objeto (gênero) funcionará como uma ferramenta colaborativa do desenvolvimento e ampliação tanto da capacidade de leitura, produção, e conhecimento gramatical de uma língua como o uso adequado dela nas diversas situações comunicativas e práticas discursivas.

Textos orais e escritos permeiam a nossa prática social, sobretudo, aqueles da ordem do argumentar. Tomemos, à guisa de exemplo, a situação comunicativa entrevista de emprego, onde o candidato deve responder questionamentos e argumentar a fim de convencer e persuadir o seu entrevistador de que ele(o entrevistado)é a melhor escolha para a vaga. Portanto, esses textos circulam nas mais variadas esferas de atividade humana.

Sendo assim, é preciso desenvolver a capacidade argumentativa dos alunos, e para tanto, são utilizados nas aulas do Ensino Médio gêneros textuais da esfera do argumentar, como a dissertação argumentativa, o artigo de opinião, a carta do leitor, a carta de reclamação, o comentário e a resposta

¹⁰Como já esclarecido anteriormente, neste trabalho tomamos o termo discurso como é concebido na teoria retórica: o texto falado e/ ou texto escrito.

¹¹Estudiosos da Linguagem e sobretudo da Língua Portuguesa como Geraldi ((1984),Travaglia(1996) e Castilho (1998) discorrem sobre três concepções de linguagem: a língua como atividade mental (linguagem como expressão de pensamento); a língua como estrutura (linguagem como instrumento de comunicação); a língua como atividade social (linguagem como meio/forma de interação).Indicamos a leitura, para aprofundamento teórico do artigo Concepções de Linguagem, Teorias Subjacentes e Ensino de Língua Portuguesa de Perfeito (2005).

argumentativa¹². Nessa seara, tais gêneros adquirem um caráter relevante no ensino da escrita e no desenvolvimento da efetiva argumentação.

Pois bem, partindo dessas elucidações, é possível compreender que o gênero textual artigo de opinião na esfera escolar tem um propósito comunicativo bem específico: desenvolver a competência comunicativa¹³ do aluno em uma situação determinada para obter a sua aprovação, quer seja nas avaliações escolares ou uma nota considerável no vestibular para seu ingresso em uma universidade. Além do mais, este gênero, devido às suas características semelhantes aos demais gêneros de ordem argumentativa (introdução, desenvolvimento e conclusão) comprometidos com a lógica da organização textual, pode servir de base para o ensino de outros gêneros textuais como o editorial, a resenha, a reclamação dentre outros.

Assim, como a função social e o propósito comunicativo do gênero artigo de opinião é divergente na esfera escolar se comparada à esfera jornalística, também suas características, tanto contextuais como organizacionais divergem daquelas do contexto jornalístico pois essas características são maleáveis e surgem a partir das necessidades e das práticas discursivas. Nessa esteira, é preciso que o aluno tome ciência dos vários gêneros textuais com os quais entra em contato nas diversas esferas sociais, pois, eventualmente poderá se deparar com esses gêneros e esferas, em vestibulares. É preciso ressaltar ainda que, a depender da esfera, teremos um ou mais gêneros pouco ou muito utilizados.

Para Bakhtin (2003), os gêneros possuem elementos essenciais e indissociáveis: tema, conteúdo, estrutura composicional. Esses elementos são determinados pelos parâmetros da situação de produção desses enunciados\textos. Em relação a condições de produção, essas condições têm como elementos a esfera comunicacional, o papel social dos interlocutores e a sua percepção quanto ao referente, o propósito comunicativo, o suporte e o dialogismo. Ou seja, a produção de um determinado gênero é influenciada por esses aspectos, haja vista que será produzido sempre dentro de um contexto, tendo um referencial e um propósito comunicativo. Nesse sentido, nossa temática vem ao encontro dessas pontuações uma vez que a produção do artigo de opinião no contexto do vestibular está atrelada

¹²Para um aprofundamento acerca dos textos argumentativos sugerimos a obra *Questões de retórica, Linguagem, Razão e Sedução*, de Michel Meyer(2007).

¹³ Competência comunicativa é a capacidade de produzir e compreender enunciados /textos adequados ao contexto e ser capaz de comunicar eficazmente, de acordo com as várias situações culturais e sociais. Os PCN de Língua Portuguesa dissertam que: “A conquista da escrita alfabética não garante ao aluno a possibilidade de compreender e produzir textos em linguagem escrita. Essa aprendizagem exige um trabalho pedagógico sistemático. Quando são lidas histórias ou notícias de jornal para crianças que ainda não sabem ler e escrever convencionalmente, ensina-se a elas como são organizados, na escrita, estes dois gêneros: desde o vocabulário adequado a cada um, até os recursos coesivos que lhe são característicos (BRASIL – PCN, 1998, pp. 27-28)”.

ao comando de produção e o candidato precisa obedecer a esse comando (referencial) para obter o seu objetivo (propósito comunicativo).

Na abordagem sociorretórica de Swales (1990), no que diz respeito às comunidades acadêmicas, o pesquisador, ao escrever um artigo acadêmico, por exemplo, está em interação com a sua comunidade discursiva que, por sua vez, baliza as decisões do pesquisador com relação aos aspectos retóricos envolvidos na produção do gênero.

É preciso ainda observar que há uma dinamicidade estabelecida entre o contexto de produção e o contexto de cultura de produção desse gênero. Tomemos, à guisa de exemplo, o gênero narrativo Diário de bordo ensinado na esfera escolar. Para tal gênero, não tem-se dado muita atenção devido ao fato de não haver uma recorrência frequente desse gênero nas práticas e situações comunicativas, algo diferente acontece com os gêneros da esfera do argumentar e entre eles o artigo de opinião. Observa-se uma cultura de produção desse gênero (diário de bordo) bem diferente da cultura de produção daquele. No Ensino Médio e em cursinhos preparatórios para concursos e vestibulares, os alunos são preparados para atender às expectativas do comando de produção e contexto situacional, atendendo os requisitos e demonstrando a competência linguística, discursiva e estrutural que o gênero e sobretudo, o contexto de produção exigem. Conforme Silva e Araújo (2009, p. 137), “os vestibulandos devem demonstrar que são capazes de escrever um texto condizente com a proposta apresentada e, conseqüentemente, que estão aptos para ingressar na universidade”.

É bem sabido que o contexto de produção pode influenciar a estrutura do artigo de opinião. Na esfera jornalística, há uma seção própria para a emissão de opinião, sendo publicado de forma semanal, quinzenal ou mesmo mensal. Há também a limitação de espaço, geralmente uma a uma página e meia. O autor, que pode ser um convidado especialista no tema em questão ou alguém do próprio jornal que escreve para dar opinião ou argumentar sobre determinado assunto (furo jornalístico, gancho ou assunto polêmico). Em contrapartida, em um contexto simulado de produção, como no caso da prova do vestibular, o articulista é o candidato concorrente a uma vaga na instituição e seu leitor é uma banca de avaliadores. Nesse caso, o texto tem como principal função social avaliar a competência do candidato no uso da linguagem em uma determinada situação de interação, fornecendo uma nota que, com a prova objetiva, aprovará ou não o candidato (RAMOS; BICUDO; RAIMO, 2019).

Ramos, Bicudo e Raimo (2019) elencam algumas características desse contexto em contraste ao contexto real de produção: o tema é imposto; o tempo é limitado; o leitor é definido categoricamente; o propósito comunicativo é delimitado, o suporte e a esfera da comunicação divergem—pois o articulista

do contexto do vestibular não é especialista, precisa usar uma máscara para atender ao comando de produção e escrever em um tempo relativamente curto para uma banca de professores avaliadores com o objetivo de obter uma boa nota na prova. E além disso, o articulista/candidato não pode posicionar-se conforme a sua própria opinião, precisa antes, obedecer ao que dita o comando e contexto da prova.

A figura ilustra sistematicamente a diferença entre os dois contextos de produção do artigo de opinião:

Figura 3. Contexto de produção no Vestibular.

CATEGORIAS	CONTEXTO DE PRODUÇÃO	
	VESTIBULAR	CIRCULAÇÃO SOCIAL
Posição social do autor	Candidato	Jornalista ou especialista na área
Interlocutor	Banca de professores	Leitores em geral
Suporte material	15 linhas da folha de prova	Jornais e revistas (impresso ou online)
Esfera da comunicação	Escolar/acadêmica	Jornalística
Finalidade/ intuito	Ser aprovado no vestibular	Expor o seu ponto de vista

Fonte: Ramos, Bicudo e Raimo (2019, p. 99)

Os autores defendem a hipótese de que a organização retórica do artigo de opinião do contexto do vestibular apresenta diferenças com relação à organização apresentada pelos artigos produzidos na esfera jornalística uma vez que os contextos de produção e recepção são diferentes.

Na próxima seção apresentamos o procedimento metodológico e discussão dos dados. Expomos essa discussão com a análise dos movimentos retóricos de nosso *corpus* – trinta artigos de opinião produzidos por candidatos do vestibular de inverno 2019 da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

SEÇÃO 4 – PROCEDIMENTO METODOLÓGICO, EXPOSIÇÃO E DISCUSSÃO DA ANÁLISE

Nesta seção, apresentaremos o procedimento metodológico, bem como a exposição de nossa análise e o faremos através de excertos, uma vez que, segundo Netto (2011, p. 21), a teoria é a “reprodução ideal do objeto real”; para o autor, é preciso “apreender a essência” do objeto pesquisado. Na nossa análise, a teoria se funde ao objeto analisado, para ganhar visibilidade e credibilizar a originalidade do trabalho. Importante ressaltar também que a teoria pode ser lida em vários teóricos, mas a análise traz um teor de ineditismo e originalidade, por refletir a visão do analista que, ressaltamos, é uma das múltiplas possibilidades de análise.

4.1 NATUREZA DA PESQUISA

A abordagem metodológica dessa pesquisa é de cunho quantiquantitativo pois considera tantos aspectos numéricos quanto aspectos socioculturais que estão relacionados ao contexto de produção, bem como considera as características prototípicas do gênero analisado. Em termos de procedimento tem-se a análise documental, uma vez que as redações, constituem os documentos que poderão ser reexaminados posteriormente, sob outra ótica e tendo outro objetivo. Esta pesquisa também trabalha com dados quantitativos visto que analisará a porcentagem de ocorrência das funções retóricas.

4.2 UNIVERSO DE ANÁLISE (*CORPUS*)

Nosso universo de análise é constituído por textos/redações produzidas por candidatos participantes do concurso vestibular de inverno da Universidade Estadual de Maringá, vestibular esse realizado em 2019.

O *corpus* é composto de trinta artigos de opinião que foram selecionados de um total de 90 textos disponibilizados pelo banco de redações do vestibular da Universidade Estadual de Maringá-UEM¹⁴. Os textos selecionados foram os que obtiveram nota excelente. A escolha de textos com notas excelentes se deu haja vista o fato de, possivelmente, encontrarmos uma maior ocorrência da maioria das funções retóricas nas mesmas. Os exemplares escolhidos dentre os 90 artigos foram identificados com a legenda AO1, AO2 etc.

¹⁴ Ao realizar a inscrição o candidato assina um termo onde aquiesce que seu texto fique disponível no banco de dados da Universidade por um certo período de tempo, para eventuais análises, como essa que efetivamente fizemos. Dessa forma não é preciso que essa pesquisa/análise passe pelo comitê de ética da Universidade.

4.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Os procedimentos de análise do *corpus* desenrolou-se em três momentos: a) Escolha e separação dos trinta artigos de opinião; b) leitura e análise minuciosa dos textos e, c) identificação da organização retórica dos artigos de opinião destacando as funções e as subfunções baseadas no modelo proposto por Ramos, Bicudo e Raimo (2019).

Num primeiro momento, separamos e identificamos os textos, em seguida, realizamos uma leitura analítica, com separação e marcação de trechos e excertos significativos e representativos das funções e subfunções do modelo retórico adotado.

4.4 CONTEXTO DE PRODUÇÃO DO *CORPUS*

Como já dito anteriormente, o contexto de produção de um gênero determina seu propósito comunicativo, bem como sua organização retórica. À vista disso, os artigos de opinião analisados nesta pesquisa foram produzidos no contexto do vestibular, especificamente no vestibular de inverno de 2019 da Universidade Estadual de Maringá. A seguir, apresentaremos o contexto de produção e o comando de produção.

Quadro 4. Contexto de Produção.

Você, estudante do Ensino médio, é uma pessoa que consome *Fast Food* (comida rápida) assim como o faz a maioria dos brasileiros e tem um *Blog* pessoal *Falando Sério*. Ao ler sobre o movimento *Slow food* (comer com calma) resolve escrever sobre hábitos alimentares a fim de conscientizar seus seguidores e outros possíveis leitores.

Fonte: Universidade Estadual de Maringá (2019, p. 3).

Quadro 5. Comando de Produção.

Considerando o contexto de produção apresentado, informações do texto 1 e 2 e conhecimentos sobre o assunto escreva um ARTIGO DE OPINIÃO posicionando-se a respeito de **culturas de alimentação nos dias atuais e suas consequências**, caso queira assinar seu texto, utilize APENAS **Prudêncio** ou **Prudência**. Seu texto deve ser escrito com o mínimo de 15 e o máximo de 22 linhas.

Fonte: Universidade Estadual de Maringá (2019, p. 3).

O comando de produção subdivide-se em dois momentos. O primeiro, *Contexto de produção*, cria uma situação imaginária e indica um papel social para o candidato. O segundo momento, *Comando de produção*, delimita o gênero, o tema e a quantidade de linhas.

Observa-se ainda que, nesse comando de produção, não há cobrança de tomada de posição (ser contra ou a favor) explícita do candidato, mas nota-se que para responder adequadamente a esse

comando, o candidato deve apresentar argumentos que defendem a necessidade de uma cultura alimentar adequada para uma boa saúde e qualidade de vida com o intuito de conscientizar os seguidores e leitores do blog Falando Sério, e certamente espera-se que o candidato escreva sobre hábitos alimentares saudáveis e/ou os prejuízos dos hábitos alimentares ruins/não saudáveis. Sendo assim, o autor candidato não tem a possibilidade de posicionar-se de outra maneira: encontra-se comprometido com a temática e com o comando, pois precisa escrever para uma banca de julgadores e espera ser aprovado, e, para isso, o comando apresentado deve ser seguido (RAMOS; BICUDO; RAIMO, 2019).

Percebe-se que o candidato precisa se legitimar num contexto de produção artificial e, nesse caso, conforme narra Ramos, Bicudo e Raimo (2019, p. 99) “o sujeito-candidato além de não ocupar o lugar de jornalista reconhecido/colaborador legitimado no assunto deve, ainda, marcar, num jogo de “faz de contas”, uma posição social legitimada”.

Sendo um tema que não foi escolhido pelo aluno e sim determinado por um comando preexistente, todas as escolhas argumentativas serão determinadas por esse contexto, haja vista o fato de precisar seguir o comando de produção para alcançar uma nota boa na redação.

Ainda para nortear a escrita, o candidato conta com dois textos de apoio, que fornecem subsídios para a redação e têm a função de situá-lo sobre o tema da proposta. Os textos apresentados foram retirados de jornais online e adaptados para o processo seletivo em questão. O primeiro texto é da jornalista Juliana Carreiro “Os perigos dos *fast foods*, o queridinho dos brasileiros” publicado no jornal on-line Estadão; o segundo é um texto de uma revista rural online que não traz a autoria, apenas diz que é uma adaptação, intitulado “*Slow food* estimula mais saúde no prato”.

Nesse contexto, analisaremos então, a organização retórica dos exemplares do *corpus* com base no modelo proposto por Ramos, Bicudo e Raimo (2019) que segue a metodologia do modelo CARS de Swales (1990) e é constituído de três funções retóricas e sete subfunções: Função retórica 1 – Apresentação do tema, Subfunção 1A – Apresentar um fato jornalístico e/ou Subfunção 1B – Apresentar o(s) antecedente(s) do tema; Função retórica 2 – Apresentação de uma tomada de posição, Subfunção 2A – Formular uma tese e/ou Subfunção 2B – Apresentar argumentos que justificam a tese e/ou Subfunção 2C – Provocar reflexões para justificar a tese e/ou Subfunção 2D – Apresentar possíveis contra-argumentos e /ou Subfunção 2E – Mencionar a posição social como autoridade no assunto; e Função Retórica 3 – Conclusão.

O *corpus* da pesquisa é composto por trinta artigos,¹⁵ como já mencionado, entretanto colocaremos na íntegra apenas um exemplar (AO 14) para demonstrar como construímos o modelo analítico. As análises serão feitas por meio de excertos retirados dos textos.

AO 14. Você quer ser o que você come? (FR2 SB2C) e (FR2SB2A)

Sua vida está tão concorrida ultimamente que você nem presta atenção no que come ou, assim como eu, come o que pode na hora que consegue? (FR1 SB1A) **Cursando o Ensino Médio e visando o curso de nutrição, neste meu blog venho comparar as duas mais famosas culturas de alimentação- fast food e Slow food**(FR2 SB2E) e explicar porque a última é definitivamente minha meta de vida, e deveria ser a sua também. (FR2 SB2A)

Você já experimentou comidas instantâneas ou de grandes empresas de fast food tenho essa certeza porque o mundo atual com todas as dominações e afazeres não nos deixa "perder tempo" escolhendo produtos de qualidade ou chegando a procedência dos alimentos que ingerimo(FR2 SB2D) então, **espero que você tenha noção da quantidade de substâncias malélicas ao seu corpo, que desencadeiam doenças cardíacas e transtornos como a obesidade foram colocadas dentro de seu organismo coisas que não são encontradas no movimento Slow food, pois se conhece o fornecedor e os seus meios de produção.**(FR2 SB2D) **A cultura do fast-food é conectada também ao fato de não socializarmos enquanto comemos ponto porque o fazemos tão rápido quanto a comida foi entregue em nossas mãos. Isso é um triste fim as rodas de conversa e amizades feitas através da comida compartilhada e apreciada com tempo, momentos esses que são retomados pelo slow food.**(FR2 SB2B)e(FR2 SB2A)

Muitos alegam não comer bem pela falta de tempo, visto que a hora do almoço pode ser usada para determinar certos afazeres e atualizar as redes sociais(FR2 SB2),mas eu te pergunto seguidor: **como nós temos tão pouco tempo para comer bem cuidando de nossa própria saúde mas tanto tempo para checar e-mail ou atualizar um Instagram?**(FR2 SB2C)

Você prefere usar seu tempo socializando e cozinhando algo que previna seu corpo de doenças ou ser obrigado a perder dias ou até semanas de trabalho após contrair no mínimo uma intoxicação alimentar ? (FR2 SB2C)**Pense no assunto e se torne junto a mim um adepto da filosofia do Slow food, nós ainda podemos mudar que seremos de acordo com o que comemos.** (FR3) e (FR2 SB2C)

¹⁵ Esse percurso analítico foi efetuado em todos os artigos, porém ficaria muito extenso colocar todos os artigos na íntegra, dessa forma optamos por trazer apenas um exemplar com os excertos mais significativos e representativos de cada função e subfunção.

4.5 ANÁLISE DA ORGANIZAÇÃO RETÓRICA

É sabido que o aprendizado da escrita é um processo muito longo, que vai além dos portões escolares. Logo, para que o aluno aprenda a escrever, é preciso algum conhecimento do conteúdo e do gênero a que pertence o texto em questão. Além disso, é necessário considerar vários fatores importantes nesse processo, como: contexto de produção, público-alvo, a organização do texto, a escolha lexical adequada, além do conhecimento sobre as regras gramaticais, ortográficas e o planejamento de escrita e revisão. A partir disso, abordarmos nesta etapa a distribuição das informações que predomina nos exemplares do corpus selecionado. Essa distribuição nos permitiu encontrar a organização retórica desse gênero que evidencia o seu propósito comunicativo.

Os exemplares foram enumerados de 1 a 30 e identificados como AO1, AO2 (e assim até o AO30). Para preservar a caligrafia do candidato/articulista, optamos por não digitalizar os textos. Desta forma, o artigo na íntegra e os excertos utilizados foram digitados mantendo o anonimato da identidade caligráfica do candidato. Verificamos que 24 textos (80%) possuem título. Apenas 11 (37%)¹⁶ apresentam assinatura. A baixa ocorrência de textos assinados pode ser explicada pelo fato de o comando trazer a opção de não assinar.

Como nos baseamos no modelo proposto por Ramos, Bicudo e Raimo (2019) utilizaremos o termo ‘função retórica’ pois de acordo com Ramos (2011, p. 23) “A função retórica concerne à função comunicativa que um trecho textual cumpre num determinado gênero”, e de acordo com Swales (2004, p. 228, tradução nossa) “Um movimento” na análise de gênero é uma unidade retórica ou discursiva que realiza uma função comunicativa coerente em um discurso falado ou escrito.”

Para a discussão e exposição da análise do *corpus* tomamos como ponto de partida o quadro a seguir que traz as funções retóricas e suas subfunções além da porcentagem de ocorrência.

¹⁶ Alguns artigos apresentam título e assinatura, portanto foram contados nas duas categorias (com título e com assinatura).

Quadro 6. Organização Retórica dos artigos de opinião do corpus de pesquisa.

Função Retórica 1	Apresentação do tema	100%
Subfunção 1A	Apresentar um fato jornalístico e/ou	37%
Subfunção 1B	Apresentar o(s) antecedente(s) do tema	63%
Função Retórica 2	Apresentação de uma tomada de posição	83%
Subfunção 2 A	Formular uma tese e/ou	100%
Subfunção 2B	Apresentar argumentos que justifiquem a tese e/ou	86%
Subfunção 2C	Provocar reflexões para justificar a tese e/ou	80%
Subfunção 2D	Apresentar possíveis contra-argumentos e/ou	63%
Subfunção 2E	Mencionar a posição social como autoridade no assunto	73%
Função retórica 3	Conclusão	97%

Fonte: Elaboração própria com base no modelo proposto por Ramos, Bicudo e Raimo (2019, p. 102).

Função Retórica 1 – Apresentação do tema

Onze artigos contemplam a **Subfunção 1A: Apresentar um fato jornalístico**, totalizando 37% dos artigos. Foi possível perceber que essa subfunção aparece em grande maioria no início do texto para apresentar o assunto do artigo de opinião. Notamos também que o candidato autor explica como tomou conhecimento do tema, seja observando os próprios hábitos alimentares ou lendo alguma matéria sobre o assunto em consonância com o contexto de produção da redação. Quanto aos expedientes linguísticos característicos, destacam-se o verbo ‘ler’ (*ler, li*) e os itens lexicais *movimento, notícia e reportagem*:

AO1 “(...) mas após ler sobre o movimento *Slow Food* (que é o resgate de nutrição mais natural, criado há mais de duas décadas na Itália) (...)”

AO7 “ao ler uma notícia intitulada ”Slow food (comer com calma) percebi o quanto meu descuido com uma boa alimentação acarretou consequências (...)”

AO9 “Ontem, li o movimento *Slow Food*” (“comer com calma”) que defende uma maior reserva de tempo para preparar os próprios alimentos(...)”

AO10 “(...) semana passada me deparei com uma reportagem que falava sobre o “*Slow Food*”, movimento que surgiu na Itália e propõe uma vida mais saudável(...)”

A **Subfunção 1B: Apresentar antecedente(s) do tema** ocorre em 19 artigos, num percentual de 63%. Observa-se, conforme mostrado nos excertos abaixo, que há generalizações, explicações e questionamentos para relacionar o tema ao contexto e/ou justificar a tese defendida. As generalizações

apresentam um ponto de vista do qual espera-se que o leitor compartilhe ou estabelecem um vínculo entre a rotina de vida do leitor e o mau hábito alimentar.

Com relação aos expedientes linguísticos característicos destacam as formas verbais conjugadas na primeira pessoa do plural (*trocamos, temos, pensamos, cozinhamos*), sintagmas nominais que englobam o leitor (*nossas vidas, nossa própria comida, as pessoas*) e substantivos flexionados no plural (*atividades, relações, indivíduos, restaurantes*). Esses expedientes linguísticos contribuem na caracterização desse movimento retórico do gênero, contribuindo com seu propósito, ou seja, explicitar e situar o leitor a respeito do tema que será discutido ao longo do texto.

Essa subfunção ocorre em sua maioria no início do texto, porém há exemplos em que ela aparece no desenvolvimento, indicando uma flexibilidade na ordem da organização retórica.

AO4 “(...) não dá para desperdiçá-los fazendo comida e/ou almoçando com a família, ainda mais sabendo que com um toque no celular a “refeição” é servida e tudo resolvido, certo?”

AO12 “Muitas vezes trocamos um almoço saudável por um lanche, devido ao limitado tempo que temos para nos alimentar e voltar aos estudos.”

AO20 “A velocidade das atividades e relações humanas tem aumentado exponencialmente (...) que influencia diretamente a rotina dos indivíduos e principalmente seus hábitos alimentares.”

AO11 “(...) a última coisa que pensamos é em comer, e quando pensamos é ridícula a ideia de cozinhamos nossa própria comida com alimentos frescos ou ir num restaurante assim.”

AO15 “(...) Atualmente nossas vidas são extremamente corridas (...) como consequência ter uma boa alimentação não é prioridade (...)”

AO18 “A obesidade no Brasil aumenta a cada ano, fator que pode explicar o ocorrido é a expansão de restaurantes de *fast food* pelo país.”

AO19 “Nos dias de hoje, as pessoas dão cada vez menos importância aos hábitos alimentares, fazendo com que os mesmos tornem-se precários.”

Função Retórica 2 - Apresentação de uma tomada de posição

A **Subfunção 2A – Formular uma tese** ocorre em 100% dos textos. Essa totalidade justifica-se haja vista o fato de o comando de produção da prova já direcionar (implicitamente) o candidato para uma tomada de posição. Considerando que o candidato deve posicionar-se a respeito de culturas de alimentação nos dias atuais e suas consequências, a formulação da tese se dá por meio de remissão semântica com o uso de repetição lexical (*consequências alarmantes, cultura de alimentação*) e de sentenças que remetem ao tema por uma relação de causa e consequência (*más escolhas = problemas nutricionais; hábitos alimentares [...] péssimos = afetam drasticamente nossa qualidade de vida; má*

alimentação = extremamente prejudicial; rotineira cultura de alimentação = graves consequências).

Os excertos abaixo exemplificam essa subfunção:

AO8 “[...] más escolhas levam a consequências alarmantes: cada vez mais cresce o número de pessoas com problemas nutricionais, especialmente jovens.”

AO14 “Isso me fez pensar muito sobre como nossos hábitos alimentares atualmente são péssimos e afetam drasticamente nossa qualidade de vida.”

AO16 “(...) ao ler sobre o movimento *Slow Food* percebi que uma má alimentação é extremamente prejudicial.”

AO23 “Quando não dá tempo recorro ao *fast food* o que não é nada saudável e como muito rápido, como se o momento da refeição não fosse importante.”

AO30 “(...) mas estou consciente que essa rotineira cultura de alimentação tem graves consequências para o futuro.”

Em seis artigos a tese dilui-se no texto, estando presente de forma implícita conforme mostrado nos seguintes trechos em que o AO4 defende a tese de que o ato de comer é um ato cultural e que a vida corrida leva a escolhas mais rápidas. Já o autor do AO12 defende a tese de que o consumidor é manipulado pelos anúncios e mesmo sabendo que é um hábito ruim continua a consumir *fast foods*.

AO4 “Quando saio do colégio já como um *fast food* para não perder tempo e estudar. Relaciono esse fato com o conteúdo de Sociologia, o qual recebemos uma aculturação dos hábitos alimentares e o fazemos sem perceber suas consequências. Em primeiro lugar, nossa rotina é tão cheia que nem nos damos uma hora para cozinhar e comer algo saudável, preferimos sempre o prático. Principalmente se moramos em cidade grandes como São Paulo, onde as comidas práticas dominam o local”.

AO12 “[...] passou a ser um hábito comer comidas prontas e industrializadas na vida da população, da mesma forma que nos tornamos massa de manobra das campanhas publicitárias, que nos transmitem uma ideia de acomodação aliada ao prazer imediato. E arrisco dizer que mesmo sabendo dos riscos na saúde que essa base alimentar proporciona, a alienação é tamanha, a ponto de acreditarmos que não há problema em permanecer consumindo-a”.

Encontramos também a tese já explícita no título do artigo de opinião e depois retomada no texto. O quadro a seguir mostra essa ocorrência.

Quadro 7. Tese explícita no título.

Título	Retomada no texto
AO15: Quem tem pressa come errado	[...] sei como é muito mais fácil e prático comer um <i>fast food</i> , [...] por isso venho mostrar os grandes problemas que um “lanchinho” fazem a nossa saúde”.
AO11: Benefício em forma de comida	[...] comendo mais frutas e verduras ou até mesmo comendo mais devagar”.
Ao3: O fim da saúde na alimentação	“os tão famosos <i>fast foods</i> contém um valor calórico muito alto, além de altas concentrações de sódio, açúcar e gordura, o que tem levado ao aumento do aparecimento de doenças[...].”

Fonte: Elaboração própria com base na análise do corpus

A **Subfunção 2B – Apresentar argumentos que justifiquem a tese** ocorreu em 26 artigos (86%). Nessa subfunção, há a ocorrência do argumento pelo exemplo (*alimentação saudável, composta por alimentos naturais que vem direto do agricultor; algumas das consequências [...] aumento dos níveis de colesterol, hipertensão*), do argumento de autoridade (*diante da frase citada por Bela Gil, chef e apresentadora; citado pela filósofa Hannah Arendt como o pior mal*), do argumento pragmático (*os fast foods pela falta de nutrientes [...] pode nos trazer alteração no colesterol, diabetes do tipo II, queda no sistema imunológico*) e do argumento de incompatibilidade (*a má alimentação atrapalha o aprendizado*) dentre outras estratégias argumentativas. Por meio desses argumentos, tenta-se qualificar e trazer informações relacionadas ao fenômeno *Slow food* e *Fast Food* para reforçar a tese defendida.

AO12 “A alimentação pode mudar o mundo, diante da frase citada por Bela Gil, chef e apresentadora, penso ser de fato o caminho mais favorável a seguir, uma alimentação saudável”.

AO16 “Nesse contexto, os *fast food* acabam se tornando um mau banal, citado pela filósofa Hannah Arendt como o pior mal, pois é aquele que se torna normal, corriqueiro”.

AO15 “[...] os *fast foods* pela falta de nutrientes que nosso organismo precisa, com o tempo pode nos trazer alteração no colesterol, diabetes do tipo II, queda no sistema imunológico, entre outros.”

AO5 “Além disso, se optarmos por uma alimentação saudável, composta por alimentos naturais que vem direto do agricultor nosso organismo sem dúvidas irá “agradecer”, além de passar a funcionar melhor [...]”.

AO6 “Principalmente julgo importante citar algumas das consequências que a ingestão de alimentos processados e industrializados provocam em nosso organismo. Aumento dos níveis de colesterol, hipertensão [...]”.

AO18 “em minha opinião essa troca causa terríveis consequências, pois além de altas concentrações de sódio e gordura presente nos *fast food*, a má alimentação atrapalha o aprendizado[...].”

A **Subfunção Retórica 2C – Provocar reflexões para justificar a tese** ocorreu em 24 artigos (80%) e levanta questionamentos que incitam o leitor a pensar sobre o seu posicionamento diante do tema por meio de sentenças interrogativas (*vamos mudar?; você acha mesmo que num mundo tão “fast” seria diferente com a juventude e a saúde?*), exclamativas (Agora é a vez de vocês!) e imperativas (*Refleta sobre isso comer com calma não é perder tempo*).

AO10 “Essa vida não é fácil, vamos mudar?”

AO18 “[...] o que não pode ser desconsiderado, ainda mais pelos vestibulandos, não é mesmo?”

AO9 “Eu tomei meu posicionamento e afirmo novamente: a boa alimentação é irrevogável para um viver pleno. Agora é a vez de vocês!”

AO10 “[...] você acha mesmo que num mundo tão “fast” seria diferente com a juventude e a saúde?”

AO17 “E ai? Você ainda é da era *fast food*?”

AO6 “[...] há algo mais assustador do que não saber ou negligenciar – a qualidade do que se está ingerindo?”

AO23 “Refleta sobre isso comer com calma não é perder tempo, é investir num bem mais precioso: sua saúde”.

A **Subfunção 2D – Apresentar possíveis contra-argumentos** ocorreu em 19 artigos (63%). Nessa subfunção, o autor aponta uma visão oposta à sua tese, faz concessões para depois negociar com o leitor a verdade defendida por ele. Nessa subfunção, geralmente o tema *fast food* é associado a algo positivo (*A cultura do fast food é conectada também ao fato de nos socializarmos; afinal, é fácil e gostoso; O fast food (comida rápida) facilitou nossas vidas*). Os excertos a seguir exemplificam esse jogo de antecipação de uma provável refutação.

AO1 “A cultura do *fast food* é conectada também ao fato de nos socializarmos enquanto comemos [...]”

AO11 “Em um mundo capitalista onde tempo é dinheiro, as pessoas fazem uso de redes de comidas rápidas, muitas vezes para não perderem tempo preparando uma refeição [...]”

AO03 “[...] entendo o lado dos que compartilham de tal hábito, afinal, é fácil e gostoso, duas características essenciais para quem tem, assim como eu, uma rotina agitada.”

AO25 “O *fast food* (comida rápida) facilitou nossas vidas por ser prático, mas [...]”

AO14 “[...] temos disposição e tempo de sobra para ficar horas esperando sozinhos o lanche chegar na fila do *fast food*.”

AO26 “Há quem diga que não tem tempo para se alimentar corretamente, que não consegue cozinhar sua comida [...]”

AO13 “[...] eu consumo *fast food* (comida rápida) seja para ganhar ou não tempo, em uma era em que há falta dele [...]”

A **Subfunção 2E – Mencionar a posição social como autoridade no assunto** foi identificada em 22 textos (73%). Nela, o autor se apresenta como estudante do ensino médio, consumidor de *fast food* e blogueiro, de acordo com o que é solicitado no contexto e comando de produção. Importante ressaltar que o candidato-autor menciona a sua posição para legitimar a sua fala e ter credibilidade para discutir sobre o assunto em pauta, além de ressaltar que faz pesquisas sobre o tema que vai debater, dando assim mais crédito ao seu ponto de vista.

Essa marcação de sua posição ocorre frequentemente devido ao fato de o candidato autor precisar atender ao comando e legitimar a sua posição nesse contexto fictício. Essa marcação de legitimidade não ocorre nos artigos de opinião da esfera social por exemplo. E esse é um movimento retórico diferente que o artigo de opinião no contexto do vestibular exige do candidato autor (SILVEIRA, 2004).

AO18 “Sou Estudante do ensino médio, e publico nesse blog ”Falando Sério” assuntos que podem ajudar outros alunos e nesta publicação irei falar sobre o movimento *Slow Food*, o qual, recentemente li sobre.”

AO7 “Como estudante do ensino médio e consumidor dos famosos *fast food*, ao ler sobre o movimento *Slow Food* decidi escrever para o meu blog pessoal [...]”

AO15 “Como estudante do Ensino Médio, sei como é muito mais fácil e prático comer um *fast food* ao chegar cansado [...]”

AO30 “Como vocês, leitores do blog Falando Sério sabem, sou estudante do Ensino Médio e também consumidora de *fast food*.”

AO16 “Como vocês sabem, sou estudante do Ensino Médio, por isso nunca tenho tempo muito livre logo consumo muito *fast food* afim de otimizar o meu tempo. Contudo, ao ler sobre o movimento *Slow Food* [...]”

AO21 “Como estudante do ensino médio, aprendi que um dos fatores para se obter saúde é a ingestão de determinados alimentos [...]”

AO3 “Como estudante do Ensino Médio e como dona desse blog (...) Depois de ter lido sobre movimento *Slow Food* [...]”

A **Função Retórica 3 – Conclusão** foi identificada em 29 textos (97%), aparecendo no último parágrafo com a retomada da tese defendida. Observamos que não há indicações de perspectivas referentes ao tema, diferentemente do artigo na esfera jornalística, conforme aponta Ramos, Bicudo e Raimo (2019, p. 105) “provavelmente por se tratar do contexto de vestibular e não de artigos de opinião redigidos por especialistas que, em função da experiência como profissionais e do espaço disponível no jornal, podem, além de elaborar conclusões, também indicar perspectivas”.

Quanto aos expedientes linguísticos, na conclusão, destacam-se as locuções equivalentes a conjunções conclusivas (*Sendo assim, Por fim, Portanto, Desse modo, Com isso, Dessa forma*) para retomar a temática, reforçar a tese e resumir as ideias que foram apontadas no texto, bem como o uso do verbo em primeira pessoa do singular (*decidi, espero, acredito, reitero*) e primeira pessoa do plural (*teremos, pediremos, vamos, aproveitaremos*).

AO16 “Sendo assim, vivendo de acordo com a *Slow Food* teremos saúde física, e principalmente a mental melhorada. Em um tempo de correria vale a pena dar uma pausa, não é mesmos seguidores?”

AO8 “Por fim vale a pena a discussão lançada sobre o movimento, pelo bem de nossa saúde e de toda a população local. Beneficiando assim diversos setores da sociedade.”

AO4 “Por fim, ao pedirmos o “pão nosso de cada dia”, não vamos desperdiçá-lo comendo bobearas. E sim, seguir o “*Slow Food*” para aproveitarmos as refeições. Devagar e sempre! Não deixe o seu “Mc lanche feliz “se tornar triste ao ver uma agulha de insulina”.

AO18 “Sendo assim, o movimento *Slow Food* é uma filosofia que procura melhorar o consumo alimentar de cada um [...].”

AO13 “Portanto, decidi começar a apoiar o movimento *Slow Food*, para tentar melhorar meus hábitos alimentares e minha saúde, degustar realmente os alimentos e pagar um preço justo por isso; e espero que vocês pensem sobre o assunto e assim também decidam por participar dessa linha de pensamento.”

AO24 “Desse modo leitor, acredito que uma boa alimentação é base para um bom funcionamento físico e mental do ser humano.”

AO30 “Com isso, reitero a urgência de mudanças nas terríveis culturas de alimentação atuais, para que desta forma as consequências não afetam a vida das pessoas. Assim, fica visível que uma mudança de hábitos alimentares se faz necessário [...].”

AO6 “Dessa forma, creio que com conscientização e com medidas governamentais a fim de ampliar os direitos dos pequenos agricultores-incumbindo medidas de consumo saudável e consciente”

Para compreendermos um texto é essencial que ele esteja bem articulado. Percebemos que os candidatos-autores possuem um bom domínio dos articuladores discursivos pois em 98% dos textos

encontramos coesão e coerência entre as ideias apresentadas corroborando a alta pontuação obtida na redação.

A análise também revelou sobreposição de funções retóricas em que um mesmo excerto textual realiza duas funções retóricas simultaneamente. A sobreposição pode ser observada no excerto a seguir em que a **Função retórica 3 – Conclusão** está sobreposta à **Subfunção 2C – Provocar reflexões para justificar a tese**. O excerto conclui o texto recapitulando as informações discutidas anteriormente ao mesmo tempo que provoca uma reflexão por parte do leitor fazendo um convite a ele para adotar um estilo de vida mais saudável. Isso pode ser notado no AO1 pelo emprego do pronome possessivo *nossa*, da forma verbal *devemos*, e pela pergunta *topa mudar comigo?*. No AO27 também ocorre a sobreposição das funções retóricas supra mencionadas, o que pode ser notado principalmente pela referência ao leitor por meio do emprego do pronome *Você*, dos sintagmas nominais *seu tempo* e *seu corpo*, e do modo imperativo (*Pense nisso e se torne...*). Novamente ocorre a retomada das informações abordadas no texto juntamente com o convite à reflexão por parte do leitor.

AO1 “Com isso venho falar que é muito importante cuidar da nossa saúde através dos hábitos alimentares, mesmo com essa vida corrida devemos ter tempo para nos alimentar bem. Eu já mudei para uma fase saudável, topa mudar comigo?”

AO27 “Você prefere usar seu tempo socializando e cozinhando algo que previna seu corpo de doenças ou ser obrigado a perder dias ou até semanas de trabalho após contrair uma intoxicação alimentar? Pense nisso e se torne junto a mim um adepto da filosofia do *Slow Food*.”

No que tange à organização dos parágrafos e à disposição das funções retóricas, 9 artigos (30%) estão organizados em dois parágrafos; 11 artigos (37%) em três parágrafos, e 10 artigos (33%) estão organizados em quatro parágrafos. Observamos que a **Subfunção 1A – Apresentar um fato jornalístico** e **1B – Apresentar antecedente(s) do tema**, bem como a **Subfunção 2A – Formular uma tese** foram encontradas no primeiro parágrafo e em alguns artigos já no título, com o objetivo de apresentar e contextualizar a temática e a tese defendida. A **Função retórica 3 – Conclusão** ocorre no final do texto, no último parágrafo e faz referência à tese com a reafirmação da posição defendida e, em alguns casos, com um convite à reflexão sobre o tema abordado. Essa organização sequencial foi encontrada nos exemplares analisados, entretanto é importante salientar que as funções retóricas não são fixas e que elas podem alternar-se e repetir-se conforme a argumentação desenvolvida pelo autor.

Com a análise do corpus observamos que a organização retórica do gênero artigo de opinião produzido no contexto do vestibular tende a seguir a ordem das funções retóricas constantes no modelo obtido com a análise (Função Retórica 1 – Apresentação do tema, Função Retórica 2 – Apresentação de

uma tomada de posição, Função Retórica 3 – Conclusão), apesar da ciclicidade das funções e subfunções retóricas. Observamos também que o contexto de produção pode influenciar tanto na organização retórica quanto nas escolhas dos expedientes linguísticos utilizados pelo articulista do texto. Observamos ainda, no que tange especificamente à produção do artigo de opinião no contexto do vestibular, o efeito retroativo, pois conforme Oliveira (2004) os textos reproduzem os resultados da preparação dos alunos para o ENEM e vestibulares pelos professores de colégios e cursinhos preparatórios. Isso posto, apresentam-se as tarefas propostas por Swales (1990) e Swales e Feak (2012).

SEÇÃO 5 – AS TAREFAS PROPOSTAS POR SWALES (1990) E SWALES E FEAKE (2012)

Nesta seção, apresentaremos as tarefas (*tasks*) elaboradas por Swales (1990) e Swales e Feak (2012) que servirão de base para a elaboração do roteiro de escrita. Cada tarefa será acompanhada de comentários explicativos para demonstrar como cada uma delas contribuirá para as etapas do roteiro de escrita.

A Tarefa 1 (*Task one*, SWALES; FEAKE, 2012, p. 2-3) desenvolve no aluno a consciência sobre autonomia no processo de escrita ao mesmo tempo que o coloca na posição de interagente com um colega ou com o professor. Ao realizar a Tarefa 1, o aluno direciona a sua atenção para a importância das estratégias de redação para produzir um texto eficiente.

Tarefa 1 (*Task one*, SWALES; FEAKE, 2012, p. 2-3, tradução nossa)

Discuta essas possíveis estratégias de redação com um colega. Marque (✓) aquelas que você usa bastante. Se você usa raramente ou nunca usa algumas delas, discuta o porquê.

- _____ 1. Traduzir, se você usa o inglês como língua internacional.
- _____ 2. Passar bastante tempo coletando informações ou fazendo pesquisa e depois escrever o artigo rapidamente a partir das anotações, fontes de dados ou esquemas.
- _____ 3. Recorrer a um ou mais artigos “de modelo” na sua disciplina, prestando atenção em como os artigos são organizados, como as frases são empregadas, e onde e por que os exemplos ou ilustrações são fornecidos.
- _____ 4. Contar com a ajuda de um mentor (nativo ou não nativo falante) que conhece a língua e pode antecipar como um determinado texto escrito pode ser recebido por um grupo de leitores ou resenhistas, que possa também oferecer conselhos sobre em qual revista ou evento um trabalho pode ser submetido e por quê.
- _____ 5. Contar com amigos que não sejam da sua área de pesquisa para ajudá-lo com a fraseologia.
- _____ 6. Desenvolver um senso de antecipação do público leitor, especialmente no que diz respeito ao que precisa e não precisa ser dito.
- _____ 7. Reconhecer a necessidade de alguma variação estilística e adquirir os recursos linguísticos para alcançá-la.
- _____ 8. Encontrar fraseologias úteis de outros artigos publicados e usá-las para amarrar as suas ideias.
- _____ 9. Construir uma personalidade autoral de modo que você seja visto como membro de uma comunidade disciplinar.
- _____ 10. Concentrar-se em certificar-se que o seu conhecimento gramatical no nível da sentença seja suficiente porque é o aspecto mais importante da expressão de suas ideias.

Entender as suas estratégias de redação é importante para se tornar um escritor confiante. Para ajudá-lo a explorar as suas estratégias, oferecemos a Tarefa Dois.

A Tarefa 2 (*Task two*, SWALES; FEAKE, 2012, p. 3-4) dá prosseguimento ao desenvolvimento das estratégias de escrita trabalhadas na Tarefa 1 e dá comandos que despertam no aluno a atenção para

o público-alvo, levando-o a considerar, na produção escrita, aspectos como propósito, estilo, fluência, público alvo, apresentação e organização retórica.

As tarefas propostas por Swales e Feak (2012) são direcionadas para alunos de pós-graduação portanto o público-alvo são os orientadores, bancas etc, entretanto, ao serem adaptadas para a elaboração de tarefas para a produção do artigo de opinião no contexto do vestibular, o público-alvo passa a ser, num primeiro momento, o professor e os colegas de classe e, num segundo momento, a banca de professores corretores que estarão incumbidos de corrigir as redações. Na transposição desta tarefa para o roteiro de escrita o texto sobre o público-alvo também será adaptado para o contexto do vestibular.

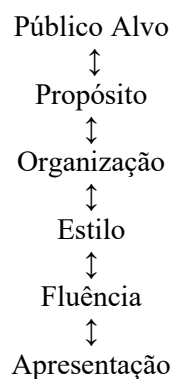
Tarefa 2 (*Task two*, SWALES; FEAK, 2012, p. 3-4, tradução nossa)

Escreva um parágrafo reflexivo em que você compartilhe as suas reações para as seguintes questões:

1. Qual é a sua principal estratégia de escrita? Por que você a usa? Que outra estratégia que não consta na lista você usa? As suas estratégias dependem do tipo de texto que você está redigindo?
2. Quais das estratégias que você não usa você gostaria de desenvolver? E como você faria isso?
3. Você acha que as estratégias listadas na Tarefa 1 aplicam-se igualmente a todos os campos do conhecimento? Qual a importância que elas assumem para um autor em Física, História, Economia, Saúde Pública ou Engenharia? Qual delas é mais importante na sua área de estudo?

Como você já deve ter percebido, a redação acadêmica é um produto de muitas considerações: público alvo, propósito, organização, estilo, fluência e apresentação .

Quadro 8. Considerações em Redação Acadêmica.



Mesmo antes de escrever, é preciso considerar o público-alvo. O público-alvo para a maioria dos alunos de pós-graduação será o instrutor, que é presumivelmente bom conhecedor do assunto sobre o qual será redigido o texto e terá expectativas com as quais você precisa estar familiarizado. Outros

públicos alvos possíveis incluem os orientadores, bancas e aqueles que revisarão a sua pesquisa a ser apresentada em um evento científico ou publicada como artigo. A sua compreensão do público-alvo afetará o conteúdo do seu texto.

Segundo Hyland (2004), o conhecimento do gênero é comumente tido por professores como o conhecimento da estrutura do texto, que remete às convenções gramaticais e lexicais, ao conteúdo, à organização textual etc. permitindo que leiamos ou escrevamos um texto com facilidade e confiança. Com base nisso, pode-se inferir que a Tarefa 3 (*task one*) proposta por Swales (1990, p. 79-80) permite o desenvolvimento desses aspectos porque apresenta três cartas (*a, b, c*), que servirão de ponto de partida para o aluno associar os aspectos textuais de cada carta com a sua eficiência.

Ao observá-las, o aprendiz perceberá que cada uma delas tem um efeito argumentativo diferente, mais intenso ou mais tênue, em outras palavras, mais ou menos eficiente. Na transposição desta tarefa para o roteiro de escrita, serão apresentados aos alunos três artigos de opinião sobre o racismo no Brasil no lugar das três cartas.

Tarefa 3 (*Task one*, SWALES, 1990, p. 79-80, tradução nossa)¹⁷

Em pares, responda às seguintes questões.

- 1) As cartas (a) e (b) começam de forma semelhante. Como você descreveria isso?
- 2) A carta (c) começa de uma forma diferente. Você acha que o sujeito da primeira sentença tende a ser um especialista renomado? Quanto o status de quem sugere importa?
- 3) Há uma outra referência a uma pessoa nas três cartas. Onde está? Qual é a sua função?
- 4) A carta (b) expressa uma crença que a carta (a) não expressa. Qual é a crença?

a) Endereço

Prezada Dra. _____,
Vi um resumo do seu trabalho na _____ na _____
Newsletter, No. 25. Gostaria de saber se há uma versão completa/reimpressão que você poderia me
enviar. Se _____ já estiver de volta no _____, por favor dê
lembranças a ele.

Atenciosamente,

b) Endereço

Prezado Professor _____:

¹⁷ Para melhor organizar o texto da dissertação, enumeramos as tarefas de 1 a 10.

Encontrei uma referência de uma de suas publicações a qual, infelizmente, não está mais disponível no _____ nem nas bibliotecas. Pelo título, aparentemente seguimos a mesma linha de pensamento sobre _____. Ficarei muito grato se você puder me enviar uma cópia do seguinte artigo: _____

Muito obrigado!
Atenciosamente,

c) Endereço

Prezado Dr. _____,

_____ sugeriu que eu escrevesse para você e pedisse uma cópia de algum dos seus trabalhos, que segundo o que todo mundo diz seria muito do meu interesse.

Nesse meio tempo, vou enviar a você uma cópia do meu artigo _____, que talvez seja do seu interesse.

Atenciosamente,

Na tarefa 4 (*Task two*, SWALES, 1990, p. 80), é revelado ao aluno que a carta “a” demorou um pouco para ser respondida, a carta “b” foi respondida imediatamente e a carta “c” nunca foi respondida. Isso permite que o aluno associe os padrões retóricos de cada carta com a sua eficiência. Ao fazê-lo, desenvolve a habilidade de associar esses padrões com o contexto em que o gênero é produzido, além de perceber como os expedientes linguísticos podem suscitar determinadas reações no público alvo.

Ainda na Tarefa 4, é perguntado ao aluno quais mudanças ele poderia fazer na carta para que ela tenha mais eficiência e se é possível justificar retoricamente o porquê de a carta c) não ter sido respondida. Essas perguntas levam o aluno a desenvolver uma consciência retórica que estabelece significados e relações entre o contexto e o que é apropriado ao público alvo. Finalmente, é solicitado que a carta seja reescrita em pares permitindo a troca de conhecimentos com o colega de modo a chegar a um denominador comum sobre quais mudanças podem e devem ser feitas para que a carta seja mais eficaz. Na transposição desta tarefa para o roteiro será perguntado ao aluno, por exemplo, se ele faria alguma mudança em algum dos textos apresentados e por que razão. É solicitado também que ele reescreva, em pares, os excertos que ele mudaria no texto.

Tarefa 4 (*Task two*, SWALES, 1990, p. 80, tradução nossa)

Na verdade, a carta **a)** demorou um pouco para ser respondida, a carta **b)** foi respondida imediatamente e a carta **c)** nunca foi respondida.

1) Quais mudanças você poderia fazer na carta *a*) para que ela se torne mais eficiente?

2) Há alguma justificativa retórica para explicar por que a carta *c*) não foi respondida? Se houver, o que você mudaria na carta?

Reescreva-a em pares.

Nas tarefas propostas por Swales (1990) e Swales e Feak (2012), ocorre a interação entre os alunos e com o instrutor. Hyland (2004), com base em Vigotsky (1978) e Bruner (1990), assevera que a noção de andaime (*scaffolding*) é aplicada em abordagens de ensino de gêneros textuais. Segundo essa noção, o aluno, interagindo com pares e instrutores ou indivíduos com mais conhecimento sobre gênero do que ele, parte do seu nível de desempenho atual (o que ele pode fazer agora) para um nível mais avançado (o que ele poderá fazer sem assistência)¹⁸ (HYLAND, 2004).

A transição de um nível de conhecimento para outro se dá da seguinte maneira: o aprendiz, no decorrer do processo de aprendizagem de produção escrita, recebe colaboração de seus pares, dos instrutores ou de indivíduos com mais conhecimento do que ele até que, gradativamente, ele adquira autonomia de escrita sem mais precisar da interação com outras pessoas mais experientes.

A Tarefa 5 (*Task three*, SWALES; FEAK, 2012, p. 4-5) continua a desenvolver a noção de público-alvo e seus aspectos inerentes, além de fazer com que o aluno interaja com o colega na obtenção da resposta para as questões propostas. A Tarefa 5 permite que o aluno reconheça padrões linguísticos como apropriados para um determinado gênero textual, levando-o a prestar atenção também a detalhes retóricos. Especificamente, a Tarefa 5 pede que o aluno note como as definições se diferem segundo o público-alvo e pergunta se os textos estão bem escritos, ajudando-o a perceber as diferenças entre um texto bem redigido e outro com inadequações gramaticais e lexicais. Na transposição desta tarefa para o roteiro de escrita, serão apresentados aos alunos excertos que realizam três funções retóricas do gênero artigo de opinião para eles decidirem qual dos excertos é mais eficiente. Será perguntado também qual dos excertos é o mais adequado considerando o público em geral como público-alvo.

Tarefa 5 (*Task three*, SWALES; FEAK, 2012, p. 4-5, tradução nossa)

Leia estes excertos extraídos de dois textos que discutem a obtenção de água potável a partir de água salgada. Responda essas questões gerais com um colega. Para quem eles foram escritos? Que aspectos

¹⁸ Vygotsky denominou a distância entre desempenho atual e desempenho potencial como Zona de Desenvolvimento Proximal, e argumentou que o progresso de um nível para o outro não é alcançado apenas com o insumo linguístico mas por meio da interação social e assistência de indivíduos com mais conhecimento e experiência (HYLAND, 2004, p. 122).

de cada texto o ajudou a decidir qual é o público alvo? Em que tipo de publicação você espera encontrar esses textos? Foram acrescentados números nas sentenças para facilitar a referência. Depois, responda as questões mais específicas que estão na página 5.

A.¹⁹ 1 People have been pulling freshwater out of the oceans for centuries using technologies that involve evaporation, which leaves the salts and other unwanted constituents behind. 2 Salty source water is heated to speed evaporation, and the evaporated water is then trapped and distilled. 3 This process works well but requires large quantities of heat energy, and costs have been far too high for nearly all but the wealthiest nations, such as Kuwait and Saudi Arabia. 4 (One exception is the island of Curaçao in the Netherlands Antilles, which has provided continuous municipal supplies using desalination since 1928.) 5 To make the process more affordable, modern distillation plants recycle heat from the evaporation step.

6 A potentially cheaper technology called membrane desalination may expand the role of desalination worldwide, which today accounts for less than 0.2 percent of the water withdrawn from natural sources. 7 Membrane desalination relies on reverse osmosis – a process in which a thin, semipermeable membrane is placed between a volume of saltwater and a volume of freshwater. 8 The water on the salty side is highly pressurized to drive water molecules, but not salt and other impurities, to the pure side. 9 In essence, this process pushes freshwater out of saltwater. (Martindale, 2001)

B.²⁰ 1 Reverse osmosis (RO) membrane systems are often used for seawater and brackish water desalination. 2 The systems are typically installed as a network of modules that must be designed to meet the technical, environmental, and economic requirements of the separation process. 3 The complete optimization of an RO network includes the optimal design of both the individual module structure and the network configuration. 4 For a given application, the choice and design of a particular module geometry depends on a number of factors, including ease and cost of module manufacture, energy efficiency, fouling tendency, required recovery, and capital cost of auxiliary equipment. 5 With suitable transport equations to predict the physical performance of the membrane module, it should be possible to obtain an optimal module structure for any given application. (Maskan et al., 2000)

1. Com relação ao vocabulário, como os dois textos diferem?

¹⁹ As pessoas extraem água doce dos oceanos há séculos, usando tecnologias que envolvem a evaporação, o que deixa os sais e outros constituintes indesejados para trás. 2 A água salgada é aquecida para acelerar a evaporação e a água evaporada é então capturada e destilada. 3 Esse processo funciona bem, mas requer grandes quantidades de energia térmica, e os custos são altos demais para quase todos, exceto para as nações mais ricas, como Kuwait e Arábia Saudita. 4 (Uma exceção é a ilha de Curaçao nas Antilhas Holandesas, que fornece suprimentos municipais contínuos usando dessalinização desde 1928). 5 Para tornar o processo mais acessível, as usinas de destilação reciclam o calor da etapa de evaporação.

6 Uma tecnologia potencialmente mais barata chamada dessalinização por membrana pode expandir o papel da dessalinização em todo o mundo, que hoje responde por menos de 0,2% da água retirada de fontes naturais. 7 A dessalinização por membrana depende da osmose reversa – um processo no qual uma membrana fina e semipermeável é colocada entre um volume de água salgada e um volume de água doce. 8 A água salgada é altamente pressurizada para conduzir as moléculas de água, mas não o sal e outras impurezas, para o lado puro. 9 Em essência, esse processo tira a água doce da água salgada. (Martindale, 2001) (tradução nossa)

²⁰ Os sistemas de membrana de osmose reversa (RO) são frequentemente usados para dessalinização de água do mar e água salobra. 2 Os sistemas são normalmente instalados como uma rede de módulos que devem ser projetados para atender aos requisitos técnicos, ambientais e econômicos do processo de separação. 3 A otimização completa de uma rede RO inclui o projeto ideal da estrutura do módulo individual e da configuração da rede. 4 Para uma determinada aplicação, a escolha e o projeto de uma geometria de módulo particular depende de vários fatores, incluindo facilidade e custo de fabricação do módulo, eficiência energética, tendência de incrustação, recuperação necessária e custo de capital de equipamento auxiliar. 5 Com equações de transporte adequadas para prever o desempenho físico do módulo de membrana, é possível obter uma estrutura de módulo ideal para qualquer aplicação. (Maskan et al., 2000) (Tradução Nossa)

2. Como os textos diferem quanto aos detalhes?
3. Onde as definições de osmose reversa (*reverse osmosis*) aparecem? Como essas definições diferem?
4. Os textos parecem estar bem escritos? Por que você acha isso?

As diferenças entre os dois textos refletem alguns dos pressupostos que os autores têm da familiaridade que um típico leitor tem com o assunto. No primeiro texto o autor supõe que o leitor provavelmente não esteja familiarizado com a osmose reversa e, portanto, fornece mais informações contextuais acompanhado de uma definição clara do processo.

Em seguida, na Tarefa 6 (*Task three*, SWALES, 1990, p. 80-81), são apresentados ao aluno excertos de cartas de solicitação, pedindo que ele avalie em que circunstâncias ele os usaria ou não. Essa decisão será baseada no público-alvo e no propósito. A estratégia de utilização de excertos de outros textos como exemplos para a produção de um novo texto do mesmo gênero é empregada em aulas de inglês para fins específicos (*English for Specific Purposes-ESP*) e pode ser transposta para aulas de gêneros textuais em língua materna, nesse caso na produção do gênero artigo de opinião no contexto do vestibular em língua portuguesa. Os excertos, nas aulas de produção textual, funcionam como exemplos para o aluno que, ao observá-los, obtém parâmetros que balizarão a sua produção textual segundo as especificidades de seus propósitos, contexto e público-alvo. Nesta tarefa, também é solicitado que o aluno redija o rascunho de uma carta solicitando ou oferecendo algo. Na transposição desta tarefa para o roteiro de escrita, serão apresentados excertos para o aluno decidir se os usaria para apresentar o tema ou uma tomada de posição considerando um público-alvo específico. Será solicitado também que o aluno, considerando dois públicos alvos distintos, redija uma apresentação do tema e uma tomada de posição para cada público-alvo.

Tarefa 6 (*Task three*, SWALES, 1990, p. 80-81, tradução nossa)

Um dos aspectos relevantes de cartas de solicitação (em oposição a solicitações de reimpressão) é que elas oferecem a oportunidade de demonstrar que você é um pesquisador atuante na sua área. A carta *c*) faz isso enviando uma cópia do artigo. Talvez você considere que seria menos ‘afoito’ *manifestar a sua disponibilidade* em enviar uma cópia do seu trabalho anexa à solicitação.

- 1) Em que circunstâncias você usaria ou não usaria os seguintes excertos?
 - a) Ficarei muito feliz em enviar um artigo meu, ainda não publicado, que trata de um tópico semelhante.
 - b) Eu também trabalho na sua área – você quer que eu te envie cópias de alguns dos meus trabalhos mais recentes?
 - c) Eu terminei de concluir um artigo intitulado “_____”. Caso você ache que está relacionado com a sua pesquisa, será um prazer enviar-lhe uma cópia.

d) Tenho um forte pressentimento de que talvez um artigo recente meu intitulado “_____” seja relevante para o seu trabalho. Quer que eu te envie uma cópia?

2) Escreva o rascunho de uma carta solicitando ou oferecendo algo (*request-offer letter*) que você possa utilizá-la. Ela não precisa ser sobre artigos. Pode ser sobre materiais, programas, dados, etc. Ao escrever, preste bastante atenção aos usos de *would* e *could* conforme ilustrado nos textos anteriores.

A Tarefa 7 (*Task four*, SWALES, 1990, p. 81, tradução nossa) solicita que o aluno traga para a sala de aula, cartas que enviou ou recebeu, para que possa, acompanhado dos colegas, avaliá-las com base nas tarefas realizadas anteriormente. Nesse caso, a Tarefa 7 pode ser adaptada ao roteiro de escrita de artigos de opinião no contexto do vestibular solicitando que o aluno traga artigos de opinião que já produziu, o que permite que ele avalie o seu desempenho e busque aperfeiçoamento.

Tarefa 7 (*Task four*, SWALES, 1990, p. 81, tradução nossa)

Procure em suas correspondências, especialmente cartas que você enviou ou recebeu. Você tem algumas que você considera interessantes e gostaria de compartilhar com a sala? Há algo que podemos aprender com as suas correspondências? Em caso afirmativo, chame o instrutor para discutir como poderíamos formular as tarefas.

A Tarefa 8 (*Task four*, SWALES; FEAKE, 2012, p. 6) solicita que o aluno redija uma definição para dois públicos alvos distintos, um deles sendo do mesmo programa de pós-graduação, portanto familiarizado com as convenções discursivas da área, e, o outro, sendo constituído de alunos de outros programas, portanto não familiarizado com as convenções. Isso leva o aluno a ajustar o seu texto usando mais ou menos explicitações de modo a tornar o texto inteligível e adequado para o público-alvo selecionado. Esse exercício da Tarefa 8 será adaptado e incorporado na transposição da Tarefa 6 do roteiro de escrita.

A Tarefa 8 também trata da redação de conclusão de artigos acadêmicos por meio de uma simulação em que um aluno fictício chamado Sam, reflete sobre quais informações colocar na conclusão do seu artigo e como calibrar a modalização. Na simulação, ele se questiona se foi cauteloso demais ao apresentar os resultados, se deveria mencionar a limitação dos dados apresentados e como deveria se posicionar como aluno do primeiro ano do curso de pós-graduação.

A adaptação dessa tarefa para o roteiro de escrita consistirá na elaboração de uma tarefa em que o aluno aprenderá algumas técnicas argumentativas que poderão ser empregadas no seu texto. A ele serão dados exemplos de argumentos, como por exemplo o argumento de autoridade e o argumento pelo exemplo, para, a partir desses exemplos, refletir sobre a sua argumentação de acordo com o assunto abordado no artigo de opinião e o seu posicionamento perante o tema. A adaptação dessa tarefa

para o roteiro também trará uma simulação em que um aluno fictício chamado Pedro reflete sobre a melhor maneira de escrever o seu artigo de opinião considerando o comando de produção para alcançar seus propósitos e conseguir o efeito desejado.

Tarefa 8 (*Task four*, SWALES; FEAK, 2012, p. 6-8, tradução nossa)

Agora escreva uma definição breve de um termo da sua área de estudo para dois públicos alvos diferentes. Um público-alvo poderá consistir de alunos de pós-graduação em um campo desvinculado do seu, ao passo que o outro pode ser constituído de alunos de pós-graduação do seu próprio programa. Intercambie as suas definições com um colega e discuta como elas refletem as diferenças dos dois públicos alvos.

Propósito e Estratégia

O público-alvo, o propósito e a estratégia estão geralmente interconectados. Se o público-alvo sabe menos do que o escritor, o propósito do escritor tende a ser instrucional (como em um livro didático). Se o público-alvo souber mais do que o escritor, o propósito do escritor é geralmente *demonstrar* familiaridade, conhecimento e inteligência. O segundo contexto é a situação comum para o aluno de pós-graduação.

A questão interessante que surge agora é qual estratégia (ou estratégias) um aluno de pós-graduação pode usar para fazer uma boa demonstração. Para explorar isso, consideremos o caso de um aluno internacional nos Estados Unidos chamado Sam. Ele está matriculado em um programa de mestrado em Saúde Pública. Ele acabou de terminar o seu primeiro trabalho escrito que foca o impacto de videogames no desenvolvimento cognitivo de crianças nos Estados Unidos. É um artigo curto de cinco páginas. O prazo de entrega está se aproximando e não há mais tempo para análise de dados. Ele quer causar uma boa impressão com o seu parágrafo de conclusão. Ele acredita (acertadamente) que a impressão final é importante.

Sam (bem adequadamente) começa o seu último parágrafo lembrando o seu público-alvo (por exemplo o seu instrutor) do que ele tratou no artigo.

Ele começa assim:

Conclusão

O objetivo deste artigo foi examinar o impacto de videogames no desenvolvimento cognitivo de pré-adolescentes nos Estados Unidos. Especificamente, analisei os efeitos de videogames na atenção visual.

Até aqui tudo bem. A sua primeira tentativa de concluir o artigo foi esta:

Conforme expliquei, os videogames podem de fato justificar as diferenças nas habilidades cognitivas de pré-adolescentes, especificamente a habilidade de mudar a atenção de uma tarefa para outra.

Ele pensa, “Isso apenas repete o que eu já escrevi; a repetição faz parecer que eu não tenho nada de novo ou interessante para acrescentar; meu artigo fica superficial no final.”

Sam tenta novamente. “Desta vez”, ele diz a si mesmo, “Pegarei os meus resultados, irei resumi-los e tentar relacioná-los com um assunto mais amplo. Essa estratégia é melhor.”

Aqui está a sua segunda versão:

Conforme as tabelas mostram, os pré-adolescentes que jogam videogames pontuam melhor em testes de atenção visual do que aqueles que não jogam. Essa relação foi bem forte entre crianças de 10 a 12 anos

de idade, enquanto que para crianças com idade de 6 a 9 anos a associação foi pouco pronunciada. As crianças que jogavam bem videogames, a maioria com mais idade, parecem ser capazes de mudar a atenção com eficiência. Esses dados fundamentam a conclusão de outros estudos de que jogar videogames pode não ser simplesmente uma atividade irracional; pelo contrário, os videogames podem melhorar as habilidades cognitivas dos jogadores.

Sam gosta dessa versão, entretanto ele ainda está preocupado. Ele sabe – mas ele não disse em nenhum lugar do artigo – que há um problema com os dados que ele está usando. Ele sabe que há muitos tipos de videogames e, portanto, os efeitos de um jogo no desenvolvimento cognitivo pode ser bem diferente daqueles de um outro jogo. Por exemplo, videogames de tiro não são iguais aos videogames de esportes. E mesmo dentro do mesmo gênero de videogame há variação quanto às habilidades necessárias para jogar. Felizmente, ele não está usando os dados da sua própria pesquisa para este artigo. Ele está usando dados que ele encontrou em outros artigos.

Agora ele acrescenta isto ao parágrafo de conclusão:

As conclusões apresentadas aqui, entretanto, devem ser interpretadas com cautela. Isso se deve ao fato de que os dados apresentados aqui são baseados em análises de dois videogames de esportes que diferem quanto à demanda de atenção visual de outros tipos de videogames, tais como os videogames de tiro que requerem uma atenção à tela inteira.

Sam está um tanto incerto quanto à sua conclusão e está agora perguntando a si mesmo: “Fui cauteloso demais em minha conclusão quando usei *parecem (appear to)* e *pode (may, can)*? É de fato melhor declarar claramente que há problemas com os dados ou não mencionar isso de forma alguma? Qual estratégia é melhor? Vou parecer mais ou menos capaz se eu discutir as limitações dos dados? E se eu vier a discuti-los, eu devo fazer no final ou no começo da minha conclusão? Como devo me *posicionar* como um aluno de primeiro ano de pós-graduação?”

A Tarefa 9 (*Task five*, SWALES; FEAK, 2012, p. 8-9) pede que o aluno se posicione como instrutor de Sam e lhe dê conselhos sobre a argumentação e inclusão de limitações dos dados na sua conclusão. Em seguida, solicita que o aluno reescreva a conclusão com base no conselho dado a Sam. Essa tarefa emula o processo de escrita com base em gênero porque faz o aluno reescrever o texto levando em consideração um propósito determinado após reflexões sobre a melhor forma de apresentar os dados em uma conclusão.

A Tarefa 9 também trata da organização retórica do gênero apresentando uma carta de boas notícias de aceite de uma aluna em um curso de pós-graduação. Ao lado da carta estão as etiquetas indicando a função retórica que as diferentes partes da carta cumprem, tais como saudação, reconhecimento, boas notícias, questões administrativas e encerramento apontando para o futuro.

A adaptação dessa tarefa para o roteiro de escrita consistirá em uma tarefa que pedirá ao aluno que se posicione como conselheiro de Pedro dando-lhe orientações sobre como redigir a conclusão do seu texto. A adaptação também apresentará ao aluno o modelo retórico obtido na análise do nosso corpus de pesquisa juntamente com um excerto de cada subfunção retórica para que ele tenha parâmetros para identificar as funções retóricas no artigo de opinião apresentado. Os excertos

referentes a cada função retórica servirão de exemplos e o modelo de organização retórica funcionará como um suporte no direcionamento da redação do artigo de opinião a ser produzido em tarefa posterior, permitindo que o aluno tenha uma visão geral do gênero que produzirá.

Tarefa 9 (*Task five*, SWALES; FEAK, 2012, p. 8-9, tradução nossa)

Que conselho você daria a Sam? Considere as questões que ele levanta sobre a força de sua argumentação e sobre a inclusão de limitações. Escreva isso em um parágrafo ou dois. Depois disso, edite ou reescreva o parágrafo final com base no seu conselho.

Organização

Os leitores têm a expectativa de que as informações serão apresentadas em um formato estrutural apropriado para um gênero textual. Até mesmo textos curtos têm padrões organizacionais previsíveis. Você pode aproveitar esses padrões de modo que os leitores possam entender mesmo que você cometa erros gramaticais.

Embora o nosso objetivo neste texto não seja trabalhar com a redação de cartas, gostaríamos de começar nossa discussão sobre organização olhando duas cartas que podem, na verdade, lembrar cartas ou e-mails que você recebeu em algum momento de sua carreira acadêmica. Cada carta tem uma organização clara e previsível. A primeira é uma carta de boas notícias.

Cara Sra. Wong:

Saudação

Obrigado pelo seu interesse em nossa
Universidade.

Reconhecimento

Em nome do Diretor do Programa de Pós-Graduação, parablenizo-a por ter sido aceita no Programa de Engenharia Aeroespacial no nível de mestrado. Esta carta é a sua autorização oficial para se matricular no semestre de outono de 20XX. Como reflexo da importância que o nosso Programa dá às habilidades que os seus alunos têm de se comunicar de forma eficiente, o Programa de Pós-Graduação exige que todos os alunos novos, cuja língua nativa não é o inglês, tenham o seu inglês avaliado. Detalhes específicos para o procedimento são dados no documento anexo.

Boas notícias

Questões
administrativas

Aguardamos com expectativa a sua chegada à Midwestern University e lhe desejamos sucesso em sua carreira acadêmica.

Encerramento
apontando para
o futuro

Atenciosamente,

Conforme pudemos perceber, as tarefas propostas por Swales (1990) e Swales e Feak (2012) baseiam-se nas noções de andaime (*scaffolding*) (aprendizagem com intervenção do professor) e colaboração (interação entre pares) discutidas por Hyland (2004). As tarefas levam o aluno a discutir com o colega e com o professor os aspectos culturais e retóricos do gênero a ser produzido, possibilitando que ele se torne um agente autônomo no processo de escrita.

O suporte fornecido pelos colegas e pelo professor é retirado gradualmente, deixando o aluno produzir o seu texto sozinho, assim como o andaime vai sendo retirado conforme a construção do edifício avança. Com base nessa noção e no princípio de que as tarefas são sequenciadas voltadas para atingir propósitos específicos, a Tarefa 10 não será baseada em uma única tarefa proposta por Swales (1990) ou Swales e Feak (2012), mas será fundamentada nas tarefas de 1 a 9 dando sequência ao propósito de tornar o aluno autônomo no processo de produção de um artigo de opinião.

A Tarefa 10 emula a situação de redação do vestibular trazendo um contexto de produção e um comando de produção, além dos três textos sobre racismo no Brasil que servirão de textos de apoio para a produção do artigo de opinião. Nesta etapa do processo, o aluno produzirá o artigo de opinião de forma autônoma.

Passemos agora à seção que é o coração de nosso trabalho de pesquisa: o roteiro de escrita do artigo de opinião elaborado com base nas tarefas apresentadas acima.

SEÇÃO 6 – ROTEIRO DE ESCRITA DO ARTIGO DE OPINIÃO

Quando um viajante planeja uma viagem, a primeira coisa a ser pensada é em um roteiro: esse o guiará, dando-lhe um norte. A metáfora do viajante que se guia por um roteiro é pertinente ao nosso contexto, uma vez que nosso roteiro guiará a viagem pela escrita. Para o professor, na hora de elaborar o roteiro de escrita de um gênero, tão importante quanto definir o objetivo é pensar também nos meios de como esse processo de escrita se efetivará. Por isso, conhecer o contexto e a condição de produção do gênero a ser ensinado dará subsídios para o professor.

Dessa forma, partindo de nosso arcabouço teórico, metodológico e analítico, apresentaremos o roteiro de escrita elaborado com base nas tarefas de aprendizagem de Swales (1990) e Swales e Feak (2012).

As Tarefas 1 e 2 do roteiro de escrita são direcionadas para o desenvolvimento da competência de escrita incitando no aluno reflexão quanto às estratégias de escrita que ele emprega em seus textos.

A Tarefa 1 do roteiro de escrita leva o aluno a refletir sobre suas estratégias de escrita permitindo que ele as desenvolva e aplique na redação do artigo de opinião.

TAREFA 1 – Desenvolvimento das estratégias de escrita: reflexão e discussão

Discuta essas possíveis estratégias de redação com um colega. Marque (✓) aquelas que você usa bastante. Se você usa raramente ou nunca usa algumas delas, discuta o porquê.

- _____ 1. Pesquisar no dicionário o significado de palavras novas.²¹
- _____ 2. Realizar pesquisas para levantar dados para empregá-los no texto e contextualizar-se.
- _____ 3. Observar textos do mesmo gênero prestando atenção na organização textual, na sintaxe da sentença e no vocabulário.
- _____ 4. Contar com a ajuda de um colega mais experiente ou o professor para discutir como um determinado texto escrito pode ser recebido por um determinado público alvo.
- _____ 5. Fazer um organograma para organizar as ideias com palavras chaves antes de começar a escrever o texto.
- _____ 6. Traçar um roteiro de escrita com começo (introdução), meio (desenvolvimento) e fim (conclusão).
- _____ 7. Criar um arquivo com expressões e exemplos úteis de outros textos para servirem de subsídio para um novo texto.

²¹ Sobre o uso do dicionário nessa tarefa é preciso pontuar que muitas vezes o dicionário configura incertezas e dúvidas, pois a carga semântica (o sentido das palavras) não estão nelas por si só, mas em todo o seu entorno e contexto. Como bem assevera Orlandi, “seu processo de produção é vinculado a uma determinada rede de memória diante da língua” (ORLANDI, 2002, p. 103). Dessa forma, cabe ao professor administrar (quando, como, para quê) o uso desse recurso pedagógico.

_____ 8. Construir uma personalidade autoral de modo que você consiga expressar suas opiniões de forma clara e convincente.

_____ 9. Aprimorar o seu conhecimento gramatical no nível da sentença pois é dele que depende o cumprimento de propósitos comunicativos.

_____ 10. Pedir para alguém ler, corrigir e opinar sobre o seu texto.

_____ 11. Ler textos diversos para estar atualizado, aprimorar o vocabulário e ter condições de empregar exemplos e argumentos quando for escrever um texto.

Entender as suas estratégias de redação irá ajudá-lo a se tornar um escritor confiante. Para que você possa refletir um pouco mais sobre as suas estratégias, trazemos a Tarefa 2.

A Tarefa 2 continua a levar o aluno a refletir sobre suas estratégias de escrita trabalhadas na Tarefa 1 e a pensar como desenvolver aspectos como fluência, estilo e organização retórica, tendo em mente um determinado público-alvo.

TAREFA 2 – Desenvolvimento das estratégias de escrita: reflexão e redação

Escreva um texto reflexivo respondendo às seguintes perguntas. Quando terminar, leia o texto do colega e discuta com ele as semelhanças e diferenças nas respostas de ambos:

1. Qual é a sua principal estratégia de escrita? Por que você a usa? Que outra estratégia que não consta na lista você usa? Você emprega tarefas diferentes de acordo com o tipo de texto que você tem que escrever?

2. Você concebe um determinado público leitor enquanto escreve o seu texto para fazer adequações necessárias nos argumentos, na gramática, no estilo e na organização textual?

3. Quais das estratégias que você não usa você gostaria de desenvolver? E como você faria isso?

4. Qual a importância que as estratégias listadas assumem para quem escreve um romance, uma história em quadrinhos e para quem escreve um artigo de opinião? Qual delas é mais importante para quem quer ter uma boa nota na redação do vestibular?

5. Quais estratégias podem auxiliar no desenvolvimento de um texto fluente e dentro do estilo que o gênero pede?

Público Alvo

A compreensão sobre para quem o texto é direcionado é fundamental para produzir um texto eficiente quanto aos propósitos comunicativos a serem atingidos. Quando escrevemos uma redação a pedido do professor, o público-alvo é o professor. Quando se está prestando uma prova vestibular, o público-alvo da redação é uma banca de professores que corrigirão os textos, portanto ficar atento ao comando e ao contexto de produção é muito importante visto que são essas instruções que balizarão a correção, além de outros aspectos tais como o emprego de sentenças bem construídas, vocabulário e organização textual adequados ao gênero.

As tarefas seguintes do nosso roteiro, baseadas nas tarefas (*tasks*) elaboradas por Swales (1990) e Swales e Feak (2012) visam a desenvolver no aluno a competência para reconhecer a organização textual do gênero artigo de opinião dentre outros aspectos. É importante ressaltar que o gênero artigo de opinião já faz parte da lista de gêneros trabalhados no conteúdo desde o acesso do aluno no ensino fundamental II. No sexto ano eles já têm o primeiro contato com esse gênero textual. Inere-se dessa forma que eles já tenham algum conhecimento sobre a organização textual e convenções discursivas do gênero. Necessário também dizer que os alunos já produzem o artigo de opinião enquanto “atividade escolar” na plataforma REDAÇÃO PARANÁ (<https://redacao.pr.gov.br/student/home>) sendo, portanto, um gênero já conhecido por eles.

Foram selecionados três artigos de opinião sobre a temática racismo e preconceito, coletados de revistas e jornais digitais para compor o material de suporte. Os artigos foram digitados e impressos. O artigo 1 foi escrito pelo historiador Bruno Roque Younes, do Jornal online Brasil de Fato. O artigo 2 foi escrito pelo Professor e jornalista Vinício Carrilho Martinez, retirado do Jornal online Gente de Opinião. E o artigo 3 é da escritora, tradutora e professora aposentada Lya Luft, retirado da Revista Veja, mês de abril de 2015.

Na tarefa 3, o aluno é levado a aprender sobre o efeito argumentativo e a organização retórica do gênero, bem como sua finalidade, e a identificar a temática discutida e a tese defendida pelos articulistas.

TAREFA 3 – Reconhecimento da organização retórica e do efeito argumentativo do gênero artigo de opinião da esfera jornalística

1) Vamos ler três artigos de opinião retirados de sites de uma revista e jornais online, com o objetivo de: a) identificar o tema; b) identificar a tese defendida pelo autor de cada um dos artigos e; c) identificar as partes (organização textual) destacando cada uma delas.

Vejam primeiramente quais são as partes que compõem a organização do texto. O artigo de opinião na esfera jornalística é constituído de quatro partes, a saber: Apresentação do tema – o articulista apresenta um fato jornalístico ou antecedentes do tema que está sendo discutido para contextualizar o leitor; Apresentação de uma tomada de posição – o escritor formula a sua tese e apresenta os argumentos para convencer o seu interlocutor; Avaliação – o autor apresenta estimativas de juízo de valor baseado nas informações apresentadas e nas possíveis causas e consequências dos dados disponíveis; e Conclusão – nesta parte do texto temos a retomada da tese para reforçar a posição tomada e o convite a uma reflexão. Nesse momento o articulista indica também algumas possíveis perspectivas como possíveis soluções ou ações a serem executadas. Geralmente, essas partes tendem a ocorrer nessa ordem e ser cíclicas aparecendo mais de uma vez no mesmo texto. Assinale-as nos excertos em que elas ocorrem nos três textos a seguir

O BRASIL MATOU A CONSCIÊNCIA NEGRA²²

Às vésperas da Consciência Negra, um homem, negro foi espancado no pátio do supermercado do Carrefour por dois seguranças e não resistiu. Notícias correram criticando o ato feito e nos faz refletir que país é esse? Simples, o Brasil matou a consciência negra.

No dia 20 de novembro é o dia da Consciência Negra, onde o objetivo da data é levar as pessoas a refletir sobre a posição social dos negros no país.

A população negra é a mais afetada pela desigualdade e pela violência no Brasil. De acordo com a ONU, no mercado de trabalho, negros e pardos enfrentam muito mais dificuldades para conseguirem progredir em suas carreiras, na questão salarial e, principalmente, são mais propensos a sofrerem algum tipo de assédio moral.

De acordo com o Atlas da Violência 2017, a população negra também corresponde a maioria (78,9%) dos 10% dos indivíduos com mais chances de serem vítimas de homicídios.

Os negros são a nota de rodapé da História do Brasil, escravizados por mais de 300 anos, foram negligenciados pela aristocracia branca que monopolizava o poder e os espaços de sociabilidade.

Quando ocorreu o movimento abolicionista no Brasil, durante o século XIX, várias leis foram criadas como forma de dar a liberdade gradual a todos os cativos negros, no entanto, tal feito não foi abrangente o bastante para dar realmente a liberdade. O negro foi simplesmente jogado pra fora das fazendas e não lhes foi oferecido nenhum tipo de ajuda por parte do governo imperial e muito menos republicano a posteriori.

O Brasil é um dos países mais preconceituosos do mundo. Atualmente possuímos várias políticas públicas que são criadas para diminuir a desigualdade do Brasil, no entanto, percebemos que as manifestações destas desigualdades são demonstradas principalmente na questão de cor ou raça.

56,10%. Este é o percentual de pessoas que se declaram negras no Brasil, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua do IBGE. Ou seja, dos 209,2 milhões de habitantes do país, 19,2 milhões se assumem como pretos, enquanto 89,7 milhões se declaram pardos. Mesmo sendo a maioria da população, ainda há uma desigualdade infinita e pelos caminhos que a sociedade trilha, não irá diminuir.

O Brasil é a maior vergonha. Nossas políticas públicas não funcionam. O nosso governo não funciona. A maioria da população é preconceituosa, outra parte não se manifesta em prol de levantar bandeiras para defender as minorias.

As minorias do Brasil são massacradas diariamente pelos grandes tabloides que insistem em configurar uma imagem de que todo negro é bandido, vejamos, negros são as maiores vítimas de homicídios no Brasil. Segundo o Atlas da Violência, em 2017, 75,5% das pessoas assassinadas no país eram pretas ou pardas – o equivalente a 49.524 vítimas. A chance de um jovem negro ser vítima de homicídio no Brasil é 2,5 vezes maior do que a de um jovem branco.

Viver em um país como o Brasil é uma tarefa árdua, pois diariamente você é bombardeado por atitudes como a acima citada que não valorizam a nossa nação. Hoje seria um dia para refletirmos sobre a importância do negro como tripé da nossa identidade, no entanto, nós, brasileiros, matamos a consciência negra.

O maior problema do Brasil é que nunca tivemos uma abolição da escravidão em seu verdadeiro significado.

Bruno Roque Younes é historiador

²² Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/11/20/artigo-o-brasil-matou-a-consciencia-negra>. Acesso 26 maio 2021.

RACISMO²³

O país ou, ao menos, os que têm um pouco de respeito ao ser humano se sentem indignados com as manifestações de racismo por toda parte. Chama mais a atenção a agressão dirigida a jogadores e árbitros de futebol, todos negros, porque são naturalmente mais expostos à ação da mídia televisiva. Mas, o racismo é global e sistêmico no Brasil e, como todos os crimes, preconceitos e discriminações são abomináveis e devem ser rigidamente corrigidos. O racismo tem muitas raízes e motivações; no Brasil há singularidades, como vemos na figura de Macunaíma de Mario de Andrade. O romance pode ser lido sob muitos vieses, porém, uma abordagem possível é aquela que relaciona miscigenação com sincretismo. Afinal, mesmo não sendo negros, todos nós temos muito de Macunaíma em nossas vidas.

Ninguém é branco, negro, vermelho ou amarelo no Brasil. Se tivéssemos frequentado a escola com um pouco mais de vontade e fazendo uso medianamente da inteligência ao estudar a história da cultura brasileira, veríamos que sempre fomos Macunaíma. Quem pode dizer com segurança se Macunaíma é bom ou mau, feio ou belo, fez o que deveria fazer ou não se tornou quem deveria ser? Impossível saber, mas é o retrato de nossa miscigenação física e moral. No coração (cordis) do Macunaíma o real migrou para o virtual, para a representação, imaginação, reinvenção e reinstalação de nosso corpo e cultura. Para a direita fascista, um ator como Grande Otelo[1], sendo expurgado do interior da própria mãe, é o retrato da miséria humana. Alibi ariano. Para a esquerda, é o novo que procura por si, é o povo que se mostra para a realidade. No reino de Macunaíma, o espaço público, como espaço vazio no país dos sem-nada, não é fácil de encontrar. E sem destino prefigurado, parece que sempre voltamos ao ponto de partida. Pois, não fugimos de nossa deficiência.

Não há deficiência na cor da pele, mas na moral (cordis) do racista. O racista é um aloprado com sua cultura. Neste sentido, tanto "Macunaíma" como o "homem cordial" (o que usa o cordis para se defender da violência social) pertencem à mesma "estirpe". Podem ser fórmulas mágicas de exorcismo e sublimação, por meio das quais se decantam séculos de escravismo, castas e alienação.

É claro que o "homem cordial", "Macunaíma", "Pedro Malazarte" e "Jeca Tatu", lembrando a "preguiça" e a "luxúria", levam consigo várias e notáveis significações, participando da composição e movimentação do imaginário da sociedade e dos seus diferentes setores sociais, em diferentes modulações. Mas também é possível reconhecer que pode haver algum parentesco entre o "homem cordial" e "Macunaíma", entre outros, lembrando nossa incapacidade cultural de prefigurar uma "identidade cultural". Ainda hoje nos satanizamos enquanto figuras e figurações com as quais também se diabolizam valores, ideais e modos de ser que floresceram nas cercanias da casa grande. Mais ou menos longe das senzalas, ainda não temos projeto nacional.

Nesta cultura sem-eira, nem-beira, é que floresce o racismo; é como se o homem branco copiasse Grande Otelo, mas na verdade é o homem branco saindo (ou tentando sair) de dentro de seu Macunaíma interior. O racista é um Grande Otelo às avessas. É um homem impregnado de fraquezas, impurezas e impotente para se livrar de si mesmo. O Racista é um branco que se detesta, porque sabe que é Macunaíma e não tem força moral para conseguir ser um humano diferente. O racista gostaria de tirar sua própria pele (a cultura é uma segunda pele), mas como não pode tenta esfolar o(a) Outro(a). O racista é um indivíduo alucinado com sua miséria humana.

Vinício Carrilho Martinez é professor e jornalista

Medo e preconceito²⁴

²³Disponível em: <https://www.gentedeopinioao.com.br/colunista/vinicio-carrilho/r-a-c-i-s-m-o>. Acesso 26 maio 2021

O tema é espinhoso. Todos somos por ele atingidos de uma forma ou de outra, como autores ou como objetos dele. O preconceito nasce do medo, sua raiz cultural, psíquica, antropológica está nos tempos mais primitivos - por isso é uma postura primitiva -, em que todo diferente era um provável inimigo. Precisávamos atacar antes que ele nos destruísse. Assim, se de um lado aniquilava, de outro esse medo nos protegia - a perpetuação da espécie era o impulso primeiro.

Hoje, quando de trogloditas passamos a ditos civilizados, o medo se revela no preconceito e continua atacando, mas não para nossa sobrevivência natural; para expressar nossa inferioridade assustada, vestida de arrogância. Que mata sob muitas formas, em guerras frequentes, por questões de raça, crença e outras, e na agressão a pessoas vitimadas pela calúnia, injustiça, isolamento e desonra. Às vezes, por um gesto fatal.

Que medo é esse que nos mostra tão destrutivos? Talvez a ideia de que "ele é diferente, pode me ameaçar", estimulada pela "inata maldade do nosso lado de sombra (ele existe, sim). Nossa agressividade de animais predadores se oculta sob uma camada de civilização, mas está à espreita - e explode num insulto, na perseguição a um adversário que enxovalhamos porque não podemos vencê-lo com honra, ou numa bala nada perdida. Nessa guerra ou guerrilha usamos muitas armas: uma delas, poderosa e sutil, é a palavra.

Paradoxais são as palavras, que podem ser carícias ou punhais. Minha profissão lida com elas, que desde sempre me encantam e me assombram houve um tempo, recente, em que não podíamos usar a palavra "negro" Tinha de ser "afrodescendente", ou cometíamos um crime. Ora, ao mesmo tempo havia uma banda Raça Negra, congressos de Negritude...e afinal descobrimos que, em lugar de evitar a palavra, podíamos honrá-la.

Lembremos que termos usados para agredir também podem ser expressões de afeto. "Meu nego", "minha neguinha", podem chamar uma pessoa amada, ainda que loura. "Gordo", tanto usado para *bullying*, frequentemente é o apelido carinhoso de um amigo, que assim vai assinar bilhetes a pessoas queridas. Ao mesmo tempo, palavras como "judeu, turco, alemão" carregam, mais do que ignorância, um odioso preconceito.

De momento está em evidência a agressão racial em campos esportivos: "negro", "macaco" e outros termos, usados como chibata para massacrar alguém, revelam nosso lado pior, que em outras circunstâncias gostaríamos de disfarçar - a grosseria, e a nossa própria inferioridade. Nesses casos, como em agressões devidas à orientação sexual, a atitude é crime, e precisamos da lei.

No país da impunidade, necessitamos de punição imediata, severa e radical. Me perdoem os seguidores da ideia de que até na escola devemos eliminar punições, a teoria do "sem limites". Não vale a desculpa habitual de "não foi com má intenção, foi no calor da hora, não deem importância". Temos de nos importar, sim, e de cuidar da nossa turma, grupo, comunidade, equipe ou país. Algumas doenças precisam de remédios fortes: preconceito é uma delas.

"Isso não tem jeito mesmo", me dizem também. Acho que tem. É possível conviver de forma honrada com o diferente: minha família, de imigrantes alemães aqui chegados há quase 200 anos, hoje inclui italianos, negros, libaneses, portugueses. Não nos ocorreria amar ou respeitar a uns menos do que a outros: somos todos da velha raça humana. Isso ocorre em incontáveis famílias, grupos, povos. Porque são especiais? Não. Simplesmente entenderam que as diferenças podem enriquecer.

Num país que sofre de tamanhas carências em coisas essenciais, não devíamos ter energia e tempo para perseguir o outro, causando-lhe sofrimento e vexame, por suas ideias, pela cor de sua pele, formato dos olhos, deuses que venera ou pessoa que ama. Nossa energia precisa se dedicar a mudanças importantes que o povo reclama. Nestes tempos de perseguição, calúnia, impunidade e desculpas tolas, só o rigor da lei pode nos impedir de recair rapidamente na velha selvageria. Mudar é preciso.

Lya Luft é escritora, tradutora e professora aposentada

2) Tese é o ponto de vista sobre um determinado assunto e pode vir como uma declaração afirmativa ou negativa. Diante dessa temática e problematização, qual é, de forma resumida, a tese defendida pelos autores?

TEXTO I: _____

TEXTO II: _____

TEXTO III: _____

3) Qual dos três textos retrata melhor a situação do racismo no Brasil? Por que motivo?

4) Qual dos três textos você leu com mais facilidade? A que você atribui essa facilidade?

5) Qual dos três textos você considera mais impactante? Por que razão?

6) Quais excertos chamou mais a sua atenção em cada texto? Por que razão?

Swales (1990, p. 79-80), ao propor a Tarefa 4 (*Task two*) descrita no capítulo anterior, leva o aprendiz a associar os padrões retóricos das cartas à sua eficiência. Dessa forma, propomos uma tarefa para que o aluno interaja com os três textos e compreenda que a eficiência do gênero depende de uma organização retórica adequada, expedientes linguísticos e do uso de estratégias argumentativas que levarão o locutor a atingir o seu propósito: convencer o interlocutor a aderir ao seu ponto de vista. Sobremaneira vemos textos que se enrodilham em torno de si mesmos, causando confusão no interlocutor. O artigo de opinião precisa ser claro e objetivo, o articulista deve marcar a sua tese e o seu posicionamento com argumentos adequados para conseguir o engajamento do interlocutor. O ponto é: Como conquistar o leitor?

TAREFA 4 – Formulação da opinião sobre os textos lidos e tomada de posição

Agora que você já destacou a organização textual dos artigos lidos e já identificou a temática e a tese de cada um deles, vamos voltar aos textos e fazer uma leitura mais atenta para responder às próximas questões relacionadas à defesa da tese e como o articulista faz esse movimento de respaldo de seu ponto de vista.

1. Qual texto o fez olhar para o racismo no Brasil de forma diferente daquela que você olhava antes de lê-los? Por que razão?

2. Quais substantivos, adjetivos e verbos empregados nos textos expressam melhor a sua própria opinião a respeito do racismo no Brasil?

3. Com qual texto você concorda mais? Por que motivo?

4. Se você tivesse que escrever um artigo de opinião sobre o racismo no Brasil, quais informações dos três textos você usaria para compor o seu texto e os seus argumentos?

5. Você faria alguma mudança em algum dos textos? Quais? Por quê? Reescreva os excertos que você mudaria.

6. Qual texto está melhor organizado?

A Tarefa 5, a seguir, visa levar o aluno a refletir sobre a melhor forma de realizar as funções retóricas do gênero. Ao aluno são apresentados excertos que realizam as funções retóricas para que ele decida, em conversa com o colega, qual deles é o mais eficiente.

TAREFA 5 – Reflexão sobre a melhor forma de compor as funções retóricas

1) A seguir estão excertos que realizam determinada função retórica. Com o colega, discuta e decida qual deles, na sua opinião, é mais eficiente tendo em mente o público-alvo que é o leitor em geral.

2) Qual deles inicia o texto com mais eficiência?

3) Qual deles apresenta uma tomada de posição de forma mais clara ou convincente?

4) Qual deles conclui melhor?

5) Considerando que o público-alvo desses excertos é o público geral, qual deles é o mais adequado e eficiente?

Apresentação do tema:

Texto 1 - Às vésperas da Consciência Negra, um homem negro foi espancado no pátio do supermercado do Carrefour por dois seguranças e não resistiu.

Texto 2 - O país ou, ao menos, os que têm um pouco de respeito ao ser humano se sentem indignados com as manifestações de racismo por toda parte.

Texto 3 - O tema é espinhoso. Todos somos por ele atingidos de uma forma ou de outra, como autores ou como objetos dele. O preconceito nasce do medo, sua raiz cultural, psíquica, antropológica está nos tempos mais primitivos - por isso é uma postura primitiva -, em que todo diferente era um provável inimigo.

Apresentação de uma tomada de posição

Texto 1 - Notícias correram criticando o ato feito e nos faz refletir que país é esse? Simples, o Brasil matou a consciência negra.

Texto 2 - Mas, o racismo é global e sistêmico no Brasil e, como todos os crimes, preconceitos e discriminações são abomináveis e devem ser rigidamente corrigidos.

Texto 3 - Hoje, quando de trogloditas passamos a ditos civilizados, o medo se revela no preconceito e continua atacando, mas não para nossa sobrevivência natural; para expressar nossa inferioridade assustada, vestida de arrogância.

Conclusão:

Texto 1 - O maior problema do Brasil é que nunca tivemos uma abolição da escravidão em seu verdadeiro significado.

Texto 2 - O racista gostaria de tirar sua própria pele (a cultura é uma segunda pele), mas como não pode tenta esfolar o(a) Outro(a). O racista é um indivíduo alucinado com sua miséria humana.

Texto 3 - Nossa energia precisa se devotar a mudanças importantes que o povo reclama. Nestes tempos de perseguição, calúnia, impunidade e desculpas tolas, só o rigor da lei pode nos impedir de recair rapidamente na velha selvageria. Mudar é preciso.

A Tarefa 6, a seguir, solicita que o aluno decida se ele usaria os excertos para apresentar ou tema ou a tomada de posição considerando um público-alvo específico. É solicitado também que ele redija uma apresentação do tema e uma apresentação de tomada de posição, ora direcionando-as para o público geral como ocorre na esfera jornalística, e ora direcionando-as para a banca de professores. Esta tarefa permite que o aluno desenvolva um senso crítico capaz de orientá-lo na construção do seu texto adequando-o às características do público-alvo.

TAREFA 6 – Direcionamento para um público-alvo específico

1) Reflita sobre os excertos a seguir e decida em que circunstância você os usaria, para apresentar o tema do seu artigo de opinião ou para apresentar a tomada de posição. O mesmo excerto poderia ter uma função diferente considerando como públicos alvos o leitor em geral e a banca de professores do vestibular?

- a) *No dia 20 de novembro é o dia da Consciência Negra, onde o objetivo da data é levar as pessoas a refletir sobre a posição social dos negros no país.*
- b) *Atualmente possuímos várias políticas públicas que são criadas para diminuir a desigualdade do Brasil, no entanto, percebemos que as manifestações destas desigualdades são demonstradas principalmente na questão de cor ou raça.*
- c) *Mas, o racismo é global e sistêmico no Brasil e, como todos os crimes, preconceitos e discriminações são abomináveis e devem ser rigidamente corrigidos.*
- d) *O preconceito nasce do medo, sua raiz cultural, psíquica, antropológica está nos tempos mais primitivos – por isso é uma postura primitiva -, em que todo diferente era um provável inimigo.*

2) Agora que você já conhece as partes que compõem a organização textual do gênero artigo de opinião e já as discutiu com o colega, redija dois excertos que realizam a função Apresentação do tema e dois excertos que realizam a função Apresentação de tomada de posição, em duas

situações diferentes. Na primeira situação, você é um renomado articulista de um jornal e se dirige ao público em geral, ao público leigo. Na segunda situação, você está prestando a prova de redação do vestibular e se dirige à banca de professores que irá corrigir o seu texto. Decida qual é a melhor forma de apresentar o tema racismo e preconceito e a tomada de posição. Para facilitar, compartilhe as suas ideias com o colega para chegar a uma versão eficiente.

Situação 1: articulista renomado se dirigindo ao público em geral, ao público leigo

Apresentação do tema: _____

Apresentação de tomada de posição: _____

Situação 2: candidato do vestibular se dirigindo à banca de professores corretores

Apresentação do tema: _____

Apresentação de tomada de posição: _____

A Tarefa 7 do nosso roteiro solicita que o aluno traga para a sala de aula um artigo de opinião que já produziu, para que possa, em parceria com os colegas, avaliá-lo com base nas tarefas realizadas anteriormente. Esta tarefa permite desenvolver no aluno um senso crítico para com a sua própria produção textual, a partir dos conhecimentos sobre o gênero artigo de opinião adquiridos na realização das tarefas do roteiro de escrita.

TAREFA 7 – Avaliação de produções anteriores para identificar possíveis falhas e corrigi-las

Procure em suas produções textuais realizadas no site REDAÇÃO PARANÁ (<https://redacao.pr.gov.br/student/home>), o gênero artigo de opinião que seu professor solicitou como atividade escolar e traga para a próxima aula.

Exercícios

1) Você considera que o seu texto está adequado ao contexto de produção?

- 2) Há algo que poderia melhorar em seu texto? Em caso afirmativo, discuta com o colega o que poderia ser acrescentado ou retirado do texto para melhorá-lo.
- 3) Com o auxílio do colega e do professor anote as adequações e discuta com o colega os seguintes pontos:
 - a) Importância de adequar-se ao contexto de produção;
 - b) Importância de especificar uma tese e de defendê-la com argumentos coerentes;
 - c) Importância de (re)conhecer a organização textual (partes) do texto.

A interação entre os pares e o professor permite que o aprendiz, a partir do conhecimento que já possui do gênero, evolua para um nível mais avançado, ou seja, aprenda a construir o seu texto com eficiência, reconhecendo a organização textual e as convenções discursivas do gênero.

A Tarefa 8, a seguir, apresenta ao aluno três técnicas argumentativas que poderão ser utilizadas no artigo que produzirá, permitindo que ele tenha opções para argumentar e perceba o efeito retórico de cada técnica. É solicitado que ele discuta com o colega qual das técnicas pode impressionar a banca de professores que corrigirão a redação do vestibular. É apresentado ao aluno uma simulação em que um aluno fictício chamado Pedro está refletindo sobre a melhor forma de redigir o seu artigo de opinião para um projeto sobre o tema racismo e preconceito. Pedro reflete sobre a organização do gênero artigo de opinião e sobre a melhor forma de apresentar os seus argumentos e se deve apresentar dados estatísticos dentre outros aspectos.

TAREFA 8 – Aprendendo sobre argumentação

Propósito e Estratégia

Como sabemos bem, o propósito de um texto, a estratégia argumentativa e o público-alvo são indissociáveis, ou seja, é preciso conhecer o público leitor e o propósito comunicativo para empregar de forma eficiente as estratégias que serão utilizadas para conseguir a adesão do público ao seu texto. O propósito de um artigo de opinião é defender um posicionamento crítico. O público alvo será quem irá ler o seu texto, pode ser seu professor ou uma banca de professores do vestibular ou ainda os leitores do jornal ou revista em que ele for publicado. O ponto é: como alcançar o propósito em meu texto? Um recurso eficaz é o uso de argumentos. Vejamos exemplos de argumentos que você pode usar no seu texto para defender a sua tese. Discuta com o colega qual desses argumentos pode impressionar positivamente a banca de professores que irão corrigir a redação do vestibular.

1) Argumento pelo exemplo: consiste em usar exemplos que fundamentam a tese apresentada. Isso pode ser feito através de fatos divulgados pela mídia, dados estatísticos, eventos históricos entre outros. No excerto a seguir retirado do texto “O Brasil matou a consciência negra”, a tese de que “os negros são a nota de rodapé da História do Brasil” fundamenta-se na estatística de que “a população negra corresponde a maioria (78,9%) dos 10% dos indivíduos com mais chances de serem vítimas de homicídios”:

“De acordo com o Atlas da Violência 2017, a população negra também corresponde a maioria (78,9%) dos 10% dos indivíduos com mais chances de serem vítimas de homicídios. Os negros são a nota de rodapé da História do Brasil, escravizados por mais de 300 anos, foram negligenciados pela aristocracia branca que monopolizava o poder e os espaços de sociabilidade”.

2) Argumento de Autoridade: Consiste em citar autoridades para fundamentar a tese, dar credibilidade e enraizar a sua defesa. Pode ser ainda citado por categorias – o filósofo, o cientista – de forma impessoal – a igreja, a família, a universidade – ou pelo próprio nome. No excerto a seguir retirado do texto “O Brasil matou a consciência negra”, a tese de que a população negra é a mais afetada pela desigualdade e pela violência no Brasil é sustentada pelas informações fornecidas pela ONU que constitui uma autoridade:

“A população negra é a mais afetada pela desigualdade e pela violência no Brasil. De acordo com a ONU, no mercado de trabalho, negros e pardos enfrentam muito mais dificuldades para conseguirem progredir em suas carreiras, na questão salarial e, principalmente, são mais propensos a sofrerem algum tipo de assédio moral”.

3) Argumento pragmático estabelece uma relação de causa e efeito apresentando as consequências de um ato ou acontecimento, quer sejam favoráveis ou desfavoráveis. No excerto a seguir também retirado do texto “O Brasil matou a consciência negra”, o argumento pragmático estabelece uma relação de causa e efeito entre a consequência (O negro foi simplesmente jogado pra fora das fazendas...) e a causa (...várias leis foram criadas como forma de dar a liberdade gradual a todos os cativos negros...; e não lhes foi oferecido nenhum tipo de ajuda por parte do governo imperial e muito menos republicano a posteriori):

“Quando ocorreu o movimento abolicionista no Brasil, durante o século XIX, várias leis foram criadas como forma de dar a liberdade gradual a todos os cativos negros, no entanto, tal feito não foi abrangente o bastante para dar realmente a liberdade. O negro foi simplesmente jogado pra fora das fazendas e não lhes foi oferecido nenhum tipo de ajuda por parte do governo imperial e muito menos republicano a posteriori”.

Agora surge a seguinte dúvida: como escrever um artigo de opinião que consiga a adesão do público leitor? Que estratégias um articulista precisa utilizar para que esse propósito se efetive?

Para explorar isso, consideremos o caso de um aluno do ensino médio chamado Pedro. Ele está desenvolvendo um projeto em um programa educacional com o tema racismo e preconceito e faz pesquisas sobre o tema. O coordenador do colégio pediu que Pedro escreva um artigo de opinião para ser publicado no jornal da escola. Ele pretende escrever um artigo que relate o impacto do racismo na vida das pessoas negras, também falar sobre políticas públicas que poderiam amenizar esse impacto. É um artigo curto de uma página, Pedro precisa seguir a organização geral do artigo de opinião e tem entre 25 a 30 linhas para contextualizar o tema, apresentar uma tese e concluir o texto. O prazo de entrega está se aproximando e não há tempo para fazer mais pesquisas. Ele quer causar uma boa impressão e convencer o seu interlocutor pois sabe que cumprir o propósito do artigo causará uma boa impressão e isso é importante.

Pedro começa o seu texto contextualizando o leitor sobre a temática.

Essa semana presenciei uma cena que me deixou extremamente triste: uma senhora se recusou a ser atendida por uma enfermeira negra e, proferindo palavras que eu me recuso a escrever aqui, mostrava todo o seu preconceito, que também é o preconceito de muitos brasileiros. O preconceito com as pessoas negras. Essa cena me instigou a escrever sobre a temática e suscitou alguns questionamentos: qual o impacto do racismo na vida das pessoas negras? O que fazer para que esse preconceito não prejudique as pessoas?

Em seguida, Pedro vai apresentar a sua tese.

É sabido por todos que a Princesa Isabel assinou a Lei Áurea em 13 de maio de 1888, essa lei teria o objetivo de abolir a escravidão no Brasil, garantindo aos negros o direito ao trabalho remunerado e à liberdade. O que observamos depois de mais de 130 anos desse acontecimento infelizmente é assustador. **O negro sofre as consequências de tantos anos de escravidão.** Os efeitos dessa nefasta mancha (a escravização) reverbera na atualidade quando presenciamos episódios como daquela enfermeira. Isso acontece devido ao fato de haver o racismo institucional que é um sistema que privilegia a população branca, enquanto a negra tem os seus direitos básicos negados.

Pedro prossegue. Agora ele precisa apresentar argumentos para defender a tese de que a população negra ainda sofre os efeitos da escravidão através do racismo institucional.

Em primeiro lugar é necessário pensar na questão habitacional. O filósofo Sílvio Almeida afirma que “a elite brasileira é atrasada e escravocrata”, e nega à população negra a plenitude dos direitos básicos. Por isso, a maioria está nas periferias com poucas condições de acesso aos meios de saúde, transportes e higiene. Depois é preciso pontuar a questão do acesso à educação, que é marcada por uma caminhada de desigualdades. Quantos médicos negros você conhece? Quantos professores negros já lecionou para você? Isso mostra que a escola é elitista e não possibilita o acesso a uma educação de qualidade, uma formação acadêmica causando uma nova forma de exclusão: a intelectual.

Pedro se reporta ao seu público-alvo e relembra a organização do artigo de opinião. Ele continua argumentando.

Outro aspecto do racismo institucional que merece destaque é a questão dos privilégios. Por exemplo a desigualdade salarial entre brancos e negros, a falta de representatividade dos negros em cargos de chefia e a taxa de desemprego maior entre negros e negras. Isso acarreta uma avalanche de consequências que vai desde a exclusão de serviços essenciais por falta de uma renda satisfatória até o ingresso em subempregos.

Ademais, muitas vezes reproduzimos esse racismo sob um viés inconsciente. O racismo velado. Sabe quando você ri de uma piada envolvendo a cor de uma pessoa? Ou quando usa expressões como “trabalho de preto” ou ainda quando se refere a uma pessoa negra como “moreninho”? A perpetuação do racismo de forma velada é ofensivo e causa traumas.

Agora Pedro precisa concluir o seu artigo de opinião. Ele escreveu essa conclusão.

O racismo e o preconceito contra a população negra sempre ocasionaram consequências funestas, portanto é preciso um projeto governamental de políticas públicas que garantam que os direitos da população negra sejam efetivados e cumpridos com rigor, sobretudo nas instituições, pois a melhor forma de combater o racismo é a conscientização. É preciso, outrossim, campanhas de

conscientização de que somos todos iguais perante a lei e a punição de quem comete o crime de racismo. Sejamos mais humanos e não compactuemos o racismo, da forma mais velada que seja.

Pedro está um tanto incerto quanto à sua escrita e sua argumentação e está agora perguntando a si mesmo:

“Apresentei argumentos coerentes? Fiz uma defesa eficiente da minha tese? É de fato melhor falar sobre o racismo institucional ou de forma geral? Eu deveria mencionar dados estatísticos sobre o desemprego entre a população negra, sobre a escolarização média da população negra? Quais argumentos seriam melhores? Como devo me *posicionar* como um aluno pesquisador da temática? Será que eu respondi aos questionamentos propostos na introdução? Em que posso melhorar a minha conclusão? Posso incluir algumas perspectivas e reflexões para o meu interlocutor? Quais?”

- 1) Em sua opinião, o artigo de Pedro está bem construído e tende a conseguir a adesão do público leitor com êxito? Justifique a sua resposta.
- 2) Se você acredita que o artigo de Pedro poderia ser melhor quais aspectos você alteraria?
- 3) Na sua opinião, Pedro deveria ter incluído dados estatísticos? Qual o efeito a inclusão desses dados teria no texto e conseqüentemente no público alvo?

A Tarefa 9, a seguir, (*Task five*, SWALES; FEAK, 2012, p. 8-9) pede que o aluno se posicione como o instrutor de Pedro dando-lhe conselhos sobre como redigir o seu artigo de opinião, por exemplo, apontando melhorias para tornar a conclusão mais impactante. É solicitado também que o aluno reescreva a conclusão com base nos seus apontamentos. Em seguida, é apresentado o modelo de organização retórica obtido na análise do nosso corpus de artigos de opinião no contexto do vestibular, para que o aluno identifique as três funções retóricas em um artigo de opinião do nosso corpus. Para cada subfunção retórica é dado um excerto como exemplo retirado do corpus para que o aluno tenha parâmetro para identificar as subfunções no texto. A mudança de temática de racismo no Brasil para o consumo das *slow foods* permite que o aluno exercite a aplicação dos conhecimentos sobre o gênero em textos que tratam de temas diversos e ressalta as características do gênero compartilhadas por textos diferentes. O modelo de organização retórica norteará a produção do artigo de opinião a ser produzido pelo aluno em tarefa posterior.

TAREFA 9 – Refletindo sobre a conclusão e a organização retórica e aplicando os conhecimentos do gênero em textos com outra temática

- 1) Que conselho você daria a Pedro? Considere as questões que ele levanta sobre a conclusão que ele escreveu: quais mudanças podem ser feitas para que a conclusão fique mais impactante?

- 2) Que perspectivas ele pode indicar ao seu interlocutor? Escreva isso em um parágrafo ou dois. Depois disso, adeque ou reescreva o parágrafo final com base nos seus apontamentos.

Organização

Quando lemos um texto esperamos que as informações sejam apresentadas em um formato estrutural esperado para o gênero ao qual o texto pertence. Diversos gêneros, inclusive os curtos, têm uma organização textual previsível. Quando produzimos um texto de um determinado gênero podemos fazer uso desses padrões para facilitar a compreensão do texto mesmo que ele contenha inadequações sintáticas e lexicais.

O gênero artigo de opinião produzido no contexto do vestibular possui uma organização textual previsível composta de três funções retóricas ou partes. A primeira delas é a Apresentação do tema; a segunda trata da Apresentação de tomada de posição; e a terceira diz respeito à Conclusão.

Com base no conhecimento sobre o artigo de opinião adquirido nas tarefas anteriores e nos exemplos apresentados a seguir, identifique essas funções retóricas no artigo de opinião “Alface também existe fora do x-burger!” a partir da organização textual apresentada por meio de funções e subfunções retóricas. O texto foi escrito por um candidato a uma vaga no vestibular que obteve uma nota alta.

Preste atenção na porcentagem de ocorrência de cada função e subfunção retórica pois ela indica uma preferência por parte dos candidatos que obtiveram nota alta na redação do vestibular. Esses dados podem ajudá-lo a decidir a organização retórica do seu texto quando você estiver prestando a prova de redação do vestibular.

Para facilitar o seu trabalho, apresentamos um exemplo de cada função retórica.²⁵

Quadro 9 - Organização retórica dos artigos de opinião do nosso corpus de pesquisa.

Função Retórica 1	Apresentação do tema	100%
Subfunção 1A	Apresentar um fato jornalístico e/ou	37%
Subfunção 1B	Apresentar o(s) antecedente(s) do tema	63%
Função Retórica 2	Apresentação de uma tomada de posição	83%
Subfunção 2 A	Formular uma tese e/ou	100%
Subfunção 2B	Apresentar argumentos que justifiquem a tese e/ou	86%
Subfunção 2C	Provocar reflexões para justificar a tese e/ou	80%
Subfunção 2D	Apresentar possíveis contra-argumentos e/ou	63%
Subfunção 2E	Mencionar a posição social como autoridade no assunto	73%
Função retórica 3	Conclusão	97%

Fonte: elaboração própria com base no modelo de Ramos, Bicudo e Raimo (2019, p. 102)

²⁵Nesse momento do roteiro de escrita o professor poderá retomar com os alunos questões ligadas aos efeitos de sentido e ao uso de determinadas palavras ou expressões que evidenciam a posição ideológica do aluno já que em todo discurso a posição do sujeito acaba se evidenciando de alguma forma pois, como discorre Koch(2002) não há neutralidade no discurso.

Subfunção 1A: Apresentar um fato jornalístico (37%): É possível perceber que essa subfunção aparece em grande maioria no início do texto para apresentar o assunto do artigo de opinião. Notamos também que o candidato autor explica como tomou conhecimento do tema, seja observando os próprios hábitos alimentares ou lendo alguma matéria sobre o assunto em consonância com o contexto de produção da redação: apresenta o assunto do artigo de opinião.

AO7 “ao ler uma notícia intitulada “*Slow food* (comer com calma) percebi o quanto meu descuido com uma boa alimentação acarretou consequências (...)”

AO10 “(...) semana passada me deparei com uma reportagem que falava sobre o “*Slow Food*”, movimento que surgiu na Itália e propõe uma vida mais saudável (...)”

Subfunção 1B: Apresentar antecedente(s) do tema (63%): relaciona o tema ao contexto e/ou justifica a tese defendida. Geralmente há generalizações, explicações e questionamentos para relacionar o tema ao contexto e/ou justificar a tese defendida. As generalizações apresentam um ponto de vista do qual espera-se que o leitor compartilhe ou estabelecem um vínculo entre a rotina de vida do leitor e o mau hábito alimentar. O candidato usa expedientes linguísticos característicos tais como as formas verbais conjugadas na primeira pessoa do plural (*trocamos, temos, pensamos, cozinhamos*), expressões que englobam o leitor (*nossas vidas, nossa própria comida, as pessoas*) e substantivos flexionados no plural (*atividades, relações, indivíduos, restaurantes*). Esses expedientes linguísticos contribuem na caracterização desse primeiro movimento retórico do artigo de opinião, situando o leitor a respeito do tema que será discutido ao longo do texto. Essa subfunção ocorre geralmente no início do texto.

AO4 “(...) não dá para desperdiçá-los fazendo comida e/ou almoçando com a família, ainda mais sabendo que com um toque no celular a “refeição” é servida e tudo resolvido, certo?”

AO11 “(...) a última coisa que pensamos é em comer, e quando pensamos é ridícula a ideia de cozinhamos nossa própria comida com alimentos frescos ou ir num restaurante assim.”

Subfunção 2A – Formular uma tese (100%). Nesta subfunção, o articulista apresenta o seu ponto de vista. Considerando que o candidato deve posicionar-se a respeito de culturas de alimentação nos dias atuais e suas consequências, a formulação da tese se dá por meio de

sentenças que remetem ao tema por uma relação de causa e consequência (*más escolhas = problemas nutricionais; hábitos alimentares [...] péssimos = afetam drasticamente nossa qualidade de vida; má alimentação = extremamente prejudicial; rotineira cultura de alimentação = graves consequências*).

AO8 “[...] más escolhas levam a consequências alarmantes: cada vez mais cresce o número de pessoas com problemas nutricionais, especialmente jovens.”

AO14 “Isso me fez pensar muito sobre como nossos hábitos alimentares atualmente são péssimos e afetam drasticamente nossa qualidade de vida.”

Com relação aos recursos linguísticos característicos da formulação da tese é bastante comum o emprego do tempo presente do modo indicativo (*levam, cresce, são, é, pode, precisa, há, fazem, consegue* etc) e das formas verbais conjugadas na primeira pessoa do singular (*recorro, estou, penso, julgo, tomei, afirmo, entendo, consumo, sou, decidi, sei, aprendi* etc).

Subfunção 2B – Apresentar argumentos que justifiquem a tese (86%). Nesta subfunção, o articulista apresenta os argumentos para a defesa da sua tese. Há a ocorrência do argumento pelo exemplo (*alimentação saudável, composta por alimentos naturais que vem direto do agricultor; algumas das consequências [...] aumento dos níveis de colesterol, hipertensão*), do argumento de autoridade (*diante da frase citada por Bela Gil, chef e apresentadora; citado pela filósofa Hannah Arendt como o pior mal*), do argumento pragmático (*os fast foods pela falta de nutrientes [...] = pode nos trazer alteração no colesterol, diabetes do tipo II, queda no sistema imunológico*) e do argumento de incompatibilidade (*a má alimentação atrapalha o aprendizado*) dentre outras estratégias argumentativas. Por meio desses argumentos, tenta-se qualificar e trazer informações relacionadas ao fenômeno *Slow food* e *Fast Food* para reforçar a tese defendida.

AO5 “Além disso, se optarmos por uma alimentação saudável, composta por alimentos naturais que vem direto do agricultor nosso organismo sem dúvidas irá “agradecer”, além de passar a funcionar melhor [...]”

AO12 “A alimentação pode mudar o mundo, diante da frase citada por Bela Gil, chef e apresentadora, penso ser de fato o caminho mais favorável a seguir, uma alimentação saudável”

Subfunção 2C – Provocar reflexões para justificar a tese (80%): levanta questionamentos que incitam o leitor a pensar sobre o seu posicionamento diante do tema por meio de sentenças interrogativas (*vamos mudar?; você acha mesmo que num mundo tão “fast” seria diferente com a juventude e a saúde?*), exclamativas (*Agora é a vez de vocês!*) e imperativas (*Refleta sobre isso comer com calma não é perder tempo*).

AO9 “Eu tomei meu posicionamento e afirmo novamente: a boa alimentação é irrevogável para um viver pleno. Agora é a vez de vocês!”

AO18 “[...] o que não pode ser desconsiderado, ainda mais pelos vestibulandos, não é mesmo?”

Subfunção 2D – Apresentar possíveis contra-argumentos (63%): o autor aponta uma visão oposta à sua tese, faz concessões para depois negociar com o leitor a tese defendida por ele. Nessa subfunção, geralmente o tema *fast food* é associado a algo positivo (*A cultura do fast food é conectada também ao fato de nos socializarmos; afinal, é fácil e gostoso; O fast food (comida rápida) facilitou nossas vidas*). O excerto a seguir exemplifica esse jogo de antecipação de uma provável refutação.

AO25 “O *fast food* (comida rápida) facilitou nossas vidas por ser prático, mas [...]”

AO03 “[...] entendo o lado dos que compartilham de tal hábito, afinal, é fácil e gostoso, duas características essenciais para quem tem, assim como eu, uma rotina agitada.”

Subfunção 2E – Mencionar a posição social como autoridade no assunto (73%): apresenta o seu papel social diante do contexto de produção. Nela, o autor se apresenta como estudante do ensino médio, consumidor de *fast food* e blogueiro, conforme solicitado no contexto e comando de produção. O autor menciona a sua posição para legitimar a sua fala e ter credibilidade para discutir sobre o assunto em pauta, além de ressaltar que faz pesquisas sobre o tema que vai debater, dando assim mais crédito ao seu ponto de vista. Essa marcação de sua posição ocorre devido ao fato de o candidato precisar atender ao comando e legitimar a sua posição nesse contexto fictício.

AO3 “Como estudante do Ensino Médio e como dona desse blog (...) Depois de ter lido sobre movimento *Slow Food* [...]”

AO16 “Como vocês sabem, sou estudante do Ensino Médio, por isso nunca tenho tempo muito livre logo consumo muito *fast food* afim de otimizar o meu tempo. Contudo, ao ler sobre o movimento *Slow Food* [...]”

Função Retórica 3 – Conclusão (97%): aparece comumente no(s) último(s) parágrafo(s) com a retomada da tese defendida. É comum na conclusão expressões equivalentes a conjunções conclusivas (*Sendo assim, Por fim, Portanto, Desse modo, Com isso, Dessa forma*) para retomar a temática, reforçar a tese e resumir as ideias que foram apontadas no texto, bem como o uso do verbo em primeira pessoa do singular (*decidi, espero, acredito, reitero*) e do plural (*teremos, pedirmos, vamos, aproveitarmos*).

AO8 “Por fim vale a pena a discussão lançada sobre o movimento, pelo bem de nossa saúde e de toda a população local. Beneficiando assim diversos setores da sociedade.”

AO30 “Com isso, reitero a urgência de mudanças nas terríveis culturas de alimentação atuais, para que desta forma as consequências não afetam a vida das pessoas. Assim, fica visível que uma mudança de hábitos alimentares se faz necessário [...]”

Texto:

Alface também existe fora do x-burger!

Nosso dia a dia às vezes é tão movimentado que a última coisa que pensamos é em comer e quando pensamos é ridícula a ideia de cozinarmos nossa própria comida, com alimentos frescos ou ir num restaurante assim. Logo penso naquele delicioso hambúrguer *Fast food* pingando queijo (o qual o vi no outdoor na rua) que, na teoria, é gostoso e rápido. Acredito que vocês também são assim, fiéis leitores de meu blog, porque segundo um estudo espanhol somos o quarto país que mais consome *fast-food* no mundo, e de consequência mais da metade dos brasileiros estão acima do peso. Sim! somos apaixonados por comidas cheias de sódio e aditivos químicos!

Por isso trago aqui uma alternativa que conheci recentemente: o *Slow food* (comer com calma), uma filosofia que acredita que devemos nos conectar mais com a comida, respeitando-a, sobretudo sua origem e usando alimentos frescos e orgânicos. Antes que digam que virei *hippie* e amante da mãe natureza prometo que não! Continuo a mesma estudante de Ensino Médio normal que adora comida industrializada, mas venho repensando nos hábitos alimentares de nossa população.

Acredito que perdemos muito contato com os alimentos. Eu mesma nem sei qual foi a última vez que segurei uma batata sem ela estar frita e processada. Não sabemos mais de onde vem o alimento quando foi colhido e quem o colheu se é orgânico ou não. Então tenho uma proposta para fazermos juntos: sabe aquela feirinha de sua cidade? Pelo menos uma vez por semana dê uma passada por lá, converse com os vendedores sobre o produto (sem parecer um maluco, por favor!) compre alimentos frescos e preferencialmente orgânicos, tente fazer algumas

comidas por mais simples que seja e observe seu corpo agradecendo pela comida nutritiva e saudável. Se quiser, comente aqui como foi sua experiência. Até a próxima *Slow eaters!*
(Fonte: Retirado do *corpus* de análise)

- 1) Qual a sua opinião sobre o artigo? Ele é objetivo?
- 2) O texto está bem organizado? Na organização textual, identifique os excertos ou parágrafos que apresentam o tema, apresentam uma tomada de posição e concluem o texto. Quais recursos linguísticos o candidato utilizou para realizar essas três funções?
- 3) Você se sentiu convencido com os argumentos apresentados pela autora? Justifique a sua resposta.
- 4) Quais recursos linguísticos e argumentos podem ser reaproveitados na produção de um novo artigo de opinião?

Na Tarefa 10 do roteiro de escrita serão apresentadas instruções que solicitarão que o aluno produza um artigo de opinião em um contexto simulado de vestibular. Nessa simulação, os três textos que tratam sobre o racismo no Brasil utilizados nas tarefas anteriores servirão de textos de apoio fornecendo ao aluno informações e argumentos para a produção do seu artigo de opinião. Além disso, serão apresentados um contexto de produção e um comando de produção assim como ocorre na prova de redação do vestibular. E o momento da produção autônoma chegou.

TAREFA 10 – Escrita do artigo de opinião

Até aqui você realizou as atividades em pares e com o auxílio do professor. Vimos aspectos do gênero Artigo de Opiniões tais como o seu propósito comunicativo, a sua organização retórica, sua argumentação e alguns recursos linguísticos. Agora é o momento de colocar o seu aprendizado em prática.

Leia novamente com atenção os três textos de apoio, o contexto e o comando de produção para escrever o seu texto e fique atento aos seguintes itens:

- A) Produza o gênero textual solicitado;
- B) Não fuja à temática proposta pelos textos de apoio e comando de produção;
- C) Apresente a organização do gênero textual solicitado;
- D) Escreva com letra legível dando um espaçamento adequado entre palavras;
- E) Fique atento ao número de linhas que o comando pede;
- F) Use a norma culta da Língua Portuguesa;²⁶
- G) Esteja atento à forma de apresentar o tema, a tomada de posição e a conclusão.

Textos de apoio:

Texto 1

²⁶ Itens elaborados com base nas instruções para a realização da prova do caderno de Redação e Questões Objetivas do Vestibular de Verão 2018 da UEM.

O BRASIL MATOU A CONSCIÊNCIA NEGRA²⁷

Às vésperas da Consciência Negra, um homem, negro foi espancado no pátio do supermercado do Carrefour por dois seguranças e não resistiu. Notícias correram criticando o ato feito e nos faz refletir que país é esse? Simples, o Brasil matou a consciência negra.

No dia 20 de novembro é o dia da Consciência Negra, onde o objetivo da data é levar as pessoas a refletir sobre a posição social dos negros no país.

A população negra é a mais afetada pela desigualdade e pela violência no Brasil. De acordo com a ONU, no mercado de trabalho, negros e pardos enfrentam muito mais dificuldades para conseguirem progredir em suas carreiras, na questão salarial e, principalmente, são mais propensos a sofrerem algum tipo de assédio moral.

De acordo com o Atlas da Violência 2017, a população negra também corresponde a maioria (78,9%) dos 10% dos indivíduos com mais chances de serem vítimas de homicídios.

Os negros são a nota de rodapé da História do Brasil, escravizados por mais de 300 anos, foram negligenciados pela aristocracia branca que monopolizava o poder e os espaços de sociabilidade.

Quando ocorreu o movimento abolicionista no Brasil, durante o século XIX, várias leis foram criadas como forma de dar a liberdade gradual a todos os cativos negros, no entanto, tal feito não foi abrangente o bastante para dar realmente a liberdade. O negro foi simplesmente jogado pra fora das fazendas e não lhes foi oferecido nenhum tipo de ajuda por parte do governo imperial e muito menos republicano a posteriori.

O Brasil é um dos países mais preconceituosos do mundo. Atualmente possuímos várias políticas públicas que são criadas para diminuir a desigualdade do Brasil, no entanto, percebemos que as manifestações destas desigualdades são demonstradas principalmente na questão de cor ou raça.

56,10%. Este é o percentual de pessoas que se declaram negras no Brasil, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua do IBGE. Ou seja, dos 209,2 milhões de habitantes do país, 19,2 milhões se assumem como pretos, enquanto 89,7 milhões se declaram pardos. Mesmo sendo a maioria da população, ainda há uma desigualdade infinita e pelos caminhos que a sociedade trilha, não irá diminuir.

O Brasil é a maior vergonha. Nossas políticas públicas não funcionam. O nosso governo não funciona. A maioria da população é preconceituosa, outra parte não se manifesta em prol de levantar bandeiras para defender as minorias.

As minorias do Brasil são massacradas diariamente pelos grandes tabloides que insistem em configurar uma imagem de que todo negro é bandido, vejamos, negros são as maiores vítimas de homicídios no Brasil. Segundo o Atlas da Violência, em 2017, 75,5% das pessoas assassinadas no país eram pretas ou pardas – o equivalente a 49.524 vítimas. A chance de um jovem negro ser vítima de homicídio no Brasil é 2,5 vezes maior do que a de um jovem branco.

Viver em um país como o Brasil é uma tarefa árdua, pois diariamente você é bombardeado por atitudes como a acima citada que não valorizam a nossa nação. Hoje seria um dia para refletirmos sobre a importância do negro como tripé da nossa identidade, no entanto, nós, brasileiros, matamos a consciência negra.

O maior problema do Brasil é que nunca tivemos uma abolição da escravidão em seu verdadeiro significado.

Bruno Roque Younes é historiador

Texto 2

²⁷ Disponível em: <https://www.brasiledefato.com.br/2020/11/20/artigo-o-brasil-matou-a-consciencia-negra>. Acesso em 25 maio 2021.

RACISMO²⁸

O país ou, ao menos, os que têm um pouco de respeito ao ser humano se sentem indignados com as manifestações de racismo por toda parte. Chama mais a atenção a agressão dirigida a jogadores e árbitros de futebol, todos negros, porque são naturalmente mais expostos à ação da mídia televisiva. Mas, o racismo é global e sistêmico no Brasil e, como todos os crimes, preconceitos e discriminações são abomináveis e devem ser rigidamente corrigidos. O racismo tem muitas raízes e motivações; no Brasil há singularidades, como vemos na figura de Macunaíma de Mario de Andrade. O romance pode ser lido sob muitos vieses, porém, uma abordagem possível é aquela que relaciona miscigenação com sincretismo. Afinal, mesmo não sendo negros, todos nós temos muito de Macunaíma em nossas vidas.

Ninguém é branco, negro, vermelho ou amarelo no Brasil. Se tivéssemos frequentado a escola com um pouco mais de vontade e fazendo uso medianamente da inteligência ao estudar a história da cultura brasileira, veríamos que sempre fomos Macunaíma. Quem pode dizer com segurança se Macunaíma é bom ou mau, feio ou belo, fez o que deveria fazer ou não se tornou quem deveria ser? Impossível saber, mas é o retrato de nossa miscigenação física e moral. No coração (cordis) do Macunaíma o real migrou para o virtual, para a representação, imaginação, reinvenção e reinstalação de nosso corpo e cultura. Para a direita fascista, um ator como Grande Otelo[1], sendo expurgado do interior da própria mãe, é o retrato da miséria humana. Alibi ariano. Para a esquerda, é o novo que procura por si, é o povo que se mostra para a realidade. No reino de Macunaíma, o espaço público, como espaço vazio no país dos sem-nada, não é fácil de encontrar. E sem destino prefigurado, parece que sempre voltamos ao ponto de partida. Pois, não fugimos de nossa deficiência.

Não há deficiência na cor da pele, mas na moral (cordis) do racista. O racista é um aloprado com sua cultura. Neste sentido, tanto "Macunaíma" como o "homem cordial" (o que usa o cordis para se defender da violência social) pertencem à mesma "estirpe". Podem ser fórmulas mágicas de exorcismo e sublimação, por meio das quais se decantam séculos de escravismo, castas e alienação.

É claro que o "homem cordial", "Macunaíma", "Pedro Malazarte" e "Jeca Tatu", lembrando a "preguiça" e a "luxúria", levam consigo várias e notáveis significações, participando da composição e movimentação do imaginário da sociedade e dos seus diferentes setores sociais, em diferentes modulações. Mas também é possível reconhecer que pode haver algum parentesco entre o "homem cordial" e "Macunaíma", entre outros, lembrando nossa incapacidade cultural de prefigurar uma "identidade cultural". Ainda hoje nos satanizamos enquanto figuras e figurações com as quais também se diabolizam valores, ideais e modos de ser que floresceram nas cercanias da casa grande. Mais ou menos longe das senzalas, ainda não temos projeto nacional.

Nesta cultura sem-eira, nem-beira, é que floresce o racismo; é como se o homem branco copiasse Grande Otelo, mas na verdade é o homem branco saindo (ou tentando sair) de dentro de seu Macunaíma interior. O racista é um Grande Otelo às avessas. É um homem impregnado de fraquezas, impurezas e impotente para se livrar de si mesmo. O Racista é um branco que se detesta, porque sabe que é Macunaíma e não tem força moral para conseguir ser um humano diferente. O racista gostaria de tirar sua própria pele (a cultura é uma segunda pele), mas como não pode tenta esfolar o(a) Outro(a). O racista é um indivíduo alucinado com sua miséria humana.

Vinício Carrilho Martinez é professor e jornalista

Texto 3

Medo e preconceito²⁹

O tema é espinhoso. Todos somos por ele atingidos de uma forma ou de outra, como autores ou como objetos dele. O preconceito nasce do medo, sua raiz cultural, psíquica, antropológica está nos tempos mais primitivos - por isso é uma postura primitiva -, em que todo diferente era um provável inimigo. Precisávamos atacar antes que

²⁸ Disponível em: <https://www.gentedeopinio.com.br/colunista/vinicio-carrilho/r-a-c-i-s-m-o>. Acesso em 25 maio 2021

²⁹ Disponível em: <https://arteemanhasdalngua.blogspot.com/2019/10/atividade-sobre-artigo-de-opinio-medo.html>. Acesso em 25 maio 2021.

ele nos destruisse. Assim, se de um lado aniquilava, de outro esse medo nos protegia - a perpetuação da espécie era o impulso primeiro.

Hoje, quando de trogloditas passamos a ditos civilizados, o medo se revela no preconceito e continua atacando, mas não para nossa sobrevivência natural; para expressar nossa inferioridade assustada, vestida de arrogância. Que mata sob muitas formas, em guerras frequentes, por questões de raça, crença e outras, e na agressão a pessoas vitimadas pela calúnia, injustiça, isolamento e desonra. Às vezes, por um gesto fatal.

Que medo é esse que nos mostra tão destrutivos? Talvez a ideia de que "ele é diferente, pode me ameaçar", estimulada pela "inata maldade do nosso lado de sombra (ele existe, sim).

Nossa agressividade de animais predadores se oculta sob uma camada de civilização, mas está à espreita - e explode num insulto, na perseguição a um adversário que enxovalhamos porque não podemos vencê-lo com honra, ou numa bala nada perdida. Nessa guerra ou guerrilha usamos muitas armas: uma delas, poderosa e sutil, é a palavra.

Paradoxais são as palavras, que podem ser carícias ou punhais. Minha profissão lida com elas, que desde sempre me encantam e me assombram houve um tempo, recente, em que não podíamos usar a palavra "negro" Tinha de ser "afrodescendente", ou cometíamos um crime. Ora, ao mesmo tempo havia uma banda Raça Negra, congressos de Negritude...e afinal descobrimos que, em lugar de evitar a palavra, podíamos honrá-la.

Lembremos que termos usados para agredir também podem ser expressões de afeto. "Meu nego", "minha neguinha", podem chamar uma pessoa amada, ainda que loura. "Gordo", tanto usado para *bullying*, frequentemente é o apelido carinhoso de um amigo, que assim vai assinar bilhetes a pessoas queridas. Ao mesmo tempo, palavras como "judeu, turco, alemão" carregam, mais do que ignorância, um odioso preconceito.

De momento está em evidência a agressão racial em campos esportivos: "negro", "macaco" e outros termos, usados como chibata para massacrar alguém, revelam nosso lado pior, que em outras circunstâncias gostaríamos de disfarçar - a grosseria, e a nossa própria inferioridade. Nesses casos, como em agressões devidas à orientação sexual, a atitude é crime, e precisamos da lei. No país da impunidade, necessitamos de punição imediata, severa e radical. Me perdoem os seguidores da ideia de que até na escola devemos eliminar punições, a teoria do "sem limites". Não vale a desculpa habitual de "não foi com má intenção, foi no calor da hora, não deem importância". Temos de nos importar, sim, e de cuidar da nossa turma, grupo, comunidade, equipe ou país. Algumas doenças precisam de remédios fortes: preconceito é uma delas.

"Isso não tem jeito mesmo", me dizem também. Acho que tem. É possível conviver de forma honrada com o diferente: minha família, de imigrantes alemães aqui chegados há quase 200 anos, hoje inclui italianos, negros, libaneses, portugueses. Não nos ocorreria amar ou respeitar a uns menos do que a outros: somos todos da velha raça humana. Isso ocorre em incontáveis famílias, grupos, povos. Porque são especiais? Não. Simplesmente entenderam que as diferenças podem enriquecer.

Num país que sofre de tamanhas carências em coisas essenciais, não devíamos ter energia e tempo para perseguir o outro, causando-lhe sofrimento e vexame, por suas ideias, pela cor de sua pele, formato dos olhos, deuses que venera ou pessoa que ama. Nossa energia precisa se dedicar a mudanças importantes que o povo reclama. Nestes tempos de perseguição, calúnia, impunidade e desculpas tolas, só o rigor da lei pode nos impedir de recair rapidamente na velha selvageria. Mudar é preciso.

Lya Luft é escritora, tradutora e professora aposentada

Contexto de Produção

Você é um historiador e desenvolve pesquisa sobre o Racismo e Preconceito contra a população negra no Brasil e foi convidado para escrever sobre essa temática em um jornal de grande circulação. Esse texto será publicado na coluna Opinião e a edição sairá no dia 20 de Novembro - Dia da Consciência Negra.

Comando de Produção

Considerando o contexto de produção apresentado e a leitura dos textos de apoio escreva um ARTIGO DE OPINIÃO sobre racismo e preconceito contra a população negra e as suas consequências. Seu ponto de vista (tese) deve ser sustentado por, no mínimo, dois

argumentos. Seu artigo deve ter o mínimo de 15 e o máximo de 20 linhas. O título é opcional. Assine, se quiser, como Sinhá ou Sinhô.

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22

Este roteiro de escrita do artigo de opinião, composto de 10 tarefas baseadas nas tarefas propostas por Swales (1990) e Swales e Feak (2012) demonstram que o processo de ensino e aprendizagem de um gênero textual pode se dar por meio de tarefas sequenciadas que visam a cumprir determinadas metas comunicativas.

As tarefas que trabalham as estratégias de escrita permitem que o aluno aprimore as suas estratégias de redação melhorando as que já possui e adquirindo estratégias novas. As tarefas que se voltam para a organização retórica do texto desenvolvem no aluno o reconhecimento da macroestrutura textual auxiliando-o na organização das ideias e na melhor forma de concatená-las.

As tarefas de leitura e de identificação da função retórica cumprida por um determinado excerto permitem que o aluno associe expedientes linguísticos com o efeito que produzem no texto. A interação do aluno com o colega e com o professor nos estágios iniciais do processo de escrita desenvolve a sua habilidade de refletir sobre a produção de um determinado gênero textual para, posteriormente, ser capaz de redigir o seu texto de

forma autônoma, pois como bem descreve Hyland (2004, p. 122-123, tradução nossa), o andaime

[...] assume diferentes formas e pode ser fornecido em relação a aspectos culturais, sociais, contextuais e linguísticos do gênero a ser produzido; ele geralmente inclui modelos, discussão, instrução explícita e considerável contribuição do professor para assistir os aprendizes no desenvolvimento da competência em um gênero. (HYLAND, 2004, p. 122-123).

Partindo dessa premissa e a partir do que foi visto até aqui é possível constatar que as tarefas de aprendizagem podem dar subsídios aos alunos para que ele se familiarize com o gênero tanto em situações reais, como em contextos simulados e adquira competência para produzi-los com efetivo êxito. E mais, retomando Swales (1990), que atinja o propósito comunicativo pois esse é um critério importante no reconhecimento de um gênero visto que [...] “O propósito comunicativo é um critério privilegiado que opera no sentido de manter o escopo do gênero, conforme concebido aqui, estreitamente focado em uma ação retórica comparável (SWALES, 1990, p. 58)”.

SEÇÃO 7 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando findamos um trabalho a sensação é de alívio por ter cumprido a tarefa a nós proposta. Certo? Em partes. Até que ponto um trabalho pode ser considerado concluído? Podemos realmente dizer que chegamos ao fim de nosso trabalho de pesquisa? Esses questionamentos suscitam outros, que suscitarão outros, haja vista o fato de que nossa vida permeia-se de perguntas e de ciclos que não se fecham totalmente pois cada ciclo faz parte de outro ciclo e cada pergunta gera novas dúvidas.

Este trabalho de pesquisa pretendeu levantar questionamentos acerca do processo de escrita do gênero artigo de opinião na esfera escolar acadêmica e elaborar um roteiro de escrita para auxiliar efetivamente nesse processo. Buscamos na perspectiva sociorretórica de autores alinhados a essa vertente como Swales (1990), Miller (2012), Bazermam (2006,2013), Swales e Feak (2012) os pressupostos teóricos para ancorar a análise de nosso *corpus* que foi composto de trinta artigos de opinião produzidos no vestibular de inverno UEM/2019 para a elaboração do roteiro de escrita.

Desse modo, tomando como ponto de partida a concepção de gênero elaborada por Swales (1990), nossas reflexões estiveram voltadas não só para um gênero já legitimado (o artigo de opinião), mas também para o processo de produção desse gênero e na sua organização retórica dentro de um contexto de produção específico, o vestibular.

É preciso pontuar também que consideramos o fato de que, nas últimas décadas tem-se dado especial atenção ao ensino de Língua Portuguesa haja vista o desempenho dos alunos em suas práticas, tanto na esfera escolar quanto na esfera social. Fato evidenciado pelos vários discursos vigentes, sendo esse mesmo desempenho objeto de estudo no campo da linguagem (CORTEZ, 2010).

Considerando os gêneros textuais como ação social (MILLER, 2012) e partindo da premissa de que, conforme Swales (1990) o propósito comunicativo de um gênero determina a sua organização retórica e escolhas linguísticas, entendemos que na prática docente é necessário que se lance um olhar para além dos procedimentos convencionais de ensino e aprendizagem de gênero textuais, despertando no aluno um olhar crítico ao lidar com gêneros textuais sendo interlocutores ou locutores com a capacidade de intercambiar esses papéis com relativo sucesso.

Portanto essa pesquisa teve como um dos objetivos analisar a organização retórica dos artigos de opinião procurando fomentar uma reflexão mais aprofundada acerca da organização textual e do propósito comunicativo bem como apresentar um roteiro de escrita para os professores que poderá ser adaptado e usado em sala de aula.

E, retomando o questionamento: Será que podemos dizer que findamos o trabalho proposto? Absolutamente negativo. Podemos dizer que fechamos um ciclo e suscitamos novos questionamentos. Ansiamos que nossa pesquisa seja útil em um contexto de ensino e que, a partir dela surjam novas pesquisas que preencham a lacuna deixada.

Ressaltamos a relevância de que os sujeitos envolvidos na prática comunicativa e no processo de ensino e aprendizagem de gêneros tenham em mente que o ensino e a análise dos gêneros não devem se preocupar apenas com a forma, mas também com o contexto (vida) que está ao redor do texto. Bazerman assertivamente diz

[...]pois os gêneros não são apenas formas. Gêneros são formas de vida, modos de ser. São frames para a ação social. São ambientes para a aprendizagem. São os lugares onde o sentido é construído. Os gêneros moldam os pensamentos que formamos e as comunicações através das quais interagimos. Gêneros são os lugares familiares para onde nos dirigimos para criar ações comunicativas inteligíveis uns com os outros e são os modelos que utilizamos para explorar o não-familiar [...] (BAZERMAN, 2006, p. 23

Sobre o processo de escrita o autor postula:

[...] nosso motivo para escrever pode vir da necessidade de atender a exigências sociais ou legais. As tarefas de escrita obrigatórias muitas vezes nos chegam sob formas reguladas em ocasiões reguladas. Nesse caso, ou participamos ou resistimos visivelmente e arcamos com as consequências (BAZERMAN, 2013, p. 100).

Para um efeito conclusivo pontuamos que o roteiro de escrita pode ser um instrumento valioso de apoio na produção de artigos de opinião eficientes para o contexto do vestibular, e que, adequado ao contexto, pode equipar o aprendiz de forma que se torne autônomo na sua produção escrita. Ademais, a elaboração dessa pesquisa, e especificamente desse roteiro, focou na organização retórica do gênero artigo de opinião no contexto do vestibular. Nesse sentido, poderá contribuir para o desenvolvimento de competências linguísticas e para a produção de diferentes gêneros textuais.

Por fim, nosso percurso analítico mostrou-nos que, conforme os pressupostos bakhtinianos, todo texto está em dialogicidade com outros textos e que a partir da perspectiva da sociorretórica cada contexto de produção determinará tanto os expedientes linguísticos quanto a estrutura e organização das funções retóricas de um determinado gênero. Sobretudo, todo processo de pesquisa, análise e reflexão resultou em um roteiro de escrita adaptável e flexível a qualquer gênero e contexto que se apresente/emule.

E, para fechar nossas reflexões pontuamos a importância dessa pesquisa que propõe, assertivamente, uma análise e também uma proposta de escrita e compreensão do gênero artigo de opinião no contexto simulado (e arriscamos dizer: angustiante) de vestibular, análise e proposta que pode ser adaptada e aplicada a qualquer gênero e contexto.

REFERÊNCIAS

- ALVES, M. A. A argumentação filosófica: Chaïm Perelman e o auditório universal. Belo Horizonte, MG: [s.n.], 2005.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola.
- ARGUMENTO In: Origem da palavra. Disponível em: <<https://origemdapalavra.com.br/pergunta/etimologia-da-palavra-argumento>> Acesso em 13 jun 2021.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BRAIT, Beth (org). BAKHTIN: CONCEITOS-CHAVE. São Paulo: Contexto, 2005
- BAZERMAN, Charles. **Gênero, agência e escrita**. HOFFNAGEL, Judi t Chambliss; DIONÍSIO, Angela Paiva (Organizadoras). Tradução e Adaptação: HOFFNAGEL, Judit Chambliss. São Paulo: Cortez, 2006.
- BAZERMAN, Charles. **Retórica da ação letrada**. (Tradução Adail Sobral, Angêla Dionísio,,Judith Chambliss Hoffnagel, Pietra Acunha)- 1ª Edição . São Paulo, Parábola Editorial- 2013
- BERNADINHO, Cibele Gadelha; VALENTIM, Dawton Lima. O gênero artigo acadêmico e a cultura disciplinar da área do direito: as primícias de uma análise sociorretórica. **RevLet – Revista Virtual de Letras**, 8(2), pp. 122-141. 2016.
- BIASI-RODRIGUES, Bernadete. **Estratégias de condução de informações em resumos de dissertações**. [Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina]. 1998.
- BOFF, Odete M. B.; KÖCHE, Vanilda S.; MARINELLO, Adiane F. **O gênero textual artigo de opinião: um meio de interação**. ReVEL, vol. 7, n. 13, 2009. [www.revel.inf.br].
- BORGES, Flávia Girardo Botelho. **Os gêneros textuais em cena: uma análise crítica de duas concepções de gêneros textuais e sua aceitabilidade na educação no Brasil**. Universidade Federal do Pernambuco - Natal - Rio Grande do Norte / Brasil ,2012–Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/6WyLGqnRwsdFHnxkxr5cxmx/> Acesso em 12 de junho.
- BRÄKLING, Kátia Lomba. **Trabalhando com artigo de opinião: revisitando o eu no exercício da (re)significação da palavra do outro**. In: ROJO, Roxane (Org.). **A prática da linguagem em sala de aula: praticando os PCN**. São Paulo: EDUC; Campinas, SP: Mercado de Letras, 2000, p. 221-247.
- BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Brasília: MEC/SEF, 2000. Acesso em: 13 mai 2021.
- BUCKTA, Marta Aline; STRIQUER, Marilúcia dos Santos Domingos. **O artigo de opinião: materialização de novas práticas sociais de linguagem- UENPE-2015**
- CARVALHO, Flaviane Faria. **Padrões de organização textual e lexicogramatical do gênero acadêmico resumo de tese: um estudo de caso**. Trab. Ling. Aplic., Campinas, 49(1): 115-128, Jan./Jul. 2010.
- COSTA, Sérgio Roberto. Dicionário de gêneros textuais. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.**
- CUNHA, Dóris de Arruda Carneiro. **O funcionamento dialógico em notícias e artigos de opinião**. In: DIONÍSIO, Angela Paiva. MACHADO, Anna Rachel. BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais & ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

- DIONÍSIO, Ângela Paiva. **Análise da Conversação**. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. v. 2. São Paulo: Cortez, 2001. p. 69-99.
- ELLIS, R. **Task based language learning and teaching**. New York: Oxford University Press. 2003.
- FARACO, Carlos Alberto e TEZZA, Cristovão. **Prática de texto para estudantes universitários**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Júnior: Dicionário escolar de Língua Portuguesa**. Curitiba, 2005.
- GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa qualitativa tipos fundamentais**. Revista de Administração de Empresas São Paulo, v. 35, n.3, p, 20-29 Mai./Jun. 1995. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 13 de junho.
- GUEDES, Paulo Coimbra. **Da redação escolar ao texto: um manual de redação**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.
- HEMAIS, Barbara; BIASI-RODRIGUES, Bernadete. A proposta sócio-retórica de John M. Swales para o estudo de gêneros textuais. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, Desirée (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 108-129.
- HYLAND, K. **Genre and second language writing**. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 2004.
- JANOWSKA, Iwona. TAREFA – UM CONCEITO CHAVE DA PERSPECTIVA ACIONAL Tradução de Eduardo Nadalin, Universidade Federal do Paraná DOSSIÊ ESPECIAL: DIDÁTICA SEM FRONTEIRAS (orgs.) CHEREM, RAMMÉ, PEDRA & OLMO. **Revista X**, vol.2, 2014
- JÚNIOR, M. A. **Introdução a ARISTÓTELES**, Retórica, 1998.
- KAUFMAN, Ana Maria e RODRÍGUEZ, Maria Elena. **Escola, leitura e produção de textos**. Artes Médicas: Porto Alegre, 1995.
- KOCH, I. V. **Argumentação e linguagem**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2002. Lisboa, I.N.C.M.
- LOPES, Carvalho Janet. **Os gêneros textuais no Currículo Oficial Do Estado de São Paulo: artigo de opinião como foco do ensino e da aprendizagem no ensino médio (dissertação de mestrado)**. 2014.
- Lya Luft. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/tema-livre/lya-luft-medo-e-preconceito/>>. Acesso em: 7 maio 2021.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Análise da Conversação**. São Paulo: Ática, 1986. 94 p.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Sie beneicher. **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Palmas e União da Vitória, PR: Kaygangue, 2005.
- MEYER, M. **Questões de retórica: linguagem, razão e sedução**, Lisboa: Edições 70, Lda., 1998.
- MILLER, C. R. Gênero como ação social. In: MILLER, C. R. **Gênero textual, agência e tecnologia**. Organização Angela Paiva Dionisio e Judith Hoffnagel, tradução de Judith Hoffnagel. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. p. 21-41
- MOTTA-ROTH, Desirée. **Rhetorical features and disciplinary cultures: a genre-based study of academic book reviews in linguistics, chemistry and economics**. [Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina]. 1995.

NEGREIROS, Gil Roberto Costa. **Marcas de oralidade na poesia de Manuel Bandeira**. São Paulo: Paulistana, 2009. 218 p.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx** - 1.ed.- Sao Paulo : Expressao Popular, 2011. 64 p.

NUNAN, D. **Task based language teaching**. Cambridge: Cambridge University Press. 1991.

OLIVEIRA, Cristina Márcia Maia de. **A organização retórica de artigos de opinião na imprensa e no jornal escolar**. [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Ceará]. 2004.

ORLANDI, Eni Pulcinell. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 4ª. ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2002.

_____. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 5ª. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002a

PEREIRA, Cilene da Cunha et al. Gêneros textuais e modos de organização do discurso: uma proposta para a sala de aula. In: **Estratégias de leitura: texto e ensino**. PAULIUKONIS, Maria Aparecida, SANTOS, Leonor Werneck dos Santos (Orgs.). Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 27-58.

PERELMAN, Chaïm e OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação – A Nova Retórica**. Editora Martins Fontes. 1999. São Paulo.

PERFEITO, Alba Maria. **Artigo de opinião: análise lingüística**. In: CONALI – CONGRESSO NACIONAL DE LINGUAGENS EM INTERAÇÃO. 1., 2006, Maringá. Anais... Maringá, 2007. p. 745-755.

PETRI, Maria Jose Constantino. **Argumentação Linguística**. São Paulo: Editora Plêiade, 2004.

RAMOS, Wiliam César. **Um roteiro para a escrita de abstracts de artigos de pesquisa: estrutura retórica e técnicas de argumentação**. [Tese de doutorado, Universidade Estadual Paulista]. 2011.

RAMOS, Wiliam César; BICUDO, Cíntia; RAIMO, Luciana Cristina Ferreira Dias Di. A organização retórica do artigo de opinião no contexto do vestibular. **Entrepalavras**, 9(2), 2019. pp. 93-111. <http://dx.doi.org/10.22168/2237-6321-21493>

RODRIGUES. Rosângela Hammes. A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo: cronotopo e dialogismo. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – PUC/SP, LAEL, São Paulo, 2001.

ROJO, R. H. R. (2002) A concepção de leitor e produtor de textos nos PCNs: “Ler é melhor do que estudar”. In M. T. A. Freitas & S. R. Costa (orgs) **Leitura e Escrita na Formação de Professores**, pp. 31-52. SP: Musa/UFJF/INEP-COMPED

ROJO, R. H. R. Modelização didática e planejamento: Duas práticas esquecidas pelo professor? In: KLEIMAN, Ângelo (org.) **A formação do professor: Perspectivas da Lingüística Aplicada**. Campinas: Mercado das Letras, 2001. p. 313-335.

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E.; JEFFERSON, G. **A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation**. *Language*, n. 50, 1974. p. 696-735.

SALETE, Maria. **Gêneros(s) resumo na perspectiva bakhtiniana**. Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Anais do 6º Encontro Celsul - Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul, 2004.

Disponível em:

[http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL_VI/Individuais/G%3%8ANERO\(S\)%20RESUMO%20NA%20PERSPECTIVA%20BAKHTINIANA.pdf](http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL_VI/Individuais/G%3%8ANERO(S)%20RESUMO%20NA%20PERSPECTIVA%20BAKHTINIANA.pdf)

Acesso em 12 de junho

- SANTOS, Pérola de Sousa; MELO, Bárbara Olímpia Ramos de. A organização retórica dos artigos de opinião produzidos no contexto da Olimpíada de língua portuguesa. **Revista de Estudos sobre Práticas Discursivas e Textuais**. ISSN: 1984-2406 Centro Universitário Padre Anchieta Jundiaí/SP Graduação e Pós-Graduação em Letras EDIÇÃO 27 ANO 12 NÚMERO 1 MAIO 2019.
- SILVA, Antonio Ribeiro. **O artigo de opinião no ensino médio** (PUC-SP) ... Jornada Internacional de Estudos do Discurso 27, 28 e 29 de março de 2008.
- SILVA, Elizabeth Maria da; ARAÚJO, Denise Lino de. Redação no vestibular: efeito retroativo da noção de gêneros textuais. **Trabalho de Linguística Aplicada**. Campinas, v. 48, n. 1, p. 133-152, 2009.
- SIMONI, Rosa Maria Schmitz; BONINI, Adair. A organização retórica do gênero carta-consulta. In: BIASI-RODRIGUES, Bernadete; ARAÚJO, Júlio César; SOUZA, Socorro Cláudia Tavares (Eds.), **Gêneros textuais e comunidades discursivas: um diálogo com John Swales**, pp. 117-138. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2009.
- SKEHAN, P. A framework for the implementation of task-based learning. **Applied Linguistics**, 17, 38-62. 1998.
- STRIQUER, Marilúcia dos Santos Domingos; BARROS, Eliana Merlin Deganutti de. O Artigo De Opinião Como Redação De Vestibular: Um Olhar Sobre A Construção Composicional Do Gênero. **Revista Línguas e Letras** – v 21, n 49 ,p.86. 2020
- SWALES, J. M. **Genre analysis: English in academic and research settings**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- SWALES, J. M.; FEAK, C. B. **Academic writing for graduate students: essential tasks and skills**. 3rd edition. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2012.
- TANNEN, Deborah; WALLAT, Cynthia. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: exemplos de um exame / consulta médica. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (Orgs.). **Sociolinguística Interacional: Antropologia, Linguística e Sociologia em Análise do Discurso**. Porto Alegre: AGE, 1998. p. 120-141.
- UBER, Terezinha de Jesus Bauer. **Artigo de opinião: Estudos sobre um gênero discursivo**. Universidade Estadual de Maringá: 2008.
- WILLIS, J. **A framework for task based learning**. Harlow: Longman. 1996.

ANEXOS

Artigos de opinião dos candidatos do Vestibular de inverno da UEM /2019.

Organizamos os anexos da seguinte forma:

- a) artigos de opinião com título e assinatura;
- b) artigos de opinião com título e sem assinaturas;
- c) artigos de opinião sem título e sem assinatura.

A) ARTIGOS DE OPINIÃO COM TÍTULO E ASSINATURA (11)

1.(AO10) Em terra de "Fast" quem tem "Slow" é rei

O vestibular está quase aí e cada minuto é valioso para ingressar na no tão sonhado curso, não dá para desperdiçá-los fazendo comida e/ou almoçando com a família, Ainda mais sabendo que com toque do celular a "refeição" é servida e tudo resolvido, certo? Errado!!! Falando sério, meu caro leitor, você acha mesmo que no mundo tão "Fast" seria diferente com a juventude e a saúde? elas também passam rápido e logo aparecem as consequências de toda essa má alimentação.

Colesterol, hipertensão, diabetes, obesidade E tantas outras doenças que podem ser evitadas apenas com melhores hábitos alimentares Além disso, cozinhar e comer com calma, bons alimentos, na companhia de pessoas queridas fortalece tanto a saúde, quanto os vínculos.

Isso sem contar a parte estética, visto que uma alimentação correta fortalece unhas e cabelos, auxilia a pele, ajuda no controle de peso, além de melhorar a concentração e disposição, ambas fundamentais na hora dos estudos. Então foco, pessoal! Nos estudos e na alimentação.

Prudência

2. (AO11)Benefício em forma de comida

Prudência

Quantas vezes, leitores do Falando Sério, nossas mães não brigavam com nós quando criança para nos alimentarmos melhor, comendo mais fruta e verduras ou até mesmo para comermos mais devagar e ainda assim, nós achávamos ruim!, Pois bem, é óbvio que ela

estava e está certa até hoje. Atualmente milhares de pessoas acabam substituindo uma refeição saudável pela pelo famoso e queridinho fast-food, ou seja por um alimento rápido mas industrializado. Já que as pessoas dizem não ter tempo. Não é de negar que os Fast Foods são muito saborosos e com toda certeza, dá aquela vontade de comer mais e mais, mas já parou para pensar no que isso pode lhe causar à saúde se o queridinho for consumido de forma constante? Obviamente coisa boa que não é.

Por isso apresento o movimento Slow food que nasceu na Itália e nos propõe uma melhor alimentação e uma maior aproximação entre os cidadãos urbanos e os agricultores, visto que o objetivo desse movimento é fazer com que as pessoas comprem frutas e verduras diretamente da safra.

Assim o consumidor pode desfrutar de alimentos frescos, baratos e super saudáveis e ao mesmo tempo ajudar o produtor com seus negócios e também ajudá-los a investir mais na agricultura. Então leitores do Falando Sério, vamos aderir a este movimento?

3.(AO30)Alimentação: fast-food ou Slow food?

Prudência

Devido à pressa e a correria do dia a dia, acabamos optando muitas vezes por comer comidas como os Fast foods. Contudo essa cultura de alimentação pode acarretar em sérios problemas de saúde. Como vocês leitores do Blog Falando Sério sabem, sou estudante de Ensino Médio e também consumo fast-food assim como a maioria dos brasileiros, mas estou consciente que essa rotineira cultura de alimentação tem graves consequências para o futuro. Portanto sou contra as culturas de alimentação atuais. Além disso, quero conscientizá-los a mudarem de hábitos alimentares comigo.

Ademais, já ouviram falar do movimento Slow food? Consiste em aproximar o consumidor urbano ao agricultor, além promover uma alimentação mais devagar e saudável, temos a comida mais barata. Portanto, é uma excelente alternativa a cultura de alimentação atual muitas vezes baseada no fast-food, o qual deve ser evitada ao máximo, já que esse tipo de comida possui efeitos comprovadamente viciantes e vários produtos químicos altamente nocivos à saúde, ocasionando doenças como obesidade hipertensão diabetes e, entre outros.

Por isso é fundamental uma mudança de cultura de alimentação a fim de evitar as drásticas consequências de comer mal devido a pressa e a correria.

Há quem diga que não tem tempo para se alimentar corretamente. Mas tenho certeza que com uma simples organização na rotina torna-se viável uma mudança de hábitos. Já que assim sobra mais tempo para alternativas mais saudáveis de alimentação.

Com isso, reitero a urgência de mudanças nas culturas de alimentação atuais, para que dessa forma as consequências não afetem a vida das pessoas. Assim fica visível que uma mudança de hábitos alimentares se faz necessária, estou aderindo ao movimento Slow food, e você?

4.(AO2)Uma filosofia alimentar sustentável

Prudência

A velocidade das atividades e relações humanas têm aumentado exponencialmente desde primeira Revolução Industrial, que influenciou diretamente a rotina dos indivíduos e principalmente seus hábitos alimentares.É cada vez mais comum o consumo de "fast-food", as bombas calóricas viciantes da atualidade, que ao satisfazer meu organismo, me oferece a sensação confortante de que estou poupando meu tempo. Parece perfeito, não é mesmo, leitores do “Falando Sério”?

Por trás de toda aparência solucionadora da correria contemporânea, a nocividade dessas refeições dinâmicas, que, como estudante do Ensino Médio conheço de perto: obesidade hipertensão diabetes, alterações cíclicas, são alguns componentes do “combo” dos perigos contidos nesse estilo de alimentação e é secretamente nesse contexto alimentar caótico que surgiram as "Slow food", um antagonismo, assim como o termo sugere.

Ao me aprofundar, descobri que as "Slow food" aparecem como uma alternativa nutritiva e saudável de produção orgânica e em menor escala, que visa a calma e o prazer durante as refeições além de ser altamente sustentável e beneficiar a sociedade até mesmo em seu âmbito ecológico. Como instaurar uma nova filosofia alimentar sem romper com uma cultura calórica e viciante? Impossível. Dessa forma, como indivíduo componente de uma geração, me resta revolucionar, tanto no aspecto alimentar, quanto no aspecto ecológico, a sociedade onde vivo. E aí quem vem comigo?

5.(AO19)O que é bom nem sempre faz bem

Caros leitores do Blog Falando Sério, muitas das vezes na correria do dia a dia não temos tempo para parar e nos alimentarmos bem, com isso recorremos aos tão amados Fast food. Como estudante do Ensino Médio enfrento principalmente, no horário de almoço uma grande dificuldade em ter uma alimentação correta, e acabo não me preocupando com o tempo ou importância que dou a minha saúde alimentar

O Brasil é um dentre os quatro países que mais consomem Fast Food no mundo, pesquisas mostram que os índices de obesidade crescem a cada ano, desde crianças até adultos estão sendo afetados pelos nossos queridos e aparentemente inofensivos Fast foods, mas até quando deixaremos com que essas comidas cheias de gordura, sódio, açúcar e um altíssimo valor calórico afetem nossas vidas e tomem controle delas? Quantas doenças ouvimos falar causadas pelo excesso de substâncias que fazem mal para o nosso organismo, como por exemplo a diabetes tipo II, isso muitas das vezes consequência de uma refeição mal alimentada ou comida rapidamente em grande quantidade. O movimento Slow food, criado na Itália, vem para nos ensinar novamente como devemos nos alimentar melhor e de uma forma muito mais saudável, com a produção de alimentos frescos e vindo diretamente das nossas próprias mãos. Resgatamos além da própria saúde, nossa cultura também, voltando às raízes de receitas de famílias. Que vocês se conscientizem para uma melhor alimentação diária, recorrendo a outros meios como o Slow food, para uma saúde bem beneficiada.

Prudência

6.(AO24) Essa vida não é fácil, vamos mudar?

Bem-vindo Falando Sério ontem depois que sair do colégio li sobre o movimento Slow food e resolvi conscientizar vocês meus seguidores e leitores sobre o consumo de fast-food que vem aumentando cada vez mais. O Brasil está em quarto lugar do mundo em pessoas que mais consomem comida rápida, isso não é nada bom para a população. Estes alimentos estão prejudicando a saúde com várias doenças como diabetes tipo II, gordura no fígado, porém não dá para negar que essas comidas são gostosas, saborosas e fáceis de adquirir, mas vocês nem sabem que dá para comer gostoso, saboroso e fácil de forma saudável.

O movimento Slow food fala sobre isso e é muito legal, como as famílias se reúnem para cozinhar e acaba beneficiando todos.

Com isso venho falar que é muito importante cuidar da nossa saúde através dos hábitos alimentares, mesmo com essa vida corrida devemos ter tempo para nos alimentar bem eu já mudei para uma frase saudável, topa mudar comigo?

Atenciosamente, Prudência.

7. (AO15) Quem tem pressa come errado

Como estudante do Ensino Médio, sei como é muito mais fácil e prático comer um fast-food ao chegar cansado do trabalho, escola ou faculdade por estudar no período noturno, e estar com sono quando retorno a minha casa, já cometi esse erro. Por isso, venho através do meu blog Falando Sério mostrar os grandes problemas que um simples lanchinho fazem a nossa saúde.

Além da demasiada quantidade de gordura, sódio, açúcar e um alto valor calórico os fast-food pela falta de nutrientes que nosso organismo precisa como o tempo pode nos trazer alterações do colesterol, diabetes do tipo II, queda no sistema imunológico, entre outros. O motivo que me levou a falar desse assunto a vocês seguidores e leitores do meu blog, foi ter lido sobre o movimento Slow food que quer dizer comer com calma. Ele nos mostra como pode ser prazeroso se alimentar de maneira saudável, comer produtos frescos, preparados em casa e junto da família. Além disso, custará bem menos que o das praças de alimentação que costumam ter um preço mais alto do que realmente vale. Por fim, espero ter ajudado a conscientizá-los sobre a importância de uma refeição saudável e com calma. E como te fará bem cuidar dela.

Prudência

8 . (AO6) Alimentação saudável e os novos movimentos de inclusão alimentar

A Revolução Industrial trouxe mudanças e novas visões de mundo que modificaram radicalmente a vida de bilhões de pessoas- inclusive nos hábitos alimentares. Como jovem faço parte- felizmente- da grande parcela de pessoas que se alimenta constantemente dos Famosos "fast food". No entanto, após ler a respeito da filosofia do "Slow food" Mudei minha maneira de pensar e pretendo, assim, conscientizar meus

seguidores e outros indivíduos que ainda possui errôneos hábitos alimentares. Ao meu ver, é fundamental que haja uma evasão dessa cultura de alimentação de "fast-foods", pois suas consequências alarmantes e colocam em risco a saúde de milhões de pessoas

Primeiramente, julgo importante citar algumas das consequências que a ingestão de alimentos processados e industrializados provocam em nosso organismo. Aumento dos níveis de colesterol, hipertensão e o aumento de chances para contrair doenças como diabetes e obesidade são alguns exemplos. Sob outra análise, acredito que o movimento "Slow food" mostra-se como um único caminho para a mudança de hábitos alimentares. Além do consumo de produtos frescos e saudáveis, nessa forma de alimentação é possível interagir com o produtor e com feirante próximos do processo de criação ou plantação do alimento, contrariando os ideais do sociólogo, Z Bauman, o qual afirmava que as relações líquidas e a falta de diálogo em decorrência da pressa constante seriam características essenciais da contemporaneidade.

Dessa forma, creio que com conscientização e com medidas governamentais a fim de simplificar os direitos dos pequenos agricultores, incluindo medidas de consumo saudável e consciente ponto a sinal, pergunto-me: há algo mais assustador do que não saber-ou negligenciar - a qualidade do que se está digerindo? Para mim não. Espero que muitas pessoas-inclusive meus seguidores-repensem sobre seus hábitos alimentares e sobre a influência que sofrem de uma indústria de cultura da alimentação.

Prudência

9 (AO4) O pão nosso de cada dia

Ao me deparar com o movimento "Slow food" não pude deixar de me lembrar da minha rotina totalmente inversa a este movimento. Quando saio do colégio já como um fast-food para não perder tempo e ir estudar. Relacionei este fato com o conteúdo de sociologia, o qual recebemos uma a cultura e aculturação dos hábitos alimentares do criador desse estudo, Estados Unidos e fazemos sem perceber suas consequências. Imagino que você, leitor do meu blog, já comeu um fast-food, não é mesmo? Olha a aculturação presente no seu dia a dia também!

Em primeiro lugar, nossa rotina é tão cheia que nem nos damos uma hora para cozinhar e comer algo saudável, preferimos sempre o prático, principalmente se moramos em cidades grandes como São Paulo, onde as comidas rápidas dominam o local. Além disso,

sempre buscamos comodidade e ausência de filas, por isso entramos no "drive-thru", de grandes redes como Burger King, Burger King, McDonald 's entre outros.

Em segundo lugar, há quem diga que é melhor não se atrasar e comer qualquer coisa. No entanto, convém salientar que uma comida caseira porta mais nutrientes. As comidas rápidas contém mais sódio, colesterol e aditivos químicos os quais trazem péssimas consequências, um exemplo é a obesidade, a qual a OMS divulgou que uma em cada três crianças são obesas e que o Brasil é o quarto consumidor de fast-foods.

Por fim, ao pedirmos "o pão nosso de cada dia" nas orações, não vamos desperdiçá-lo comendo bobearas. e sim seguir o "Slow food" para aproveitarmos as refeições. Devagar e sempre! Não deixe o seu "McLanche Feliz" se tornar triste ao ver uma agulha de insulina.

Prudência

10 .(AO26)Fast food versus Slow food

Com o advento da modernidade e tecnologia, surgiram formas rápidas e práticas de alimentação como os Fast Foods, que acabam trazendo alguns malefícios.Sendo jovem estudante, entendo o lado dos que compartilham do tal hábito, Afinal, é fácil e gostoso, duas características essenciais para quem tem, como eu uma rotina agitada. Porém, esses alimentos são uma "bomba calórica", que aumentam os níveis de açúcar, gorduras e produtos químicos do organismo, além de, como o próprio nome diz, ser consumido de forma rápida, sem ser apreciado e bem digerido.

Dessa forma, caro jovens e adultos, acho mais interessante optar pela rede Slow food, que preza pela calma degustação de alimentos mais saudáveis e gostosos da mesma forma, trazendo o termo saboroso à tona. Eu, mesmo comendo fast food de vez em quando, escolhi o Slow Food para o meu dia-a-dia e como influenciador digital, gostaria de aconselhá-los a seguir esse caminho. Afinal, compensa gastar alguns minutos a mais em prol de hábitos saudáveis.

11.(AO28) Comida de verdade, saúde de verdade

A obesidade no Brasil aumenta a cada ano, fator que pode explicar o ocorrido é a expansão dos restaurantes de fast-food pelo país. No entanto, um movimento chamado Slow food, contrário ao fast food ,tem ganhado notoriedade, o qual tem sua tese baseada em que a alimentação deve ser apreciada e feita de forma lenta, com alimentos que nutrem o seu corpo. O movimento merece atenção pois pode conscientizar a população a erradicarem o fast-food.

Em um mundo capitalista onde tempo é dinheiro, as pessoas fazem uso das redes de comida rápida, muitas vezes, para não perderem tempo preparando sua refeição, porém o consumo excessivo desses alimentos levam a um grande problemas de saúde como a diabetes, colesterol alto, problemas com pressão arterial e muitos outros.Por esse motivo, resolvi apresentar aqui no Blog Falando Sério, a prática Slow food, para conscientizá-los sobre os perigos do fast-food.

O Slow food tem como objetivo estimular as pessoas a cozinharem em casa, além de beneficiar os pequenos produtores, dando prioridade a alimentos orgânicos, dessa forma a relação entre consumidor e produtor é mais próxima.Essa prática é essencial para que a sociedade mude sua cultura de alimentação para uma forma mais saudável, que troque as pizzas de sexta-feira por comida de verdade.Como estudante do Ensino Médio, aprendi que um dos fatores para se obter uma boa saúde é a ingestão de determinados alimentos para repor as vitaminas e os aminoácidos em nosso organismo, sem a reposição delas o corpo fica suscetível a doenças.

Por mais que todos nós já saibamos das consequências do fast-food, ele se tornou um hábito alimentar e não vai ser fácil substituí-lo .O que precisamos fazer é reeducar a nossa mente para que a comida caseira traga satisfação e o prazer que as comidas rápidas trazem.

B) ARTIGOS DE OPINIÃO COM TÍTULO E SEM ASSINATURA (14)

1. (AO13)Slow food x Fast food

Ontem li o movimento "Slow food" ("comer com calma "), que defende uma maior reserva de tempo para preparar os próprios alimentos e comer tranquilamente, degustando o real sabor da comida.Além disso, ele também incentiva a compra de produtos

diretamente dos pequenos proprietários, visando um preço justo, alimentos frescos e o benefício tanto dos agricultores, como dos compradores. Depois de ler, resolvi vir falar com vocês leitores, sobre as culturas de alimentação nos dias atuais e suas consequências .

Assim como a maioria das pessoas do mundo e, provavelmente, vocês, eu consumo fast food (comida rápida) seja para ganhar tempo, em uma era em que há falta dele , ou por causa de excessiva quantidade de propagandas, que estimula nossa vontade e nos manipulam inconscientemente. Todavia, é um hábito ruim, pois essas comidas possuem elevados níveis de gordura, de sódio, de açúcar e de aditivos químicos. estas quantidades podem causar doenças como hipertensão (pressão alta), diabetes tipo 2, obesidade e transtornos digestivos, além do vício. Isso ocorre devido a falta de nutrientes, uma vez que não são fornecidos por esses alimentos, somado ao excesso das substâncias que possuem, que podem gerar transtornos fisiológicos e processos inflamatórios, provocadores de doenças.

Portanto, decidi começar a apoiar o movimento Slow food, para tentar melhorar meus hábitos alimentares e minha saúde, degustar calmamente os alimentos e pagar um preço justo por isso, espero que vocês pensem sobre o assunto e, assim, também decidam por participar dessa linha de pensamento. Até a próxima publicação.

2.(AO3)O fim da Saúde na alimentação

Como estudante do Ensino Médio e como dona deste Blog Falando sério, me sinto na obrigação de comentar sobre o consumo de fast-food, que é adotado pela maioria dos brasileiros nos dias atuais e por mim mesma. Depois de ler sobre o movimento italiano "Slow food", que propõe aproximação entre o consumidor Urbano e o agricultor, pude notar a necessidade de um resgate nutricional e cultural na alimentação brasileira!

Os tão famosos "fast-foods" contém um valor calórico muito alto, além de altas concentrações de sódio, açúcar e gordura, o que tem levado ao aumento do aparecimento de doenças como hipertensão, diabetes e principalmente a obesidade.

Esta Cultura que é baseada no tempo e na agilidade com que as coisas são feitas está acabando com a saúde da população, por isso, a partir de hoje tentarei mudar meus hábitos alimentares e ingerir menos "fast-foods espero que vocês, tenham entendido a gravidade dessa situação e que também tentem buscar uma vida mais saudável e com

hábitos alimentares melhores, Deixarei também o texto sobre o "Slow food" no blog, caso alguém se interesse e queira saber mais sobre o movimento.

3.(AO12)Slow food: um novo rumo na alimentação

Leitores do Blog Falando sério, recentemente li um texto que abordava a ideia de um movimento: slow food (comer com calma), que me levou a análise de como estava me alimentando e as consequências que minhas atitudes estavam me proporcionando. Como consumidora diária de fast-food como a grande maioria, percebi o quanto passou a ser um hábito comer comidas prontas e industrializadas na vida da população, da mesma forma que, nos tornamos massa de manobra das campanhas publicitárias, que nos transmitem uma ideia de acomodação aliado ao prazer imediato. E arrisco dizer que mesmo sabendo dos riscos da saúde que essa base alimentar proporciona, a alienação é tamanha, a ponto de acreditarmos que não há problema em permanecer consumindo-a. Acredito sim em uma alimentação limpa, orgânica e ao ler sobre o movimento e seus benefícios, gostaria de propor a vocês meus leitores, que refletissem sobre seu modo de vida e os caminhos que podem aderir para melhorar a estrutura alimentar que venham tendo.

Alimentação pode mudar o mundo diante da frase citada por Bela Gil Chef e apresentadora penso ser, de fato o caminho mais favorável a seguir, uma alimentação pura e saudável, diante desses exemplos, podemos sim dar um novo rumo em nossa vida.

4.(AO5)Todos devem praticar o Slow food

Como estudante do Ensino Médio, sou uma pessoa que consome fast-food, mas após ler sobre o movimento Slow food (que é o resgate da nutrição mais natural criado há mais de duas décadas na Itália), venho publicar em meu blog pessoal, pois veja o que estamos inseridos em uma cultura de alimentação que traz grandes consequências a saúde e que apenas visa a facilidade e o menor tempo de preparo e por mais que as grandes cidades façam com que tenhamos cada vez menos tempo para a alimentação, precisamos optar por cozinhar, e não achar que isso é perda de tempo. Além disso se optarmos por uma alimentação saudável composta por alimentos naturais que vem direto do Agricultor, nosso organismo sem dúvidas irá "agradecer", além de passar a funcionar melhor eliminar

a chances de desenvolver processos inflamatórios como a obesidade a diabetes tipo II, entre outros

Ademais, sabemos que os Foods são saborosos e viciantes mas uma alimentação saudável pode ser muito saborosa Ainda mais quando saboreamos o que comemos na companhia de quem gostamos, Afinal as melhores lembranças da vida são feitas nos pequenos momentos.

5 .(AO21)Hora da refeição: perda de tempo ou momento prazeroso ?

E aí pessoal que acompanha meu blog Falando Sério, tudo bem com você? Para quem é novo por aqui, sou estudante do Ensino Médio e minhas aulas deste semestre acabaram, então ultimamente tenho lido muito sobre atualidades e reparado mais no mundo ao meu redor . Semana passada me deparei com uma reportagem que falava sobre o " Slow food", movimento criado na Itália que propõe uma vida mais saudável, com alimentos naturais e que deixam o nosso dia a dia mais prazeroso.

Isso me fez pensar muito sobre como nossos hábitos alimentares atualmente são péssimos e afetam drasticamente Nossa qualidade de vida.Deixamos de ter uma alimentação correta por "falta de tempo" ou até mesmo por preguiça, mas temos disposição e tempo de sobra para ficar horas esperando sozinhos o lanche chegar na fila do fast-food.O problema é que as consequências de tudo isso uma hora chegam e quando você menos perceber estará fazendo parte da população obesa, com transtornos alimentares e afastado de suas famílias e tradições. Então que tal pararmos de inventar desculpinha esfarrapada e desfrutarmos do melhor que o nosso planeta tão rico tem a nos oferecer?

6 .(AO25)Como e porquê alimentar-se de modo saudável

Como meus seguidores já sabem, eu estou no terceiro ano do Ensino Médio e estudo integralmente nas escolas, o que torna meu dia bastante corrido,então almoço no shopping, que fica a do colégio. Assim como eu, outras pessoas aderiram as culturas do fast-food, estão sempre correndo com o trabalho e estudo.

O fast food (comida rápida) facilitou nossas vidas por ser prático, mas infelizmente traz riscos à saúde. São alimentos compostos de sódio, açúcares e alto valor calórico que

podem causar doenças como obesidade, diabetes, hipertensão e colesterol alto, por isso resolvi investigar mais sobre o assunto e compartilhar com vocês no Falando Sério.

Na minha pesquisa encontrei uma reportagem que falava sobre o Slow food (comer com calma), é um movimento, que despertou meu interesse em buscar alternativas para me alimentar melhor, em prol do resgate da nutrição natural, ele também incentiva a cozinhar e recuperar a cultura de receitas familiares.

Eu achei um modo de encaixar o Slow food na minha vida e que quero passar para quem me acompanhar no blog. Aos domingos eu faço receitas saudáveis e separo em vasilhas que levo a geladeira, depois fica fácil de me alimentar durante a semana, É só esquentar na escola. Termino aqui convidando vocês a fazer o mesmo e construir um hábito saudável

7.(AO1)Alface também existe fora do x-burger!

Nosso dia a dia às vezes é tão movimentado que a última coisa que pensamos é em comer e quando pensamos é ridícula a ideia de cozinhar nossa própria comida, com alimentos frescos ou ir num restaurante assim. Logo penso naquele delicioso hambúrguer Fast food pingando queijo (o qual o vi no outdoor na rua) que, na teoria, é gostoso e rápido.

Acredito que vocês também são assim, fiéis leitores de meu blog, porque segundo um estudo espanhol somos o quarto país que mais consome fast-food no mundo, e de consequência mais da metade dos brasileiros estão acima do peso. Somos apaixonados por comidas cheias de sódio e aditivos químicos! Por isso trago aqui uma alternativa que conheci recentemente: o Slow food (comer com calma), uma filosofia que acredito que devemos nos conectar mais com a comida, respeitando-a, sobretudo sua origem e usando alimentos frescos e orgânicos. Antes que digam que virei hipie e amante da mãe natureza prometo que não! Continuo a mesma estudante de Ensino Médio normal que adora comida industrializada, mas venho repensando nos hábitos alimentares de nossa população.

Acredito que perdemos muito contato com o alimento. Eu mesma nem sei qual foi a última vez que segurei uma batata sem ela estar frita e processada. Não sabemos mais de onde vem o alimento, quando foi colhido e quem o colheu, se é orgânico ou não. Então tenho uma proposta para fazermos juntos: sabe aquela feirinha de sua cidade? pelo menos uma vez por semana dê uma passada por lá, converse com os vendedores sobre o produto

(sem parecer uma louco, por favor!), compre alimentos frescos e preferencialmente orgânicos, tente fazer algumas comidas por mais simples que seja e observe seu corpo agradecendo pela comida nutritiva e saudável. Se quiser, comente aqui como foi sua experiência. Até a próxima Slow enters!

8 .(AO14)Você quer ser o que você come?

Sua vida está tão concorrida ultimamente que você nem presta atenção no que come ou, assim como eu, come o que pode na hora que consegue? Cursando o Ensino Médio e visando o curso de nutrição, neste meu blog venho comparar as duas mais famosas culturas de alimentação- fast food e Slow food- e explicar porque a última é definitivamente minha meta de vida, e deveria ser a sua também.

Você já experimentou comidas instantâneas ou de grandes empresas de fast food tenho essa certeza porque o mundo atual com todas as dominações e afazeres não nos deixa "perder tempo" escolhendo produtos de qualidade ou chegando a procedência dos alimentos que ingerimos, então, espero que você tenha noção da quantidade de substâncias maléficas ao seu corpo, que desencadeiam doenças cardíacas e transtornos como a obesidade foram colocadas dentro de seu organismo coisas que não são encontradas no movimento Slow food, pois se conhece o fornecedor e os seus meios de produção. A cultura do fast-food é conectada também ao fato de não socializarmos enquanto comemos ponto porque o fazemos tão rápido quanto a comida foi entregue em nossas mãos. Isso é um triste fim as rodas de conversa e amizades feitas através da comida compartilhada e apreciada com tempo, momentos esses que são retomados pelo slow food.

Muitos alegam não comer bem pela falta de tempo, visto que a hora do almoço pode ser usada para determinar certos afazeres e atualizar as redes sociais,mas eu te pergunto seguidor: como nós temos tão pouco tempo para comer bem cuidando de nossa própria saúde mas tanto tempo para checar e-mail ou atualizar um Instagram? Você prefere usar seu tempo socializando e cozinhando algo que previna seu corpo de doenças ou ser obrigado a perder dias ou até semanas de trabalho após contrair no mínimo uma intoxicação alimentar ?Pense no assunto e se torne junto a mim um adepto da filosofia do Slow food, nós ainda podemos mudar que seremos de acordo com o que comemos.

9. (AO20) Hábitos alimentares e o tempo

Caros seguidores, no artigo de hoje quero falar um pouco sobre hábitos alimentares, e um movimento que surgiu na Itália há mais de duas décadas e está sendo introduzido no Brasil recentemente. O Slow food é um movimento que visa uma nutrição mais saudável da população através de alimentos comprados dos próprios produtores, na maioria orgânicos e que devem ser ingeridos com tranquilidade.

Eu particularmente achei a filosofia desse movimento incrível pois ele beneficia a todos. Como um aluno do ensino médio, minha vida é muito corrida com tantas aulas, provas e compromissos, assim como na vida da maioria dos brasileiros, o pouco tempo livre que temos, queremos usar em coisas úteis e de forma rápida. Isso explica o enorme sucesso das fast-food no Brasil.

Todos sabemos que comer rápido não é um hábito alimentar saudável e que as comidas das redes de fast-food que vemos em shoppings são de alto valor calórico e lotadas de gorduras, aditivos químicos, açúcares e etc, além de serem viciantes e consequentemente gostosos. Confesso que eu comia alguns fast-food pelo menos uma vez na semana, porém após ler sobre o Slow food estou tentando aderir a filosofia de uma vida mais saudável.

Gostaria de convidar vocês, seguidores a aderirem comigo o movimento Slow food , comer com calma, com as pessoas que gostamos, preparar nossa comida de forma saudável pode ser uma experiência incrível, além de beneficiar pequenos produtores e respeitar a biodiversidade.

10. (AO18) "Comer é bom para poder crescer"

É indiscutível que fast-food é uma delícia, mas o seu organismo também pensa assim? Sou estudante do Ensino Médio, e publico neste blog "Falando Sério" assuntos que podem ajudar outros alunos e nesta publicação irei falar sobre o movimento Slow food, o qual, recentemente li sobre.

Assim como dito anteriormente, sou estudante e sei a correria de todos os dias de nós alunos. Muitas vezes trocamos um almoço saudável por um lanche devido ao limitado tempo que temos para nos alimentar e voltar aos estudos. Em minha opinião, essa troca nos causa terríveis consequências, pois além das altas concentrações de sódio é gordura

presente no fast-food, essa alimentação atrapalha nosso aprendizado, o que não pode ser desconsiderado, ainda mais pelos vestibulandos, não é mesmo?

Sendo assim, o movimento Slow food é uma filosofia que procura melhorar o costume alimentar de cada um. A simplicidade de suas regras, como montar você mesmo sua comida e apreciá-la com calma durante a refeição, foi o que nem encantou. Aderi a este modo de alimentação fazendo marmita para almoçar no colégio, e digo que é completamente visível o melhoramento do meu aprendizado, e claro, na saúde. Até mesmo minha ansiedade e nervosismo, para as provas escolares e vestibulares melhoraram. Me converti ao Slow food, e você vai ficar fora dessa?

11.(AO27) Fast food x Slow food

Hoje no Falando Sério, vamos abordar um tema de cultura de alimentação nos dias atuais e suas consequências. Sim os famosos e queridinhos fast-food e suas armas prejudiciais à nossa saúde. Disfarçados de facilidade e praticidade, são os maiores vilões da atualidade, bem nas nossas mãos. Como estudante do Ensino Médio, sou prova viva de como somos adeptos aos fast-foods, e vim aqui hoje mostrar que existe uma alternativa para mudar nossos hábitos alimentares, e comer muito mais saudável, são os slow food.

Na era onde o índice de obesidade é elevadíssimo e assustador, os fast-foods são os principais culpados para o surgimento de doenças como a diabetes, hipertensão, colesterol alto, entre outros, pois não fornecem as proteínas e nutrientes necessários ao nosso organismo. Os Slow food é a maneira de introduzir mais saúde às nossas mesas, ele resgata a nutrição mais natural, estimula as pessoas a cozinhar mais em casa e diminuir a distância entre o pequeno produtor e o consumidor, o que torna mais barato os gastos na alimentação. O que antes gastávamos muito dinheiro e diminuimos as perspectivas de saúde e tempo de vida com a péssima alimentação agora economizamos, adquirimos mais saúde com alimentos ricos em vitaminas e ainda temos mais tempo com a família ao redor da mesa. A falta de tempo não cola mais, essa desculpa não cabe mais na mesa. E aí, vamos de Slow food hoje?

12.(AO7) Cultura da má alimentação

Como estudante do Ensino Médio e consumidor dos Famosos fast-food, ao ler sobre o movimento Slow food decidi escrever para o meu blog pessoal, Falando Sério,

sobre os maus hábitos alimentares da maioria dos brasileiros nos dias atuais e suas consequências a fim de conscientizá-los.

Estamos entre os quatro países que mais consomem fast-food no mundo, nossa população está cada vez mais obesa e se alimentando de maneira errada, o que gera uma grande preocupação, pois esse estilo de vida causa gravíssimos problemas na saúde como pressão alta, doenças cardiovasculares, sem contar na dificuldade que muitos obesos têm para realizar atividades físicas que leva-nos ao sedentarismo, um problema desencadeia o outro.

O movimento Slow food estimula as pessoas a preparar em seu próprio alimento, a terem um maior contato com ele, comprar alimentos frescos em feiras, diferente de comer alimento que você nem sabe de onde veio ou como foi produzido e quais ingredientes estão por trás. Um benefício de adotar esse estilo de vida e seguir o movimento é a questão dos agrotóxicos, que cada vez mais nós brasileiros consumimos e todos sabemos o mal que faz consumir em excesso, não tem como se livrar totalmente deles mas é possível diminuir a quantidade com produtos de pequenos produtores, onde o uso de agrotóxicos é bem menor.

Devemos deixar de lado a cultura predominante do fast food e se preocuparmos com o corpo e com os alimentos que ingerimos, os quais refletem muito em nossa saúde, aliás, nós somos o que comemos.

13.(AO17)Falando Sério: você é da era fast-food?

É fato que minha vida mudou bastante depois que ingressei no ensino médio, mas nunca imaginei que meus hábitos alimentares e influenciariam tanto na minha rotina de atividades estudo como também na minha saúde e até mesmo em relação à autoestima cultura fast-food. tão venerada por mim e pelos meus dias corridos, está com os dias contados depois que tomei conhecimento do movimento Slow food (comer com calma), uma filosofia que ensina a compartilhar refeições e a comer Sem pressa

Acredito ser fundamental expor minha opinião para vocês, queridos seguidores, com objetivo de conscientizá-los de que nós realmente somos aquilo que nós comemos /ingerimos. Primeiramente, o fast-food é uma cultura alimentar que perpetua nos dias atuais por causa de seu visual e paladar sedutores, pela sua praticidade e rapidez. Entretanto, acarreta consequências terríveis em nosso organismo, abaixando nossa

imunidade e nos tornando suscetíveis a adoecer. Sem falar que não nos sustenta devidamente, fator que não é legal para nós, maioria estudantes.

Tendo isto em mente, aliado aos conhecimentos que obtive em relação ao slow food, conclui que a cultura fast-food pertence a uma era passada. O inovador movimento comer com calma me fez repensar meus hábitos alimentares. Alimentos naturais, nutritivos, saudáveis, orgânicos é que devem fazer parte da nossa rotina. As consequências, dessa maneira saudável de se alimentar, irão definitivamente refletir no seus estudos e na sua saúde mental e física, assim como já começou a acontecer comigo. E aí? Você ainda é da era fast-food?

14 .(AO22)Filosofia na refeição

Como estudante do Ensino Médio e cidadão pertencente a maioria dos brasileiros que consomem fast-food, entendo que este é um hábito terrível, mas tentador, Afinal quem não gosta da praticidade oferecida pelas redes de comida rápida? Porém querido leitor do Blog Falando Sério não me contento nem um pouco com tal hábito, muitas das vezes me sinto até culpado pois sei que terei de arcar com algumas consequências como possíveis causas futuras de obesidade, hipertensão e diabetes, ocasionada pelas quantidades altas de gorduras, sódio, açúcares e aditivos químicos que possuem efeitos viciantes.

Portanto, venho aos poucos substituindo o fast food a uma filosofia chamada "Slow food"Que consiste em se alimentar respeitando a biodiversidade, comprando direto do agricultor, priorizando alimentos orgânicos e trazendo mais saúde ao prato. Além disso, estudos realizados por nutricionistas e neurologistas comprovam que em prática é de extrema importância para um bem-estar emocional, já que consiste no consumo de vegetais, responsáveis pela produção do hormônio da felicidade e controle da ansiedade, juntamente com frutas cítricas.

Desse modo, leitor, acredito que uma boa alimentação é base para um bom funcionamento físico e mental do ser humano.

C) ARTIGOS DE OPINIÃO SEM TÍTULO E SEM ASSINATURA (05)

1- (AO23)

Olá queridos leitores do “Falando sério”

O assunto de hoje é sobre algo que está sempre presente na minha rotina: o “fast-food”.

Atualmente as nossas vidas são extremamente corridas e com isso deixamos algumas coisas muito importantes de lado como por exemplo a saúde. Minha rotina é muito agitada escola e cursinho, como consequência ter uma boa alimentação não é prioridade em determinados dias, quando não há tempo, recorro ao fast food o que não é nada saudável e como muito rápido, como se o momento da refeição não fosse importante. Já ouviram falar que a saúde começa pela boca?

Há poucos dias estava fazendo uma pesquisa para a escola e encontrei um artigo com conteúdo muito interessante sobre o Slow food. o Slow food é um movimento que incentiva as pessoas a apreciar o momento da refeição, além de comer bem e com calma. Ele traz consequências extremamente benéficas aos agricultores também, pois, os adeptos ao movimento procuram obter os alimentos direto dos produtores criando assim uma relação mais próxima entre campo e cidade algumas pessoas alegam a falta de tempo e usam como esquivo para não serem adeptos do movimento, Mas o "fast food" é prejudicial à saúde e quem consome uma hora ou outra terá problemas sérios de saúde. reflita sobre isso: comer com calma não é perder tempo é investir em seu bem mais precioso: sua saúde.

Pense nisso! E lembre-se :a saúde começa pela boca!

2.(A08)

Leitores do Falando Sério, hoje um assunto me chamou a atenção: o movimento "Slow food". Esse movimento promove a escolha por refeições caseiras, com receitas locais e uma aproximação com o produtor rural. Isto me levou a uma reflexão sobre meus hábitos alimentares, que frequentemente apresentam fast food

Como estudante do Ensino Médio meus hábitos são similares ao de uma grande parcela da população que parece nunca ter tempo. Entretanto, más escolhas levam a consequências alarmantes: cada vez mais cresce o número de pessoas com problemas nutricionais, especialmente jovens , acarretando em uma diminuição na qualidade e expectativa de vida, além do aumento com gastos médicos. Tais gastos não apenas

personais, mas também gastos com saúde pública realizado pelo Estado, pois diversos remédios direcionados a estas doenças são disponibilizados, além da equipe médica.

Outro ponto é que Fast Foods nos afastam da culinária regional e até mesmo do produtor local. Com isso o Slow food valoriza feiras, que diminuem a distância e promovem a soberania alimentar. Gerando riqueza na região e não a direcionando à grandes companhias.

Por fim, vale a pena a discussão lançada pelo movimento, pelo bem da nossa saúde e de toda a população local. Beneficiando assim diversos setores da sociedade.

3.(AO16)

Olá, seguidores, nosso assunto de hoje para o Blog Falando sério é sobre as culturas de alimentação nos dias atuais e suas consequências. Como vocês sabem sou estudante do Ensino Médio, por isso nunca tenho muito tempo livre, logo, consumo muito fast-food a fim de otimizar o meu tempo. Com tudo, ao ler sobre o movimento Slow food percebi que uma má alimentação é extremamente prejudicial.

É fato que a comida rápida tornou-se a preferida pela população menos tempo comendo resulta em mais tempo trabalhando, não é verdade? Não, não é. Os Fast foods são preparados com alto teor de sódio, conservantes e gordura, o que pode acarretar muitos problemas de saúde como hipertensão, diabetes e alteração no colesterol. Além disso, esses alimentos necessitam de um maior esforço do organismo para serem digeridos causando sonolência, o qual certamente prejudicará seu trabalho.

Nesse contexto, os Fast Foods acabam se tornando um mal banal, citado pela filósofa Hannah Arendt como o pior mal, pois é aquele que torna-se normal, corriqueiro. Dessa maneira o conceito de Slow food entra para tentar mudar essa realidade. A proposta é que o alimento seja saudável e prazeroso ao mesmo tempo. O movimento estimula que a compra seja direta com o produtor, de acordo com a safra e que a refeição seja feita e apreciada, respeitando a biodiversidade.

Sendo assim, vivendo de acordo com o Slow food teremos a saúde física, e principalmente, a mental melhorada. Em um tempo de correria vale a pena dar uma pausa, não é mesmo, seguidores?

4.(AO29)

Caros seguidores e leitores de primeira viagem, o tema do falando sério dessa semana são as práticas de fast-food e Slow food e a forma a qual influenciam nosso cotidiano e saúde.

Como estudante integral do Ensino Médio tenho um curto período de almoço, uma vez que devo retornar ao colégio para as demais atividades. Dessa forma, procuro comer algo rápido para ter tempo de relaxar e meditar. Sei que, assim como eu, milhares de brasileiros optam por uma refeição rápida se direcionando aos famosos Fast Foods, onde o alimento fica pronto em segundos e não exige preparo por parte do consumidor. Isso fez com que o Brasil ocupasse o quarto lugar mediante aos países que mais consomem fast-food, despertando um alerta vermelho diante deste resultado.

A agitação do dia a dia tirou a nós o tempo para uma boa refeição, resultando em metade da população com problemas de obesidade, incluindo problemas de alteração do colesterol, diabetes e outras mudanças no funcionamento corporal, causadas pelo vício populacional em alimentos rápidos, práticos mas prejudiciais.

Por isso apresento a vocês, leitores, um método italiano ao qual eu testei e aprovei, denominado slow food. Tal política constitui-se em desacelerar o momento da refeição, transformando-o em um hábito prazeroso de descanso e cuidado corporal. Ao determinar seu cardápio opte por vegetais e demais alimentos provados de forma saudável, coma frutas durante os intervalos ao invés de lanches, mastigue devagar, aproveite o sabor, isso trará mais saciedade. outra dica do Slow food é como comprar produtos direto do Agricultor, conseguindo então produtos frescos e com o melhor preço, além de incentivar o agricultor e o cultivo saudável.

Portanto recomendo a todos vocês a experiência do Slow food, e obtive ótimos resultados nessa rotina nova como: melhora da pele e do cabelo, maior concentração em sala de aula e mais energia e disposição para as atividades, também me proporcionou momentos de lazer ao cozinhar com a minha família aos fins-de-semana. Então aconselho que experimentem e englobem bem esse novo hábito na rotina de vocês, não deixem de comentar aqui no blog os resultados alcançados.

5.(AO9)

Olá, queridos seguidores! Nesta semana o blog apresentará um tema bastante discutido teoricamente, entretanto é raro encontrar aplicações práticas e eu era um exemplo disso . Ao ler uma notícia intitulada Slow food (comer com calma) percebi o quanto meu descuido com uma boa alimentação acarretou consequências em meu cotidiano e decidi discorrer sobre culturas alimentares nos dias atuais e suas consequências.

É fato que todos nós, estudantes do Ensino Médio, lidamos com uma constante pressão familiar relacionada aos estudos para que adentramos uma universidade de excelência. Assim é preciso conciliar o tempo destinado aos estudos com nossa vida social e virtual, o que remete o cuidado com a comida saudável ao último plano. esquecemos que também existe o tempo a alimentação.

Sendo assim, fiquei impactada com o movimento Slow food e comecei a praticá-lo. Os benefícios de um "comer com calma" não afetam somente a esfera da saúde física do ser humano, como já ouvimos falar milhares de vezes, mas também o âmbito intelectual. Além do evidente avanço na disposição física, acarretado pela substituição do fast-food pela alimentação orgânica, a concentração, a aprendizagem e o humor foram contemplados com significativas melhorias.

Há quem diga que o contexto da globalização no qual estamos inseridos não abre espaço para algo tão fundamental como uma alimentação digna de variedade de nutrientes. Todavia, afirmo para vocês que a união entre consciência da necessidade e com adequado planejamento engajada a um novo estilo de vida eu tomei meu posicionamento e afirmo novamente: a boa alimentação é irrevogável para um viver pleno. Agora é a vez de vocês!